This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

B 3 787 549

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

12!2

BOCAGE

SUA VIDA E EPOCA LITTERARIA

POR

THEOPHILO BRAGA

* * *

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1876

LOAN STACK

PQ9261
B3Z545

BOCAGE

SUA VIDA E EPOCA LITTERARIA

O povo portuguez só conhece o nome de dois poetas, Camões e Bocage; não porque repita os seus versos, como os gondoleiros de Veneza as estancias de Tasso, ou os romanos as cançonetas de Salvator Rosa, porque entre nós deu-se uma constante separação entre o escriptor e o povo, mas porque de Camões sabe a lenda do seu amor pela patria, e de Bocage repete uma ou outra anedocta picaresca. No emtanto a aproximação instinctiva d'estes dois nomes infunde um sentimento que leva a procurar se existe alguma verdade n'esta relação, que, uma vez determinada, será um seguro criterio para avaliar Bocage. Assim como os que procuram relações exteriores e casuaes, sobre as frequentes analogias de Francisco com Jesus escreveram o *Liber Conformitatum,* assim tambem entre Bocage e Camões existe uma conformidade de situações na vida, que em certa fórma deviam imprimir aos seus genios uma physionomia analoga ás identicas impressões. O grande épico era descendente de um *solar da Galiza,* e Bocage era oriundo de uma *familia franceza.* Está hoje comprovado que o genio de uma raça só chega a ser bem comprehendido e expresso pelo elemento estrangeiro que se assimilou a ella. Na renovação do Romantismo em Portugal, coube a Garrett a missão iniciadora, e Garrett era descendente de uma *familia ingleza* dos Açores. Bocage, na realidade, representa um espirito atrophiado por um meio intellectual estreitissimo, verdadeira imagem do espirito nacional, vigoroso e fecundo cretinisado pelo obscurantismo religioso e pelo cesarismo monarchico. É o representante mais completo do seculo XVIII, em Portugal, com o seu erotismo e bajulação aulica, com a galanteria improvisada e com os lampejos revolucionarios; Camões representava o espirito da grande Renascença, e a consciencia historica da nacionalidade. Differem e estão a grande distancia por isto. Bocage, sempre enfatuado da sua personalidade, ao comparar os seus desastres com os de Camões, prostra-se com uma modestia sublime. Como Camões, elle teve uma mocidade culta mas dissipada; como Camões, um generoso impulso o fez seguir a vida das armas e ir militar em Gôa; como elle, foi perseguido na metropole das colonias indianas e refugiou-se em Macau; por ultimo, ao chegar á patria viveu em lucta com os poetas seus contemporaneos, e, como a Camões, tambem lhe roubaram os manuscriptos dos seus versos; Camões morre na indigencia, celibatario e doente, á sombra de sua velha mãe, e Bocage, em eguaes circumstancias, acompanhado por uma pobre irmã. Tudo isto torna de uma luminosa verdade o soneto que começa:

Camões, grande Camões! quão similhante
Vejo o teu fado ao meu, quando o cotejo...

A mesma relação estabelecida pelo vulgo, tambem foi aqui presentida por Bocage. Era uma organisação egualmente impressionavel e fecunda, mas o seculo era mais decaído, a tradição nacional estava apagada, a missão do poeta estava reduzida a ser-se commensal de uma nobreza estulta, devota e corrompida.

No estudo de Bocage deve partir-se do que elle poderia ter sido, para se não ser injusto julgando sómente o que elle foi. É por isso que a relação estabelecida entre Camões e Bocage é um criterio; Camões é grande porque contrariou o seu tempo e lhe impoz um ideal que já não pode extinguir-se — o sentimento da nacionalidade; Bocage foi o dilecto da sociedade do seculo XVIII, porque se acanhou ás proporções d'esses mesquinhos interesses, á busca de um applauso transitorio. Na litteratura em vez de representar uma aspiração humana, tem apenas o logar que lhe dá, não a arte, mas o ter agradado a uma sociedade extincta e o ter sido o poeta cesáreo do antigo regimen.

§ I

Periodo da infancia, e vida militar (1765 a 1786.)— Depois do terremoto de 1755. — As reformas litterarias de Pombal. — O vicio humanista. — Fundações litterarias do reinado de D. Maria I. — Vem cursar para Lisboa a Academia de Marinha. — O seculo fal-o amoroso: a tradição escholar leva-o para a vida dissoluta. — A tergiversão da opinião publica ácerca de Pombal decaído, fal-o descrer da dignidade. — A falta de liberdade torna-o satyrico e obsceno. — O fanatismo torna-o de um fervor official. — Contradicção entre o genio espontaneo do poeta e o seculo official. — Influencia da litteratura franceza do seculo XVIII. — Os costumes da capital: Theatros particulares. — As *modinhas brazileiras*, e sua influencia em Bocage. — Estado das tradições populares e nenhuma relação com as creações litterarias.

O periodo da vida e actividade poetica de Bocage está encerrado dentro do longo reinado de Dona Maria I; esta circumstancia prende-se ás tendencias do seu caracter, e á fórma das manifestações do seu genio. Era o reinado do fanatismo cortezão, do beaterio opulento das basilicas, e ao mesmo tempo o de uma insuportavel philaucia nobiliarchica, consequencias forçadas de uma especie de restauração que se deu em velhas instituições sociaes anachronicas depois da queda do marquez de Pombal. Os frades acercaram-se da consciencia da rainha e deram com ella em um estado de idiotismo de que nunca mais saíu; os nobres apoderaram-se do poder e procuraram sem plano desfazer as grandes reformas do ministro decahido. Bocage nasceu ainda nos dias esplendorosos do marquez de Pombal, e a sua infancia foi embalada ao som da lenda official da alta sabedoria e firmeza do ministro; ao entrar na vida publica em 1779, não havia calumnia que se não imputasse ao velho ministro, a ponto de ser processado e interrogado na sua residencia em Pombal. Estes dois córos da opinião, que se alternaram impudentemente, bastavam para fazer desequilibrar para sempre uma consciencia nova que procurava affirmar-se na vida. Bocage, como uma organisação impressionavel, ficou para sempre sem firmeza moral, e sem um intuito serio na vida; a intolerancia do obscurantismo religioso e politico não o deixou ter ideias, porque elle via a cada instante os que pensavam serem perseguidos, e lançou-se na irresponsabilidade. Quando aconteceu uma ou outra vez ser aprehendido por causa de uma expansão de livre pensador, ou de uma rajada de jacobinismo, foi essa irresponsabilidade que o salvou. Aqui temos o meio em que este espirito desabrocha, e, como na parabola do semeador, foi a boa semente que caíu nas fendas da pedra.

Nasceu Manoel Maria Barbosa du Bocage em Setubal a 15 de Setembro de 1765; (1) foi seu pae o bacharel em canones José Luiz Soares de Barbosa, antigo Juiz de Fóra da Castanheira e de Povos, depois Ouvidor em Beja, fixando-se por ultimo em Setubal com banca de advogado; os altos cargos que occupou na carreira judicial e administrativa e a sua cultura litteraria, que o levou a cultivar tambem a poesia, tornavam-n'o apto para conhecer a precocidade do talento de Bocage e de lhe dirigir os primeiros estudos. Sua mãe D. Marianna Joaquina Xavier Lestof du Bocage, era filha do francez Gil Le Doux du Bocage, que chegou a vice-almirante na armada portugueza; isto influiu tambem na direcção de sua vida, porque era uma tradição de familia que o fazia seguir a vida militar, e acceitar o pôsto de guarda-marinha na Armada do Estado da India. D'este casamento nas-

---

(1) Livro VIII dos Baptismos da freguezia de S. Sebastião de Setubal, a fl. 176 v. Ap. *Dicc. bibl.*

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

UC-NRL
B 3

UC-NRLF
B 3 787 549

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

Enquanto alçando a mais o entendimento
Estuda os vastos céos, e com certeza
Reconhece dos astros a grandeza
A distancia, o logar, o movimento... (1)

Allude-se aqui a Physica, á Algebra e Geometria, á Astronomia e Nautica; mas a imaginação fugia-lhe para a poesia, para a galanteria, para os amores faceis, e a vida tornou-se-lhe uma dissipação. Foram sete annos perdidos, queimando incenso em todos os altares, tornando-se incapaz de tomar a sério o seu futuro. Foi n'esta época que morreu prematuramente sua irmã D. Maria Eugenia, (2) que elle celebrou com um sentimento catholico «Que em vez de pranto a jubilo convida». Já os desgostos e decepções, o faziam considerar a vida como um cativeiro. Suas irmãs mais velhas D. Maria Agostinha e D. Anna das Mercês, casaram em Setubal, e a casa paterna tornava-se dezerta, reduzida só a seu velho pae e sua irmã mais nova D. Maria Francisca, que logo depois que ficou orphã veiu viver para casa da Marqueza de Alcina, e por ultimo para a companhia de seu irmão.

---

(1) Soneto 17. Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto n.º 122.

Seu pae era ainda vivo em 1789, como se vê pela Ode saphica ao governador interino de Macau, Lazaro da Silva Ferreira:

> Se as cans honradas vou molhar de pranto
> Ao sabio velho, que me deu co'a vida
> Os seus desastres, por fatal, por negra
>   Lugubre sina... (1)

Contava sessenta e um annos de edade. A determinação d'estes factos accidentaes serve para mostrar que no seu projecto de partida para a India não o embaraçavam considerações de familia, e tudo o levava a considerar-se senhor absoluto do seu destino. Os seus versos, no primeiro periodo da vida de Lisboa, estão cheios de nomes das damas que galanteava, poetisados ao modo bucolista; as Marilias, as Marfidas, as Filis, as Tirsalias, as Elmiras, as Jonias, as Urselinas, as Elisas, as Marinas, Nises, Armias, e outras tantas celebradas nos seus sonetos, revelam o principio da sua popularidade que lhe desvairou a cabeça, e mais uma vez o aproximam de Camões, que emquanto serviu o amor nunca andou a um só remo.

---

(1) Ode 6. Ed. da *Actualidade*.

Bocage obedeceu fatalmente ao meio litterario e aos costumes que dominavam em Lisboa, na época em que abandonou a casa paterna de Setubal para vir cursar os estudos superiores. É impossivel explicar a natureza dos primeiros ensaios litterarios de Bocage se o separarmos d'estas duas poderosas causas. Estavam no seu maior fervor as *Modinhas brazileiras,* pequenas composições lyricas de arte menor cantadas á guitarra em reuniões de familia. Todos os estrangeiros que escreveram Viagens a Portugal no seculo XVIII falam d'este genero como typo nacional. A *Modinha* é tradicional pela sua conservação; era a antiga serranilha que se perpetuou na colonia portugueza do seculo XVI, e que pareceu novidade quando já estava esquecida na metrópole; os quebros languidos de voz a que eram cantadas, a expressão que lhe communicavam os labios femininos, nas partidas burguezas e aristocraticas, tornavam-nas de enlouquecer, como tão bem descreve o observador Lord Beckford. Raros eram os poetas que não contribuiam com letra sua para alimentar estas arias, que chegaram a ser um caracteristico nacional, uma especie de *lied* portuguez. O severo Garção, apezar do estudo dos quinhentistas e de Horacio, não se eximiu a essa predilecção imposta pôr um costume geral; com mais razão o talento fogoso de Bocage tinha de dispender-se n'estas redondilhas faceis e allegoricas. O duque de Chatelet, na sua *Viagem a Portugal*, descreve a *Modinha*, como se realmente fosse uma creação popular, tal era a sua importancia; diz elle: «As canções portuguezas são muito licenciosas; acompanham-se com uma guitarra, que fazem vibrar com muita graça; sua musica é alegre, viva e não sem encanto;...» (1) Os satyricos portuguezes, como Tolentino, que põem em relevo as physionomias da sociedade portugueza n'esta época, retratam esta paixão a que Bocage obedeceu; achamos em Tolentino:

Já d'entre as verdes murteiras
Em suavissimos accentos,
Com segundas e primeiras
Sobem nas azas dos ventos
As *modinhas brazileiras.*

É a esse outro costume da boa sociedade, por ventura derivado dos usos populares, o *londum*, a que allude já Sá de Miranda: «Las palabras de *london*» (p. 192, ed. 1804), allude tambem Tolentino:

---

(1) *Op. cit.*, t. I, p. 78. Paris, anno VII.

Em bandolim marchetado
Os ligeiros dedos promptos,
Louro peralta adamado
Foi depois tocar por pontos
O doce *lundum chorado*. (p. 250)

Tudo isto forçava Bocage a dispender o seu talento poetico escrevendo coplinhas para pretexto d'estas arias; eram composições faceis que o tornavam conhecido e que o faziam preciso no recente costume das partidas, censuradas com o nome de *modernismo*. As suas Anacreonticas, cançonetas, retratos e allegorias encerram os productos da sua primeira época da vida de Lisboa, e n'ellas se acha o typo completo do genero; o seguinte excerpto mostra o gosto da allegoria mythologica renovado pela influencia do classicismo francez em Portugal, e ao mesmo tempo pelo novo sentimento naturalista pela primeira vez tornado convencional no estylo de Rousseau:

N'um denso bosque
Pouco trilhado,
E a ternos crimes
Accommodado;

Por entre a rama
Fresca e sombria,
Do tenro arbusto
Que me encobria,

Vi sem aljava
Jazer Cupido
Junto de Filis,
Á mãe fugido... (1)

Era tambem este o gosto das composições dos pintores francezes das festas galantes, o voluptuoso e insulso idylio dos Watteau e Boucher, imitado nas decorações das salas, nos frescos, nas carruagens e nas caixas de rapé. Era o reinado do allegorico Cupido, com a sua corêa de amorinhos, vibrando farpões ás languidas pastorinhas que colhiam rosas. Estas composições eram o reflexo dos costumes diffundindo-se da realeza e da aristocracia para a classe média, que deixava o isolamento domestico da tradição medieval, e se tornava communicativa, e acceitava uma repentina convivencia que introduzia uma certa dissolução na familia. A vida solta de Bocage, os seus numerosos amôres celebrados nos seus versos, a repentina paixão pela popularidade são a resultante de uma vida artificial da sociedade portugueza na época em que veiu para Lisboa. Isto, que no tempo de Camões se dava com certas reservas na galanteria do paço, collocado em uma burguezia ingenua e facil de embaír deu essa licença, tão completamente descripta nos numerosos cantos obscenos do seculo XVIII, genero a que Bocage teve tambem de descer pelas exigencias do tempo.

---

(1) *Obras de Bocage*, t. III, pag. 48. Ed. da *Actualidade.*

Se por um lado elle veiu mais tarde a detestar a paixão pela *Modinha*, d'onde tirava a sua importancia litteraria o mulato Caldas, ou o mulato Joaquim Manoel recebido e ouvido com pasmo em todas as sociedades, é certo que a corrente do gosto influiu na sua vida e no seu destino, abandonando os estudos technicos, e entregando-se a uma dissipação e irresponsabilidade que o não deixaram progredir, e o collocaram na impossibilidade de submetter-se a uma disciplina moral.

Em época nenhuma o talento de metrificador teve tanta importancia na sociedade portugueza como no seculo XVIII; no *Cancioneiro* de Resende, encontra-se recommendado que é preciso saber *rifar* e *apodar* para parecer bem no paço; no tempo de Bocage, em que a poesia se emprega na bajulação dos poderosos, e em que o ser bajulado se torna uma necessidade, o poeta vivia á sombra das casas nobres á maneira dos bobos da edade media, como o Lobo da Madragôa; ou arranjava collocações officiaes para si e para os seus, como Tolentino. Não existia a individualidade do escriptor, do poeta que exprime a aspiração do seu tempo, havia o parasita que á custa de versos encomiasticos se tornava parte indispensavel dos festins. Ninguem sentia a indignidade d'esta posição, e Bocage tomou-a como uma fórma seductora da popularidade. Dos seus proprios versos diz Bocage,

> ..... que foram *com violencia*
> Escriptos pela mão do fingimento,
> Cantados pela voz da *dependencia*.
>
> (Sonet. I.)

Se no seculo XV era a facilidade da satyra que dava o lustre nos serões do paço, se no seculo XVI era a galanteria amorosa que distinguia a pleiada dos Quinhentistas, no seculo XVIII era a bajulação degradante. Tal a differença da sociedade, tal a das phases da litteratura. O poeta não se inspirava da tradição do povo, nem pensava na existencia do povo; e comtudo é no seculo XVIII em que achamos o facto, unico entre nós, das composições mais banaes das academias começarem a ser assimiladas pelo povo. Filinto notou este facto: «Como tambem n'outra era depois, (tinha eu então trinta por quarenta annos) saberem as regateiras de côr as outavas da Ecloga *Albano e Damiana*, e a Paixão, que na quaresma lhe iam cantar os cegos por doze vintens.» (1) Em outro logar das suas obras cita Filinto essa composição litteraria, que ainda hoje existe na tradição oral:

Duzentos gallegos
Não fazem um homem, etc.

como anonyma já no seu tempo. O povo procurava instinctivamente relações com o escriptor; a popularidade de Bocage, que começou muito cedo, por este novo impulso despertado tambem pelos seus improvisos, longe de o fazer buscar a genuina fonte da inspiração poetica, fel-o desvairar e perder-se na imitação franceza. Como uma forte organisação poetica, era a Bocage que competia vir pela primeira vez, nas diversas tentativas de restauração da poesia sempre sem resultado, buscar os ricos elementos da tradição popular. Existia effectivamente uma tradição desprezada e latente até ás primeiras investigações de Garrett; se o genio não tem esta intuição do seu valor então perde a individualidade e annulla-se, por que vae esgotar-se em revestir uma imitação morta e que tende a passar de moda. Tal é a situação não comprehendida por Bocage, e que, máo grado os mais felizes improvisos, o reduz á condição de um genio abortado.

---

(1) *Obras*, t. III, p. 180, nota.

Se percorrermos os escriptores do seculo XVIII, apezar de toda a sua separação systematica da tradição popular, ainda assim se encontram impensadas referencias ás creações tradicionaes que o povo repetia, e por onde se póde reconstituir o mundo da sua imaginação. Diante d'esse rapido esboço apresentado no estudo sobre Filinto, é que se conhece o que os escriptores não souberam aproveitar, e o porque da sua geral mediocridade.

Quando um Burger, um Uhland, um Wieland se iam inspirar nas fontes tradicionaes da sua nação, e creavam na sua independencia e originalidade a litteratura allemã, a falta d'esta intuição amesquinhou o maior genio poetico que o seculo XVIII produziu em Portugal; Bocage começou por imitar os poetas do pseudo-classicismo francez, e acabou por traduzir do latim, sem nenhum intuito. Que horisontes lhe podiam abrir as Odes de João Baptista Rousseau, de Argenson, de Luiz Racine, de Voltaire, ou o sentimentalismo de Gessner, ou mesmo o morno estylo didactico de Delille? Radicavam-lhe no espirito uma falsa concepção da poesia, á qual a versão das *Metamorphoses* de Ovidio, serie de quadros futeis de galanteria a que foram reduzidos os mythos gregos, vinha confirmar com o prestigio da antiguidade. É a esta corrente de imitação que Bocage deve o defeito de quasi todas as suas composições, uma constante personificação de entidades moraes, como o Dever, a Constancia, a Tyrannia, que obstaram a que elle exprimisse um verdadeiro ideal dos sentimentos; o respeito pela tradição classica submetteu-o ao jugo da mythologia, de sorte que ao retratar qualquer estado de alma não podia traçar duas linhas sem se segurar a um nume, a uma nympha, que tornam falsas todas as emoções por um invencivel cunho de convencionalismo rhetorico.

Em eguaes circumstancias se achava Camões sob a forte corrente dos estudos classicos da Renascença; sem o conhecimento da tradição popular não teria um lyrismo mais elevado que o de Caminha ou Falcão de Resende, e tendo permanecido em Lisboa ter-lhe-ia sido impossivel a comprehensão da epopêa nacional.

A vaidade ingenua de Bocage, pela sua precocidade poetica e pelos seus desgostos amorosos, levava-o a procurar analogias com Camões, e isto não pouco influíu na determinação para seguir a vida militar em ultra-mar. A vida indisciplinada de Lisboa, uma certa inapetencia de estudos scientificos, fizeram tambem com que fosse acceitada a resolução. As muitas satyras que corriam manuscriptas de Antonio Lobo de Carvalho, que ás vezes apparecem sob o nome de Bocage, viriam tambem difficultar-lhe a situação em que se achava em Lisbôa; aquelle prurido de fama que o dominou toda a vida, deve considerar-se o movel do seu despacho para Gôa. Com a data de 31 de Janeiro de 1786 apparece um Decreto que o despacha Guarda-marinha do Estado da India: «Hei por bem fazer mercê a Manoel Maria Barbosa Hedois de Bocage de o nomear Guarda-marinha da Armada do Estado da India. O Conselho ultramarino o tenha assim entendido, e lhe mande passar os despachos necessarios. Samora Corrêa, em 31 de Janeiro de 1786. Com a rubrica de Sua Magestade.» (1) N'este documento apparece pela primeira vez e unica o nome de *Hedois* na assignatura de Bocage, signal de que adoptava a genealogia franceza, do seu bisavô Antoine l'Hedois, (*Le Doux*) o que lhe despertava esse orgulho heraldico que não pôde encobrir nos seus versos:

Em fim, de ser quem sou não me envergonho,
. . . .
Pergunta a quantos vem do Tejo e Sado
Se ali me condemnou vil nascimento
A este, em que manejo, vil estado?

---

(1) Apud J. Feliciano de Castilho, *ibid.* p. 36.

Sempre entre os mais honrados tive assento,
Venho dos principaes de minha aldêa,
Não cuido que vãs fabulas invento.
.... (1)

O despacho do Conselho ultramarino foi em 4 de fevereiro d'esse anno. (2)

A saída de Lisboa para o Oriente, para a vida das armas, animado pela morta tradição do decahido valor portuguez, é uma prova decisiva para o genio de Bocage, como o foi para Camões. Vejamos se as novas e profundas impressões da natureza o fazem romper com o jugo da fria poetica arcádica, e o livram d'esse mixto de quinhentismo e de imitação horaciana, que lhe não deixa presentir o ideal. Esta data de 1786 é capital na sua vida, não pela emancipação que o seu espirito conseguisse, mas por determinar o momento em que poderia ter entrado em uma direcção nova, e em que as suas faculdades se robustecessem completamente.

---

(1) Idyllio 10. Ed. da *Actualidade.*
(2) Livro das Mercês do Ultramar, fl. 5.

§ II

Periodo de expatriação, no Brazil, India e China. (1786 a 1790.) — As primeiras impressões da viagem. — Ideal de Camões, e comparação com o seu destino. — Bocage no Rio de Janeiro, e a tradição de seu avô Gil Le Doux du Bocage. — A viagem para a India. — Retrato moral do poeta feito por esta occasião por Lord Beckford nas suas admiraveis Cartas. — Nomeado Tenente do Regimento de Infanteria de Damão, em 1789. — A sua vida em Gôa. — A deserção para a China; vida errante, e seu regresso a Lisboa. — Consequencia das viagens: adquire uma mais pronunciada individualidade, que aggrava mais a sua posição na época do espirito *official*.

A partida de Bocage para a India com escala pelo Rio de Janeiro, effectuou-se em Fevereiro de 1786, na Náo de viagem *Nossa Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena.* Estava então no esplendor do seu talento e distinguia-o uma vivacidade que assombrava; o delicadissimo observador Lord Beckford não pôde resistir ás multimodas seducções d'aquelle espirito, e esboçou-lhe o retrato moral nas suas Cartas. Para uma natureza assim vigorosa, mas atrophiada n'um meio social dissolvente, o saír de Portugal era uma felicidade; as novas impressões da natureza eram outros tantos elementos de concepção artistica e de affirmações do genio. Em Lisboa, sob a dura espionagem do Intendente Manique, que empregava n'este mister belfurinheiros com tenda volante ou loja de bebidas, (1) quando a Inconfidencia não bastava para descobrir o que se pensava e fazia, era impossivel ter espontaneidade. Dominava a suspeição do jesuitismo, e ia começar a suspeição do jacobinismo. A partida de Bocage dava-se no momento propicio para que o seu talento não fosse attrahido pela mediocridade geral; esta situação lhe proporcionava o ser dirigido por um sentimento verdadeiro e com realidade na expressão do ideal poetico. A sua despedida á terra natal, aos amores, aos amigos, o impulso que o guia, tudo está expresso com uma desconhecida simplicidade:

---

(1) Diz o proprio Manique: «Esta ideia não é minha; é o que se lê nas *Obras* de Mr. de La Mare, e de outros muitos...» *Contas para as Secretarias*, Liv. III, fl. 78 v. 1784. (Arch. nac.)

Antiga patria minha e lar paterno,
Penates, a quem rendo um culto interno;
Lacrimosos parentes;
Que inda na ausencia me estareis presentes;
Adeos! um vivo ardor de nome e fama
A nova região me attrae e chama.

Oh vós, que nos altares da amisade
Votastes exemplar fidelidade,
Vasconcellos, Couceiro,
Liz bemfeitor, Andrade prasenteiro,
Vós, que em doce união viveis commigo,
Ouvi um terno adeos de um terno amigo.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o gram Cantor, por quem d'amores
Inda as Musas suspiram;
Aquelles mares, onde os Gamas viram
Do rebelde, horrendissimo Gigante
Os negros labios, o feroz semblante.

Quer a sorte, propicia a meu desejo,
Manda-me a honra, cujas aras beijo,
Que com fervido brio
Contemple os muros da invencivel Diu,
D'onde, oh Silveiras, Mascarenhas, Castros,
Foi soar vossa fama além dos astros.

Nos climas, onde mais do que na historia
Vive dos Albuquerques a memoria,
Nos climas onde a guerra
Heroes eternisou da lysia terra,
Vou vêr, se acaso a meu destino agrada
Dar-me vida feliz, ou morte honrada.

N'esta canção Bocage descreve os sentimentos cavalheirescos que o faziam abraçar o serviço militar na India; amava então em Lisboa uma dama, a quem dava o nome bucolico de *Getruria,* e que pelo numero e fervor dos versos em que a celebra parece ter sido uma paixão algum tanto duradoura. *Getruria* é um anagramma imperfeito de Gertrudes; entre as pessoas que conservaram de memoria muitas poesias de Bocage cita-se D. Anna *Gertrudes* Marecos, que ouviu o poeta recitar com frequencia em Santarem, quando ali visitava uma familia amiga. (1) Não indicamos aqui uma realidade, mas um caminho para ella; os amores por Getruria é que inspiravam a Bocage estes sentimentos nobilissimos:

Por entre as chuvas de mortaes pelouros,
A nua fronte enriquecer de louros
Eu procuro, eu desejo,
Para teus mimos disfructar sem pejo;
Pois quem d'este esplendor se não guarnece
Não é digno de ti, não te merece. (2)

---

(1) Edição-Innocencio, t. I, not., pag. 397.
(2) Ed. da *Actualidade*, t. II, p. 138.

Na Epistola a Getruria repete este mesmo motivo:

Por piedade não percas da lembrança
O terno adeos, e as lagrimas e os votos,
Com que elle vigorou minha esperança.
  Vê que entregue ao furor de horriveis Notos,
Vim, só por me fazer de ti mais digno,
A climas do meu clima tão remotos. (1)

No Soneto que tem a rubrica: *Achando-se prestes a ausentar-se da sua amada,* fixa o logar dos seus amores em Sacavem:

Praias de Sacavem, que Lemnoría
Orna c'os pés nevados e mimosos
. . . .
De vós me desarreiga a tyrannia
Dos asperos destinos poderosos,
Que não querem que logre os amorosos
Olhos, aonde jaz minha alegria. (2)

E no Soneto: *Ao partir para a India, deixando em Lisboa a sua amada:*

---

(1) Epistola 2.ª Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto 137. Ib.

Ah, que fazes, Elmano? Ah, não te ausentes
Dos braços de Getruria carinhosa:
Trocas do Tejo a margem deleitosa
Por barbaro paiz, barbaras gentes?

. . . .

Teme os duros cachopos, treme, insano,
Do enorme Adamastor, que sempre vela
Entre as furias e os monstros do Oceano. (1)

Á maneira de Camões, que ia procurar a gloria nas campanhas do Oriente para merecer Natercia, Bocage imitava um egual sentimento para ser digno de Getruria; e como Camões disse que a patria lhe não possuiria os ossos, Bocage tambem repete como egual desalento:

Não mais, oh Tejo meu, formoso e brando
Á margem fertil de gentis verdores,
Terás d'alta Ulyssêa um dos cantores
Suspiros no aureo metro modulando. (2)
Eu me ausento de ti meu patrio Sado,
Mansa corrente, deleitosa, amena,

. . . .

Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada e branda avena.

. . . .

Devo emfim manejar por lei da sorte
Cajados não, mortiferos alfanges
Nos campos do cholerico Mavorte;

---

(1) Soneto 140. Ed. da *Actualidade*.
(2) Soneto 142. Ib.

E talvez entre impavidas phalanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges. (1)

Na sua viagem para a India a Náo *Senhora da Vida* fez escala pelo Rio de Janeiro, ou arribou ali por effeito de tempestade; (2) o Soneto que se inscreve: *Deprecação feita durante uma tempestade,* parece justificar esta ultima hypothese. Se Bocage soubesse que ia ao Rio de Janeiro alludia a isso nos seus versos por força de rima ou de imagem poetica. Era então Governador geral do Brazil Luiz de Vasconcellos Sousa Veiga Caminha e Faro, da casa dos marquezes de Castello Melhor, notavel pela grande protecção que deu ás lettras e sciencias no Brazil, amigo de José Basilio da Gama, do naturalista padre Conceição Velloso e de outros muitos sabios; o nome de Bocage já era conhecido no Rio de Janeiro, e o Governador tratou-o com uma affabilidade a que o poeta não estava acostumado:

Vasconcellos, aquelle
Que de um sorriso, oh Musa, honrou teu canto

---

(1) Soneto 135. Ed. da *Actualidade*.
(2) Opinião do snr. Innocencio, *Notas* ao t. II, p. 428.

Lá na tepida margem
Do limpido Janeiro, que a cerúlea
Gotejante cabeça
Tantas vezes alçou das vitreas grutas
Para urdir-lhe altos hymnos
Entre o côro das mádidas Nereidas... (1)

Na Canção que Bocage dedicou a Luiz de Vasconcellos e Sousa, fazendo o retrato moral do vice-rei, declara que bem desejaria fixar a sua vida no Rio de Janeiro; era-lhe isso impossivel, por causa da disciplina militar:

Eu, dos braços paternos arrancado,
E pela furia dos soberbos mares
Sacudido, arrojado
A remotos, incognitos logares,
Onde talvez me apparelhe a sorte
Depois de infausta vida infausta morte:

Eu, finalmente, com respeito interno
Meus frouxos olhos, nos teus olhos pendo,
Teu amavel governo;
Tua justiça, teus costumes sondo;
E digo então: —Senhor, só tu podias
Tornar brilhantes os meus turvos dias,
....

---

(1) Ode 9. Ed. da *Actualidade*.

Viver debaixo de teu jugo brando,
Sentir as leis do teu poder suave,
Teus meritos alçando
Ao palacio de Jove, em metro grave;
Oh que risonha, que benigna estrella
Se o pensar é prazer, que fôra tel-a?

Surdo o Fado a meus ais, a minhas magoas
D'este ameno paiz me quer distante;
Manda que eu busque as aguas
Onde se banha o válido Gigante,
Irmão dos impios que gèrara a terra,
Que ao pae dos dèoses declararam guerra.

Mas inda lá n'esses logares broncos,
De miseros mortaes misero asylo,
Sobre duraveis troncos
Teu nome escreverei com terno estylo;
Mostrando que não é lisonja infame
Quem move a minha voz a que te acclame... (1)

Durante o pouco tempo que Bocage se demorou no Rio de Janeiro, não só pelo affecto particular que sempre distinguiu o colono portuguez por tudo quanto era da mãe patria, como pelo brilhante talento da improvisação e da graça repentina que dava a Bocage um ascendente irresistivel, foi recebido e adorado na melhor sociedade. Não lhe faltavam novos amores a querel-o seduzir; na Epistola *De Elmano a Getruria,* descreve a sua viagem e este incidente:

---

(1) Canção 5. Ed. da *Actualidade.*

Do santo abrigo de meus deuses lares,
Pela sorte cruel desarraigado,
E exposto em fragil quilha a bravos mares;
Sobre as espaldas do Oceano inchado,
Dirigindo tristissimo lamento
Contra o céo, contra amor, e contra o fado;
Debalde conjurando o rouco vento,
Em vão pedindo a Thetis sepultura
Nas entranhas do mádido elemento;
Puz, finalmente, os pés onde murmura
O placido Janeiro, em cuja arêa
Jazia entre delicias a ternura.
Ali, como nas margens de Ulyssêa,
Prendendo corações, brincavam, riam,
Os filhinhos gentis de Cytherea.
Mil graças, que a vangloria trocariam
Em vergonhosa inveja á tua vista,
Usupar-te meus cultos presumiam;
Eis olham como facil a conquista;
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,
E constancia me dá, com que resista.
Este combate a gloria me accrescenta:
Conhece-se o valor do navegante
Em tenebrosa, horrisona tormenta... (1)

---

(1) Epistola 2. Ed. da *Actualidade.*

Se Bocage houvesse ficado no Rio de Janeiro a sua vida não seria mais feliz, porque os impetos da satyra não se susteriam diante dos velhos usos conservados na colonia; as *Modinhas* e os *mulatos* parece terem ali começado a irritar-lhe a bilis. É provavel que Bocage ouvisse contar no Rio de Janeiro a tradição dos feitos militares de seu avô Gil Le Doux du Bocage em 1711, n'aquella capitania, pela aggressão de Duguay Trouin, d'onde resultou ser elevado ao posto de coronel de mar e guerra em 1717. Pela sua parte o poeta deixou a tradição da sua passagem, e ainda hoje se sabe que morara na rua das Violas, no sitio da *Ilha seca.* (1)

É n'este ponto que se deve collocar o bello retrato de Bocage feito sobre a profunda impressão produzida pela sua physionomia e dotes intellectuaes em Lord Beckford. Esses traços admiraveis, ditados pela fleugma critica do aristocrata inglez, provam-nos que não ha aqui uma impressão de assalto; quem mereceu ser assim definido era na realidade um espirito de eleição. William Beckford, cuja riqueza collossal Byron cita no *Childe Ha-*

---

(1) J. Feliciano de Castilho, *Noticia*, t. II, p. 42.

rold, (I, st. 22) é o celebre auctor do mais celebre romance oriental da litteratura ingleza, o *Vathek;* quando elle conheceu Bocage em 1787, já havia viajado por Flandres, Baviera, Tyrol e Italia, e possuia um extraordinario tino de observação e um talento descriptivo inexcedivel. Viajava pelo mundo para se distraír da morte prematura de sua esposa; ao chegar a Portugal viu uma filha natural do Marquez de Marialva que era á viva parecença da mulher que amara. Isto o fez fixar em Portugal, e como n'este tempo todos os estrangeiros eram suspeitos quer de jesuitismo, quer de encyclopedismo, alcançou uma pretendida missão secreta junto á côrte portugueza. As *Cartas* que escreveu retratando os nossos costumes e habitos da côrte, são um monumento de graça e de verdade; quem lê as Contas da Intendencia da Policia, nada acha de exagerado nos quadros do joven Lord. Aqui pretendia fixar-se, e dispender os seus capitaes creando a arte e gosto em Portugal; mas a recusa do velho Marialva da mão da sua bastarda, o fez abandonar immediatamente este paiz, que perdeu o ensejo de uma nova cultura. As *Cartas* de Lord Beckford estiveram ineditas até 1834, apezar de correrem manuscriptas entre os apreciadores d'este talento excepcional. Nas *Cartas* que dizem respeito a Portugal, é que se acha o bello retrato de Bocage, quando o governador de Gôa D. Francisco da Cunha e Menezes ía tomar posse do seu cargo: «Verdeil trazia comsigo o Governador de Gôa, D. Francisco Calhariz, e um pallido, exquisito mancebo, o snr. Manoel Maria, a creatura mais extravagante, mas por ventura a mais *sui generis* que Deos ainda formou. Aconteceu estar este mancebo em um dos seus dias de bom humor e de excentricidade, que, como sol de inverno, vinham quando menos se esperava. Mil ditos graciosos, mil rasgos de delirante jovialidade, mil apodos satyricos por elle incessantemente vibrados, fizeram-nos finar de riso. Quando, porém, começou a recitar alguma das suas composições, nas quaes grande profundidade de pensamento se allia com os mais patheticos toques, senti-me estremecido e arrebatado. Póde-se com verdade dizer que aquelle extranho e versatil caracter possue o verdadeiro segredo de encantar, segredo, que, ao grado do seu possuidor, anima ou petrifica um auditorio inteiro.

«Reparando elle quanto me estava enleiando, disse-me:—Não esperava que um inglez tivesse a condescendencia de prestar, a um moço obscuro e novel versejador, a minima attenção. Vós pensaes que os portuguezes não tem outro poeta senão Camões, e que Camões não escreveu mais nada capaz de lêr-se senão os *Lusiadas*. Aqui tendes um Soneto que vale a metade dos *Lusiadas*:

A formosura d'esta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar d'estes ribeiros
D'onde toda a tristeza se desterra;

O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ár a branda guerra;

Emfim tudo o que a rara natureza
Com tantas variedades nos off'rece,
Me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enjôa e aborrece;
Sem ti perpetuamente estou pensando
Nas móres alegrias mór tristeza.

«—Não escapou ao nosso divino poeta uma unica imagem de belleza rural; e que pathetica não é a applicação da natureza ao sentimento! Que fascinadora languidez, como arrebóes do sol da tarde, se não derrama por sobre esta composição! Se alguma cousa sou, fez-me este Soneto o que sou; porém que sou eu comparado com Monteiro. Julgae! — Proseguiu, entregando-me alguns versos manuscriptos d'este auctor, que os portuguezes apreciam muito. Posto que esses versos eram melodiosos, devo confessar que o Soneto de Camões e muitos dos versos do snr. Manoel Maria me agradaram infinitamente mais; mas a verdade é que eu não estava sufficientemente iniciado na força e nos recursos da lingua portugueza, para ser competente juiz; e este transcendente genio só revelou alguma falta de penetração, imaginando que eu fôsse um d'esses juizes competentes.» (1)

---

(1) As *Cartas* que se referem a Portugal, acham-se traduzidas no *Panorama*. Cumpre-nos deixar aqui estes documentos ineditos sobre Beckford, os quaes pintam a sociedade portugueza:

«O facto que accusa a carta inclusa do Marquez de Marialva D. Diogo, acontecido a *Beckford*, que V. Ex.ª me manda informar, aconteceu do modo que vou expôr a V. Ex.ª

«Hindo *Beckford* de passeio com o seu architecto pela estrada que vae de Paço d'Arcos para Oeiras a pé, com os seus creados com os cavallos á mão, chegou a elle um mendicante e lhe pediu esmola; *Beckford* lh'a recusou dar

Bocage presentia a alma do artista debaixo da opulencia do distincto aristocrata inglez, e para impressionar essa imaginação que soube crear o *Vathek,* era preciso que tivesse na realidade alguma cousa de extraordinario. A data d'esta carta, de 1787, mostra-nos que esta scena, se passou quando Bocage navega para a India; já longe da patria, ainda no largo mar, o perseguia a emulação dos poetas laureados; este Monteiro, a que allude aqui, não póde deixar de ser José Monteiro da Rocha, que tambem cultivou a poesia com o nome bucolico de *Tirseu,* e que depois veiu a ser Reitor da Universidade de Coimbra. Á medida que avançava para o Oriente, o culto de Camões fortalecia-se-lhe na alma; porém, apesar de confessar que

---

e lhe disse que fôsse trabalhar, pelo vêr um homem robusto e mal encarado; respondeu-lhe o mendicante: Fóra Diabo Francezes! — a isto *Beckford* com o assoite que levava na mão descarregou sobre o Pobre e foi andando; este pobre com um páo que levava, por detraz descarregou com elle e por pouco não deita á terra *Beckford,* porque ainda o páo o apanhou entre os hombros; d'onde se conclue que o dito mendicante lhe atirava a segural-o pela cabeça; a este tempo iam passando dois cadetes, os quaes immediatamente prenderam o dito mendicante, e o levaram á cadeia de Oeiras.

« Escreveu-me o marquez de Marialva referindo-me devia a sua educação poetica ao Soneto de Camões, que ficou transcripto, nem por isso soube apossar-se d'esse vago e melancholico idealismo, que é a principal belleza dos seus versos.

este acontecimento; mandei vir o mendicante para as cadeias do Limoeiro, onde já estava quando recebi o aviso de V. Ex.ª, e encontrei com effeito um homem que talvez seja réo de algum delicto grave, que o obrigasse a saír da provincia da sua naturalidade, pelo semblante carregado que tem e não declarar as terras por onde tem estado estes ultimos tempos me dá alguma desconfiança de que seja algum assassino, que ande mascarado na qualidade de mendicante, para se encobrir, o que fico averiguando. He o que posso informar n'este pouco tempo a V. Ex.ª, para ser presente a sua Magestade. Lisboa, 29 de Dezembro de 1794. — Ill.mo Ex.mo Snr. José de Seabra da Silva.» *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 236 v.

Em 1799 ainda Beckford se achava em Portugal, e qual o grão de liberdade que então se gósava sob o regimen policial, póde vêr-se no seguinte documento, que lhe diz respeito:

«Ill.mo Snr. Corregedor do Bairro Alto. — Representando n'esta Intendencia Mons.or *Baehford*, que tendo mandado alguns seus cavallos a um Antonio, que por sobre nome não perca, mestre ferrador, morador por traz do palacio do Calhariz, este lhe faltára, e que por este motivo não podéra proseguir a jornada, que pretendia fazer, V. me mandará logo prender o referido alquilador, e recolhel-o a uma das cadêas do Limoeiro, á minha ordem, dando-me parte por escripto de assim o haver executado. Lisboa, 1 de Março de 1799.» *Correspondencia geral do Intendente*, Liv. XI, fl. 293.

É de presumir que a Náo de viagem *Nossa Senhora da Vida* arribasse a Lisboa ainda em Abril d'esse anno, antes de seguir viagem para Gôa, porque no *Livro das Monções*, consultado pelo snr. Filippe Nery Xavier, na Secretaria do governo geral da India, a fl. 294 se acha o seguinte assento com relação a Bocage: «Saiu de Lisboa no mez de abril do dito anno de 1786 na Náo de Viagem *Nossa Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena;* sob o commando de José Rodrigues Magalhães, e chegou a Gôa a 29 de Outubro do mesmo anno.» (1) Foi n'este regresso passageiro a Lisboa que Lord Beckford foi impressionado pela sua natureza extraordinaria.

Partindo de Lisboa para Gôa, Bocage descreve a impressão recebida ao passar pelo Cabo da Boa Esperança, da mesma fórma que Camões na sua Elegia; elle tira um feliz partido d'esta circumstancia:

Sempre no mais cruel desasocego,
Sempre commigo mesmo em viva guerra,
Ás vastas ondas outra vez me entrego.

---

(1) *Alguns apontamentos para a Biographia de Bocage*, Arch. Universal, vol. IV, p. 322.

Os negros furacões Eólo encerra,
Até que aos frouxos olhos se me offerece
O bruto Adamastor, filho da Terra.
Vê-me o monstro, que ainda não se esquece
Da nossa antiga audacia, e logo exclama
Com voz horrivel, que trovão parece:
«Oh tu, que de uma vã, caduca fama,
De uma illustre chimera ambicioso,
A estrada vens saber do affouto Gama;
«Tu, dos servos de Amor o mais ditoso,
Se as desordens fataes da louca edade
Te houvesse reprimido o céo piedoso;
«Tu, que de uma terrestre divindade
Memorando os encantos e os agrados,
Deliras entre as garras da saudade;
«O modelo serás dos desgraçados,
Porque mais, oh mortal, a ver não tornas
Meigos olhos, por Venus invejados....

……

Disse dos nautas o inimigo eterno,
E aos áres arrojou no mesmo instante
Medonhas trevas, pavoroso inverno.
O céo troveja, Eólo sibilante
Ora aos abysmos, ora aos astros leva
Entre as azas da morte o lenho errante:
Sobre elle o mar violento a furia ceva,
Rebentam cabos, não governa o leme,
Consternada celeuma ao ár se eleva. (1)

N'esta mesma Epistola descreve Bocage a sua chegada a Gôa; que se fixa em 29 de Outubro de 1786: (2)

---

(1) Epistola 2. Ed. da *Actualidade*.

«A prospera derrota assim prosigo,
Até que vejo e piso a sepultura
Dos tristes que não tem na patria abrigo.
Aqui vae sempre a mais minha amargura,
Aqui pela saudade envenenado
Como espectro acompanho a noite escura:
Aqui ninguem me attende (oh negro fado!)
Nem deoses, nem mortaes, ninguem me attende:
Tão molesto se faz um desgraçado!...»

Quando Camões chegou a Gôa viu-se «mais festejado do que touro da Merceana,» e mais socegado do que cella de pregador, como diz na sua Carta primeira; em volta d'elle agrupavam-se esses cavalleiros poetas Antonio de Abreu, Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, Luiz Franco Correa, D. Antão de Noronha, o sabio Garcia d'Orta, e outros muitos que na nossa historia abrilhantam o grande seculo XVI. O que Camões já dizia de Gôa «de todo o pobre honrado sepultura» é que se conservou, descendo as pessoas ao mais revoltante egoismo pelo habito de chatinar. Bocage achou a mesma Gôa do seculo XVI, mas nenhum resto dos homens d'esse tempo; o seu talento poetico era ali sem prestigio por causa da ignorancia petulante, e a sua inspiração achava-se sem incentivo. É o que se deduz do verso: «Nem deoses, nem mortaes, ninguem me attende». Em uma Epistola a *Josino*, com certeza o eminente latinista José Francisco Cardoso, cujas composições Bocage traduzia, vem a epigraphe de Mme du Bocage; *Dans ces climats... tout est sourd à mes cris.*» (1) Esta Epistola é escripta da India; pela epigraphe se vê que Bocage se lisongeava do parentesco com a celebre poetisa franceza Marianna Lepage, viuva de Fiquet du Bocage, auctora da *Colom-*

---

(2) Na *Relação dos Passageiros do Estado na monção de 1786*, se acha: «Manuel Maria Hedois de Bocage, filho de José Luiz Soares de Barbosa e de D. Marianna Joaquina Xavier de Bocage, natural de Setubal; de edade de 21 annos.» Em Nota á margem: «Despachado em Guarda Marinha para o Estado da India, por Decreto de 4 de Fevereiro do presente anno, registado no dito Livro (Mercês do Ultramar) a fl. 5.»

---

(1) Com o nome poetico de *Josino* tambem se acha designado um outro amigo de Bocage, José Bersane Leite, mas a sua amisade é mais recente, e fixa-se depois do regresso a Lisboa. Na versão do poema das *Plantas* Bocage enumera em uma nota os seus amigos, explicando os nomes arcádicos, e lá se acha: *Josino*, José Francisco Cardoso.

biada, e celebrada por Fontenelle e Voltaire. Este conhecimento não é sem consequencia na sua vida. A Epistola a Josino é inapreciavel para se vêr a impressão de desalento que produziu em Bocage a esplendida natureza oriental; o modo como julgava as cerimonias brahmanicas; como pela nostalgia chegou a caír em uma doença perigosa; como conspiravam contra a sua vida as pequenas intrigas da sociedade de Gôa; finalmente como se descobriu uma conjuração em que a occupação militar portugueza esteve em risco de ser trucidada. Transcrever os proprios excerptos de Bocage é restituir a vida a esta phase ignorada da sua existencia, (2) é mostrar como ás vezes a realidade é mais forte do que o convencionalismo rhetorico:

Desde que a existencia expuz á ira
Do fero mar, meu peito não socega,
Meu pensamento esfalfa-se, delira:

---

(2) No *Mappa das Informações de conducta dos Officiaes de Marinha*, da Secretaria do Governo geral da India, se acha: «Manuel Maria Barbosa Hedois de Bocage. Anno de serviço, um. Antiguidade do Despacho, de 18 de Novembro de 1788.» *Livro das Monções*, n.° 169, fl. 304. Extracto do snr. official maior Filippe Nery Xavier.

Indomavel paixão, que a todos céga,
De teus conselhos falta, honrado amigo,
A' desesperação minha alma entrega.
Louco fui, não pensei (mil vezes digo)
Que em horas se trocassem de tormento
Horas tão doces, que passei comtigo;
Fiei-me de um fugaz contentamento,
Devendo conhecer que os bens do mundo,
São qual o subtil pó que espalha o vento;
Por isso agora afflicto e vagabundo,
Estranho tanto o mal, por isso agora
De lagrimas sem fim meu rosto inundo.

……

Ah Josino fiel! Que horror faz guerra
Aos tristes olhos meus, n'estes logares,
Onde me poz a sorte, onde me encerra.
Sem medo á furia dos terriveis mares,
Vim do culto, benefico Occidente
Viver com tigres, habitar palmares.
Aqui torrida zona abafa a gente,
Ferve o clima, arde o ár, e eu não o sinto;
Que tu, fogo de amor, és mais ardente:
Aqui vago em perpetuo labyrinto,
Sempre em risco de vêr maligno braço
No proprio sangue meu banhado e tinto.
Mas caso dos perigos eu não faço;
E que posso temer, quando procuro
Rasgar da fragil vida o tenue laço?
Enche-me sim de horror o culto impuro,
Idolos vãos, sacrilegos altares,
Vis cerimonias d'este povo escuro.

N'este ponto Bocage tambem estava n'esse atrazo dos fanaticos do seculo XVI, que para vergonha do nome portuguez procuraram á força de explosões derrocar o maravilhoso templo de Elephanta. A Europa estudava já essas cerimonias vis, e Wiliam Jones descobria a velha lingua litteraria, o sanskrito, fonte de luz para as origens das linguas classicas, e para a vida das religiões; Colegbrooke traduzia as Leis de Manu, e Goethe tomava como o typo da belleza a *Sakuntâla*. Mas Bocage não tinha o ardor scientifico de um Anquetil du Perron, e a unica causa que o prenderia á India, a tradição da heroicidade portugueza, era principalmente um motivo de exacerbação e de satyra, porque elle só via o contraste vergonhoso do antigo civismo. A sua doença em Gôa, a que allude n'esta mesma Epistola, deve considerar-se o resultado da acclimação:

  Volto Josino a ti. *Lethal doença*
Do barathro surgiu, veiu intimar-me
A antiga, universal, cruel sentença.
  Negras fauces abriu para tragar-me;
Porém cedeu, rugindo, á voz divina,
Que a vida, a meu pezar, quiz conservar-me.

É depois da convalescença d'esta crise, que lhe acontece esse outro perigo do projecto de conjuração mallogrado, de que elle e a guarnição de Gôa iam sendo victimas:

Eis que perfida mão cabal ruina
(Sepultando o dever no esquecimento)
A todos nos prepara, e nos destina;
Rasgando o peito co'um punhal cruento,
Ia baixar o teu choroso amigo,
Qual victima innocente, ao monumento;
Uma alma infame, um barbaro inimigo
Da fé, das leis, do throno, um deshumano,
Credor de eterno, de infernal castigo,
Tendo embebido seu furor insano
Na falsa *gente brachmane, inquieta,*
Que amaldiçôa o jugo lusitano,
Contra nós apontava a mortal seta;
Mas estorvou o inevitavel tiro
A mão divina, poderosa e recta;
Desenvolveu-se o crime, inda respiro;
E já déstes, oh réos de atroz maldade,
Em vis theatros o final suspiro.
Eis, amigo, a recente novidade
Que da remota Gôa ao Tejo envio,
Nas murchas, debeis azas da saudade. (1)

Tambem na Ode a Luiz de Vasconcellos e Sousa, conta a sua vida no Oriente, como ali eram indifferentes aos seus versos, como conspiraram contra a sua vida, e como se achou na mais apertada miseria:

---

(1) Epistola B. Ed. da *Actualidade.*

Se da torrida zona
Os barbaros e adustos moradores
Surdos, férreos ouvidos
Para teus sons harmónicos tiveram;
Se a loquaz ignorancia
Sobre as margens auriferas do Ganges
Co'um sorriso affrontoso
As vis espadas te voltou mil vezes... (1)

Esta desesperada situação devia-lhe provocar os mais violentos impetos de satyras as mais candentes; foram estas composições admiraveis, e porventura as mais importantes dos seus sonetos, que lhe tornaram impossivel a vida em Gôa. Antes dos resentimentos pessoaes, o confronto da tradição heroica que o trouxe ao Oriente com a realidade que observava, inspirava-lhe os altivos threnos, tão offensivos para os seus contemporaneos. O soneto *Á decadencia do imperio portuguez na Asia*, faz lembrar os energicos protestos de Camões por occasião do desastre de Baharem.

---

(1) Ode 9. Ed. da *Actualidade*.

Caia Gôa, terror antigamente
Do naire vão, do perfido malaio,
De barbaras nações!... Ah, que desmaio
Apaga o marcio ardor da luza gente?

Oh sec'lós d'heroes! Dias de gloria!
Varões excelsos, que apesar da morte
Viveis na tradição, viveis na historia!

Albuquerque terrivel, Castro forte,
Menezes e outros mil, vossa memoria
Vinga as injurias, que nos faz a sorte. (1)

Como um desenvolvimento d'este grito, são os dois Sonetos *Ao grande Affonso de Albuquerque, tomando Malaca em vingança da perfidia do Rei do paiz para com os portuguezes*, e *A D. João de Castro, soccorrendo e salvando a fortaleza de Diu.* (2)

O Soneto sobre *As predicções de Adamastor realisadas contra os Portuguezes*, mostra-nos que a lembrança de Camões, que soffreu como elle em aquellas paragens, lhe ia fazendo fixar na mente as fundas analogias da situação em que se achava e com que se consolava; e por ventura não deixou de influir na sua resolução extrema de sair de Gôa, do fóco da intriga e da traição para acceitar um posto na infanteria de Damão, e visitar Macáo, onde havia sido escripta a melhor parte dos *Lusiadas*. Tal é a verdadeira importancia d'esse sentido Soneto *A Camões, comparando com os d'elle os seus proprios infortunios,* escripto antes da partida para a China:

---

(1) Soneto 158. Ed. da *Actualidade*.
(2) Soneto 154, 155. *Ibid.*

Camões, grande Camões! quam similhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Egual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar co' sacrilego Gigante.

Como tu, junto ao Ganges sussurrante,
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante!

Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao céo, pela certeza
De que só terei paz na sepultura:

Modelo meu tu és... Mas, oh tristeza!...
Se te imito nos transes da ventura
Não te imito nos dons da natureza. (1)

O nome de Camões era o ecco sonoroso que para Bocage tinha a natureza oriental; não achando quem attendesse os seus versos, a phantasia levava-o para a maior alma poetica que ali foi impressionada; elle termina o Soneto *Em honra do grande Camões*, memorando os melhores traços dos *Lusiadas*:

---

(1) Soneto 138. Ed. da *Actualidade*.

Invejo-te, Camões, o nome honroso;
Da mente creadora o sacro lume,
Que exprime as furias de Lyeu raivoso
Os ais de Inez, de Venus o queixume,
As pragas do Gigante procelloso
O céo do amor, o inferno do ciume. (1)

Bocage ainda podia dizer como Camões das mulheres de Gôa, que quando lhes fallavam um conceito de Petrarcha ou de Boscão, respondiam em uma linguagem «mascavada lhe ervilhaca, que trava na garganta do entendimento»; apesar de ter protestado a maior fidelidade a Getruria, Bocage celebra á foz do Mandovi sereno e brando queixas amorosas por uma dama que resistia aos seus versos:

Não devo á natureza um grato aspecto,
É verdade: o meu merito consiste
N'um claro entendimento e puro affecto.

---

(1) Soneto 152. *Ibid.*

Se a compasso da lyra o verso triste
Entôo alguma vez, ao tom canoro
Ninguem, não sendo tu, ninguem resiste.

No Idylio piscatorio intitulado *Lenia*, torna a fallar outra vez dos seus amores em Gôa:

O pescador Elmano, o malfadado,
Que em aziago instante a luz primeira
Viu lá nas praias onde morre o Sado.

Tu, pernicioso Amor, fatal cegueira,
Reinavas no infeliz, que em vão carpia
Do claro Mandovi sobre a ribeira. (1)

Camões, tendo feito de Natercia o ideal da sua vida não foi mais firme do que Bocage; os encantos da bailadera Barbora ou a saudade de Dynamene confirmam essa seducção, a que só um sabio como Anquetil du Perron poderia resistir. Os Idylios piscatorios de Bocage celebrando os seus amores de Gôa são consequencia da seducção oriental, como nunca encontrára na sociedade de Lisboa, mesmo nas damas que Edgar Quinet considerava como reminiscencias da Sakuntâla. Incapaz de tomar a sério os interesses da vida, já se vê que as intrigas e malquerenças de que Bocage foi victima em Gôa, só podiam provir de despeitos e rivalidades amorosas, aggravos tornados mais acerbos pela sua superioridade e pelo abuso da satyra. No Soneto *Á infatuação que predominava em certos naturaes de Gôa*, chamava-lhes injuriosamente mestiços:

---

(1) Idylio 10. Ed. da *Actualidade*.

Não tragas os mestiços entre dentes,
Restitue ao carcaz a ervada setta;

Dizes que é má tenção, que é casta abjecta,
Fructos de enxertos vis? Irra! tu mentes;
Vae vêr-lhe os seus papeis; são descendentes
Do solar d'Hidalcão por linha recta. (1)

Como Camões, nos *Disparates da India*, Bocage tambem satyrisa a fidalguia de Gôa, vaidosa pela sua antiguidade:

Diz-nos esta republica de loucos
Que o coffre do Marâta é ninheria,
Que do grão Turco os redditos são poucos:

---

(1) Soneto 161. Ed. da *Actualidade*.

Mas em casando as filhas, quem diria,
Que o dote consistisse em quatro côcos,
Um cafre, dez bajús e a senhoria! (1)

A decadencia que Camões punha em relevo nas colonias da Africa, agora estava tambem minando as conquistas da India; Bocage protesta:

Lusos heroes, cadaveres sediços,
Erguei-vos d'entre o pó, sombras honradas,
Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços!

Vinde salvar d'estes pardaes castiços
As searas de arroz, por vós ganhadas;
Mas ah! *Poupae-lhe as filhas delicadas*,
Que ellas culpa não tem, *tem mil feitiços*... (2)

A falta de educação historica é que o fazia assim desconsiderar a antiquissima raça indiana representada com maior pureza na casta brahmanica. O orgulho aristocratico era o principal movel n'essa sociedade de Gôa; Bocage podia com razão dizer:

---

(1) Soneto 162. *Ibid.*
(2) Soneto 163. *Ibid.*

Eu vim coroar em ti minhas desgraças
Bem como Ovidio misero entre os Getas,
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças.

Tens filhos, antes cães de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impingir-nos vem, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças.

Tens varias casas, armazens de ratos;
Tens febres, mordachins em demasia,
De que escapâmos a poder de tratos:

Mas a tua peor epidemia,
O mal que em todos dá, que produz flatos,
É a vã, negregada senhoria. (1)

Não era preciso mais para tornar impossivel a vida socegada em Gôa; attribuira-se a saída de Bocage ao poema erotico a *Manteigui*, nome da amada do governador D. Frederico Guilherme de Sousa. (2) Foi o senhor Filippe Nery Xavier que observou em 1861, que a saída de Gôa não podia ter este motivo, por isso que D. Frederico Guilherme de Sousa saíu do governo em 3 de Novembro de 1786 e logo em seguida, de Gôa. (1) No Soneto que tem a rubrica *Ao senhor desembargador Sebastião José Ferreira Barroco, acompanhando á India o excellentissimo Francisco da Cunha e Menezes*, parece affirmar que lhe deveu muita consolação em uma grande doença; Barroco era tambem poeta, e isto dava a Bocage o prazer de ser ouvido. A saída de Gôa para Damão seria procurada por amigos dedicados, que lhe deram o colorido de uma distincção por *serviços*. No Idylio a *Nereyda*, Bocage allude a um combate em que entrára; se esses versos exprimem uma realidade, então a patente dada pelo governador, de tenente de Infanteria da 5.ª Companhia da Guarnição de Damão, era-lhe devida:

---

(1) Soneto 165. *Ibid.*

(2) Rebello da Silva, *Estudo litterario e biographico*, p. xxix. Ed. Innocencio, t. i.

Topámos ha tres dias o inimigo
N'altura de *Chaul*; travámos guerra,
Sentiu do portuguez o esforço antigo.
Fez-se uma preza, repartiu-se em terra,
Inda agora o quinhão que lá me deram
Este pintado cofresinho encerra... (2)

---

(1) *Arch. universal*, IV, p. 322.
(2) Idylio 9. Ed. da *Actualidade*.

A nomeação de Bocage para o posto de Tenente, foi em 25 de Fevereiro de 1789, e a época em que tomou pósse acha-se no despacho do governador de Damão Antonio Leite de Sousa, de 6 de Abril de 1789. (1)

---

(1) «Patente. — Dona Maria, etc. Faço saber aos que esta Carta Patente virem, que attendendo Francisco da Cunha e Menezes, do meu Conselho, Governador e Capitão general da India, aos serviços e merecimentos do Guarda-marinha Manoel Maria Barbosa Hedois de Bocage, o nomeou no posto de Tenente de Infanteria da 5.ª Companhia do Regimento da Guarnição da Praça de Damão, que vagou pelo que o era Philippe Nery da Silveira ter passado a Feytor da mesma Praça de Damão, mandando que se lhe passasse Carta Patente na forma ordinaria, por sua Portaria de 25 de Fevereiro do presente anno de 1789, e conformando-me com ella: Hei por bem e me praz de prover e encarregar ao dito Manoel Maria Barbosa Hedois de Bocage do dito posto de Tenente de Infanteria da 5.ª Companhia do Regimento da Guarnição da Praça de Damão que vagou pelo que o era Philippe Nery da Silveira ter passado a Feytor da mesma Praça, para o ter e exercer em quanto o dito Governador e Capitão General não mandar o contrario, e com o dito posto haverá o soldo que lhe tocar e gosará das honras e franquezas que lhe pertencerem. Pelo que mando ao Governador e Chefe Commandante das Tropas da Guarnição da dita Praça o haja por tal, e aos Officiaes e soldados da dita Companhia o conheçam por seu Tenente, e aos Ministros, Officiaes, e pessoas a quem pertencer cumpram e guardem e façam inteiramente cumprir e guardar esta Carta Patente, como n'ella se con-

Chegado a Damão, Bocage poucos dias aí pôde supportar a insipidez de uma deserta guarnição militar; faltava-lhe um pensamento que fôsse o movel da sua vida, como a composição dos *Lusiadas* o fôra para Camões na solidão de Macáo.

---

têm, sem duvida alguma; e jurará aos Santos Evangelhos em minha Chancellaria, na forma costumada, e na Thesouraria Geral das Tropas, e nas partes competentes se farão em seu titulo as declarações necessarias, e passada pela dita Chancellaria se registará nas partes onde competir, e na Secretaria do Estado, sem o que não valerá. Dada em Gôa sob o sello das Armas Reaes da Corôa de Portugal. Martinho Xavier a fez aos 26 de Fevereiro do anno de nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1789. — O Secretario, Sebastião José Ferreira Barroco, a fez escrever. Francisco da Cunha e Menezes. — Por Portaria do Governador e Capitão General da India, de 25 de Fevereiro de 1789. — Sello, José da Rocha Dantas e Mendonça. — Pagou na forma das ordens de Sua Magestade, e aos Officiaes, 540, jurou na forma ordinaria, Gôa, 27 de Fevereiro de 1789. — Henrique Luiz de Sá. — Registada na Chancellaria do Estado da India, no Livro 2.º dos Registos a fl. 129. Gôa 27 de Fevereiro de 1789. — Henrique Luiz de Sá. — A fl. 533 do Livro do Registo dos Decretos da Chancellaria que serve n'esta Contadoria Geral e ficam registados os que os pagou d'esta, Gôa, 27 de Fevereiro de 1789, Sergio Justino Pereira. — Livro 2.º dos Registos Geraes a fl. 177 v. (Ap. *Archivo Universal*, 2.º anno, vol. 4, n.º 20. Communicado pelo Official maior graduado da Secretaria do Governo da India, Filippe Nery Xavier. 1861.)

Não podendo supportar o tedio da caserna, fugiu. Extractamos este facto dos *Apontamentos* do snr. Filippe Nery Xavier, por causa dos dados historicos que descobriu:

«Bocage, depois do seu despacho de Tenente do Regimento da Praça de Damão, partiu para aquella cidade em 8 de Março de 1789, na Fragata *Santa Anna*, sob o commando de Felix Tinoco da Gama, e chegou ao seu destino em 6 de abril subsequente, e n'esse mesmo dia o governador Antonio Leite de Sousa mandou cumprir a sua Patente, e dar-lhe posse do Posto, e no dia 8 do referido mez de Abril elle se ausentou (desertou) pela porta do Campo, acompanhado do Alferes Manoel José Dionysio, este por causa de muitas dividas. (Conta do Governador de Damão, de 21 de Abril de 1789. — Livro de Damão, dos annos de 1786 a 1790.) Em vista d'esta conta, é de suppor que Bocage partisse para Macáo por via de Surrate ou Bombaim, portos commerciantes, no referido mez de Abril, Maio, ou principio de Junho, epoca da monção para as partes da China. No Archivo da Secretaria d'este Governo geral não se encontram mais documentos relativos á retirada de Bocage da Praça de Damão; e ao seu transporte para Macáo.

«Não se sabe tambem quando elle chegou, e quantos mezes se demorou n'aquella cidade; etc. a correspondencia porém de Macáo, nada diz a tal respeito, nem sobre a chegada e retirada do poeta d'aquella cidade. (1) Na Elegia á morte do principe Dom José em 1788, que foi para os poetas arcadicos o mesmo que foi para os Quinhentistas a morte do principe Dom João em 1554, Bocage dá a entender que n'esse tempo em que a noticia lhe chegou, já estava errante no *Cantão*:

> Triste povo! *E mais misero, eu que habito*
> *No remoto Cantão*, d'onde, Ulysses,
> Não pode a ti voar meu debil grito!
>
> Miserrimo de mim, que em terra alhêa
> Cá onde muge o mar da vasta China
> Vagabundo praguejo a morte feia! (2)

Faz pena vêr esta alma soffrendo todas as privações da sua arrojada aventura; espremer figuras de rhetorica para chorar um principe, que sabia abrir a bocca, como descreve Beckford:

---

(1) Filippe Nery Xavier, *Alguns documentos para a biographia de Bocage*. Arch. Universal, vol. 4, pag. 322.

(2) Elegia 2. Ed. da *Actualidade*.

«O *principe do Brazil* e Dom João tinham um ar sufficientemente aborrecido; porque estavam á parte, com as mãos mettidas no fundo dos bolços, a bocca n'um bocejo continuo, e os olhos errando de um objecto para outro com um olhar de real negligencia. Como uma etiqueta das mais rigorosas afasta os infantes de Portugal no seu palacio, vêm-se raramente entre a multidão, mesmo incognitos, de sorte que os seus sorrisos lisongeiros, ou os seus bocejos confidenciaes não são concedidos a observadores vulgares. Esta maneira de embalsemar os principes em vida, não é, além de tudo, uma má politica: isto os conserva sagrados; isto concentra a sua essencia real, muito prompta, aí, a evaporar-se ao ár livre. Ainda que este regimen severo aconteça não ser do gosto do individuo, os manequins monarchicos devem ter a bondade de se recordarem com que fim elles são paramentados e adorados.» (1)

Estes pontos de vista de Beokford explicam as phrases emphaticas de Bocage na morte do principe do Brazil: «D'aquella alma real, antes divina». Em muitos logares das suas poesias descreve a sua vida errante na China: «Por barbaros sertões gentil vagante»; e continúa:

---

(1) Portugal, *Letter*, XXIX.

Mais duro fez ali meu duro fado
Da vil calumnia a lingua viperina; *(Gôa)*
Até que aos mares da longiqua China,
Fui por bravos tufões arremessado. (1)

Vê-se por estes versos que a sua fuga de Damão foi sem plano, e a sua chegada á China perfeitamente casual. Na Ode a Luiz de Vasconcellos e Sousa, cuja amisade contrahira no Brazil, falla d'esta phase dramatica da sua vida:

Se a vasta, a fertil *China*,
Fóra de imaginaria antiguidade,
Pelo seu pingue seio
Te viu com lasso pé vagar mendigo;
Se a mirrada avareza
Aferrolhando os cofres prenhes de ouro
Lá onde o sol o gera
Foi mais dura que marmore á teus versos. . . (2)

---

(2) Soneto 186. Ed. da *Actualidade*.
(1) Ode 9. Ed. da *Actualidade*.

Para saír-se d'esta posição desesperada em que o poeta se achava, havia só um recurso que a necessidade lhe sugeriu, dirigir-se para a colonia portugueza de Macáo. De facto Bocage aí chegou sómente em fins de Julho ou já em Agosto de 1789, quando já estava com o governo de Macáo o Desembargador Lazaro da Silva Ferreira, que elle celebra nos seus versos, o qual assumira esse cargo em 16 de Julho d'esse anno. (1)

Pode-se julgar que a vida de Bocage foi em Macáo um tanto similhante á de Camões, em Moçambique, onde Diogo de Castro o encontrára «commendo de amigos» e sem roupa para se vestir. Bocage vivia no seculo da bajulação, e pela

---

(1) «Lazaro da Silva Ferreira era Desembargador da Relação de Gôa e Ouvidor geral do Civel, foi nomeado Ouvidor da Cidade de Macáo por Decreto de 20 de Fevereiro de 1785. *(Livro das Monções*, n.º 166, p. 298.) Partiu para o seu destino no principio de Maio de 1787, *(Livro das Port. e Desp.*, n.º 9, p. 10.) onde, tendo fallecido o Governador e Capitão geral Xavier de Mendonça Corte Real em 16 de Julho de 1789, succedeu-lhe na via de successão com o Sargento Mór Manoel da Costa Ferreira, e governaram até 29 de Julho de 1790 em que tomou posse o Governador Vasco Luis Carneiro de Sousa e Faro. *(Livro da Correspondencia de Macáo, de 1790.)*» Filippe Nery Xavier, *Ibid.*

voz da dependencia, como elle diz, socorreu-se das pessoas valiosas. Accolheu-o o negociante Joaquim Pereira de Almeida, que lhe deu casa e o relacionou com as principaes familias de Macáo. (1) Na sua Ode *A Gratidão, offerecida ao Senhor Lazaro da Silva Ferreira, desembargador da Casa da Supplicação e Governador interino de Macáo*, que o não processou pela sua deserção, confessa que lhe deve o poder regressar á patria:

Amenos campos, agradavel clima
Onde o meu Tejo por areias d'ouro,
Por entre flores, murmurando e rindo
Limpido corre:

Paternos lares, que saudoso anhelo,
Sacros Penates, que de longe adoro,
Suave asylo que perdi, vertendo
Lagrimas ternas.

Eu torno, eu torno, por amor guiado,
Exposto ás furias dos tufões, dos mares...
. . . .

Se eu vou nas aras dos Penates caros
Pendurar votos, consummir incensos,
Depositando sobre a lysea praia
Osculo grato!

---

(1) Na Elegia 5, chama-lhe: «Oh tu, *meu bemfeitor*, meu caro amigo.» Ed. da *Actualidade*.

Se as innocentes, *fraternaes caricias*
Vou cobiçoso recobrar na patria,
Em cuja ausencia fugitivas horas
Seculos julgo;

Se as cans honradas vou molhar de pranto
Ao sabio velho, que me deu co'a vida
Os seus desastres, por fatal, por negra
Lugubre sina;

……………………………………………

Tudo a ti devo, oh bemfeitor, oh grande,
Que a roçagante, veneravel toga
Mais veneravel pelos teus preclaros
Meritos fazes, etc. (1)

Para regressar á patria tambem recorreu a D. Maria Saldanha Noronha e Menezes, cujos filhos lisongeou:

Roga, roga-lhe em fim, que te destrua
As ancias, os temores;
Que á patria, ao proprio lar te restitua;
Ah! já disse que sim: não mais clamores;
Musa, musa, descança
Cantemos o triumpho, oh esperança. (2)
……………………………………………

Segundo o snr. Filippe Nery Xavier, ainda existem inéditos alguns versos satyricos á sociedade de Gôa. A data da sua partida é ignorada.

---

(1) Ode 6. Ed. da *Actualidade.*
(2) Ode 4. Soneto 151. *Ibid.*

D'estas viagens alcançou apenas o accentuar ainda mais a sua personalidade, e contrair uma espontaneidade de acção que lhe foi prejudicialissima na sociedade de Lisboa onde tudo era *official,* isto é, em um contraste, que o destacava como um doudo de talento.

§ III

Periodo de luctas litterarias, e prisão (17[illegible] a [illegible]) — Influencia das suas viagens sobre o caracter. — A Constituição da Nova Arcadia, e seus principaes socios. — Lucta de Bocage com os neo-árcades. — Publicação dos seus versos. — Estado do espirito publico e da litteratura sob a Intendencia de Manique. — As ideias da Revolução franceza em Portugal. — Exame d'estas ideias nos versos de Bocage. — Amisade com André da Ponte do Quental. — Composições no carcere, e sua entrega á Inquisição. — Influencia sobre os seus trabalhos. — As *Metamorphoses* de Ovidio. — Lucta com José Agostinho de Macedo. — Documentos ineditos sobre Macedo. — Conhece os poemas d'Ossian. — Relações com Filinto Elysio que o glorifica. — Doença.

As viagens do Brazil, da India e da China, não revelaram a Bocage aquelle sentimento da realidade das cousas que dá ao genio essa fórma particular da rasão que sabe achar as relações mais inopinadas e deduzir d'ellas uma suprema unidade que é a synthese poetica. Viu novas regiões, mas como um somnambulo; os seus versos não receberam d'esse viver differente nenhum interesse, d'essa natureza nova nenhuma imagem; d'essa variedade interminavel nenhum outro colorido. No Brazil, na India ou na China, quando escreve é sempre sob o espirito allegorico-mythologico dos arcades. Era a falta de leitura, de alimento intellectual, o que lhe produzia esta carencia de concepção original, de livre individualidade no sentimento. Já em 1773 estava publicado o *Goetz de Berlichingen*, em 1774 o *Werther*, de Goethe, em 1781 os *Salteadores*, de Schiller, em 1786 a *Iphigenia*, mas só passado quasi um seculo é que estas obras primas, que sugerem a elaboração artistica, chegaram a Portugal. O motivo porque Portugal esteve incommunicavel com a Europa scientifica e litteraria será estudado n'este capitulo, e o que se vê na atrophia do espirito de Bocage é a imagem do estado intellectual da nação.

Bocage regressou á patria em 1790; durante as viagens aventureiras por feitorias commerciaes e presidios militares ninguem se importou com os seus versos. Aquella natureza feminina, ávida de louvores, veiu achar ainda viva em Lisboa a sua lenda escholar; foi-lhe facil tornar a accender o enthusiasmo por conversas de uma vivacidade inexgotavel. Os elogios, os convites, as intimidades com os cadetes, as entradas nas casas nobres eram uma seducção fatal que imprimiu a direcção irrevogavel a que obedeceu o seu talento. A sua obra era ephemera, como as flores de um só dia; para ámanhã uma nova excitação trará o motivo. Bajulador pela tendencia do seculo, foi muito mais bajulado, contrahiu a necessidade do applauso e sacrificou-se a elle. Os velhos odios caíam a um aceno de louvor.

A chegada de Bocage a Lisboa deve fixar-se em Agosto de 1790, por isso que, segundo se crê, em Septembro d'esse anno deu-se o desastre da morte de Dom José Thomaz de Menezes, filho do Marquez de Marialva, afogado no Tejo. Com as iniciaes de M. M. B. B., publicou o poeta a *Elegia que o mais ingenuo e verdadeiro sentimento consagra á deploravel morte...* (1) Faz lembrar os versos de Camões á morte do seu joven amigo Dom Antonio de Noronha; no seculo XVIII as virtudes cavalheirescas não tinham em que se exercer, já

---

(1) *Elegia* 3. Ed. da *Actualidade*. Pela primeira vez encorporada nas *Obras de Bocage* por Innocencio.

-se não ia morrer nas expedições da Africa, e por isso Bocage louva de um modo inconsciente o seu amigo:

> … que reunindo á fôrça e á arte
> Feros brutos indomitos domava
> Sendo assombro de tudo em toda a parte.

Este successo, que provocou uma serie de composições elegiacas a todos os metrificadores encomiasticos, para bajularem o velho marquez de Marialva, tem hoje a importancia de determinar a época da chegada de Bocage a Lisboa, que se collocava em 1791, por isso que o Padre José Agostinho de Macedo o escrevera, dizendo que no regresso de Macáo viera morar para a sua companhia. (1) Não era possivel isto, porque o Padre José Agostinho de Macedo, então ainda frade graciano, estava preso por ordem do seu provincial; e n'esse anno de 1791, sem casa sua, porque tendo appellado para a Nunciatura tinha sido mandado depositar no convento dos Paulistas, d'onde fugira no anno seguinte. Em todo o caso a reminiscencia equivoca de Macedo accusa-nos a existencia de uma verdade, que quando Bocage chegou a Lisboa achou-se logo em estreitas relações de fidalgos estouvados, restos da monomania dos *Valentones*, e de frades indisciplinados, que pela sua parte eram uma reliquia dos *Goliardos* da edade media. A época do seu regresso a Lisboa levava-o fatalmente para a devassidão, para a falta de seriedade, para a vida vagabunda; não era permittido pensar, nem ter ideias, porque a prevenção irresponsável do Intendente da Policia Diogo Ignacio de Pina Manique, tudo descobria por meio das *Moscas,* nome technico dos seus espiões. A data de 1790 diz tudo; a *Declaração dos Direitos do Homem,* as noticias vindas de França, o terror dos emigrados, dos livreiros, dos suppostos emissarios da Assemblêa nacional, excitavam a vertiginosa e papelistica actividade de Manique. N'estas circumstancias o não ter ideias era um tino pratico; a mocidade tornou-se devassa como na época da Restauração em França, e entretinha-se no roubo, e em tropelias de *Diabo Coxo,* como a que fizeram no Convento do Carmo, introduzindo-se de noite, com vergalhos, e á hora em que os frades se disciplinavam no côro com as luzes apagadas e a bocca na terra, os desancaram desalmadamente. (1) A amisade com José Agostinho logo em 1791, deve tambem considerar-se uma perdição para Bocage. (2)

---

(1) *Considerações mansas*, p. 35.

---

(1) *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 114 v. (27 de Abril de 1794.) *Arch. Nac.*

(2) Basta lêr os seguintes documentos:

«Manda-me V. Ex.ª informar o requerimento incluso de *Frei José de Santo Agostinho*, religioso dos Eremitas do mesmo Santo, o qual se queixa dos excessos com que foi maltractado pelo seu Provincial na prisão que lhe mandou fazer, e o mais que relata o requerimento.

«Da informação que mandei tirar pelo Corregedor da Comarca de Torres Vedras, que passo ás mãos de V. Ex.ª se vê por uma parte que o queixoso Frei José de Santo Agostinho he de máo procedimento, usa de faca, que lhe foi achada no acto da prisão; e por outra parte se faz vêr o excesso com que o Provincial mandou executar a diligencia, e que os motivos que actualmente deram causa a este procedimento, não eram taes que merecessem o rigor com que foi maltractado o dito religioso, e d'elle se mostra haver intriga particular, que obrigou a este Prelado a esquecer-se das obrigações com que devem tratar os seus subditos.

«Mandei ao Corregedor do Bairro do Rocio ao Convento de Nossa Senhora da Graça a visitar os carceres do mesmo Convento, e particularmente aquelle em que se achava o dito Fr. José de Santo Agostinho, e perguntal-o sobre os mesmos factos, e das respostas que deu, verá V. Ex.ª, o que elle refere e conclue no mesmo que declára na supplica; e, ouvindo o mesmo Ministro ao Provincial, este deu a larga resposta, juntando a cópia de quatro sentenças que tem sido proferidas contra o dito Frei José

Para saír-se d'esta posição desesperada em que o poeta se achava, havia só um recurso que a necessidade lhe sugeriu, dirigir-se para a colonia portugueza de Macáo. De facto Bocage aí chegou sómente em fins de Julho ou já em Agosto de 1789, quando já estava com o governo de Macáo o Desembargador Lazaro da Silva Ferreira, que elle celebra nos seus versos, o qual assumira esse cargo em 16 de Julho d'esse anno. (1)

Pode-se julgar que a vida de Bocage foi em Macáo um tanto similhante á de Camões, em Moçambique, onde Diogo de Castro o encontrára «commendo de amigos» e sem roupa para se vestir. Bocage vivia no seculo da bajulação, e pela

---

(1) «Lazaro da Silva Ferreira era Desembargador da Relação de Gôa e Ouvidor geral do Civel, foi nomeado Ouvidor da Cidade de Macáo por Decreto de 20 de Fevereiro de 1785. *(Livro das Monções*, n.º 166, p. 298.) Partiu para o seu destino no principio de Maio de 1787, *(Livro das Port. e Desp.*, n.º 9, p. 10,) onde, tendo fallecido o Governador e Capitão geral Xavier de Mendonça Corte Real em 16 de Julho de 1789, succedeu-lhe na via de successão com o Sargento Mór Manoel da Costa Ferreira, e governaram até 29 de Julho de 1790 em que tomou posse o Governador Vasco Luis Carneiro de Sousa e Faro. *(Livro da Correspondencia de Macáo*, de 1790.)» Filippe Nery Xavier, *Ibid.*

voz da dependencia, como elle diz, socorreu-se das pessoas valiosas. Acolheu-o o negociante Joaquim Pereira de Almeida, que lhe deu casa e o relacionou com as principaes familias de Macáo. (1) Na sua Ode *Á Gratidão, offerecida ao Senhor Lazaro da Silva Ferreira, desembargador da Casa da Supplicação e Governador interino de Macáo,* que o não processou pela sua deserção, confessa que lhe deve o poder regressar á patria:

Amenos campos, agradavel clima
Onde o meu Tejo por areias d'ouro,
Por entre flores, murmurando e rindo
Limpido corre:

Paternos lares, que saudoso anhelo,
Sacros Penates, que de longe adoro,
Suave asylo que perdi, vertendo
Lagrimas ternas.

Eu torno, eu torno, por amor guiado,
Exposto ás furias dos tufões, dos mares.
. . . .

Se eu vou nas aras dos Penates caros
Pendurar votos, consummir incensos,
Depositando o sobre a lysea praia
Osculo grato;

---

(1) Na Elegia 5, chama-lhe: «Oh tu, meu bemfeitor, meu caro amigo.» Ed. da *Actualidade*.

Se as innocentes, *fraternaes caricias*
Vou cobiçoso recobrar na patria,
Em cuja ausencia fugitivas horas
Seculos julgo;

Se as cans honradas vou molhar de pranto
Ao sabio velho, que me deu co'a vida
Os seus desastres, por fatal, por negra
Lugubre sina;
. . . .
Tudo a ti devo, oh bemfeitor, oh grande,
Que a roçagante, veneravel toga
Mais veneravel pelos teus preclaros
Meritos fazes, etc. (1)

Para regressar á patria tambem recorreu a D. Maria Saldanha Noronha e Menezes, cujos filhos lisongeou:

Roga, roga-lhe em fim, que te destrúa
As ancias, os temores;
Que á patria, ao proprio lar te restitua;
Ah! já disse que sim: não mais clamores;
Musa, musa, descança
Cantemos o triumpho, oh esperança. (2)
. . . .

Segundo o snr. Filippe Nery Xavier, ainda existem inéditos alguns versos satyricos á sociedade de Gôa. A data da sua partida é ignorada.

---

(1) Ode 6. Ed. da *Actualidade*.
(2) Ode 4. Soneto 151. *Ibid.*

D'estas viagens alcançou apenas o accentuar ainda mais a sua personalidade, e contrair uma espontaneidade de acção que lhe foi prejudicialissima na sociedade de Lisboa onde tudo era *official*, isto é, em um contraste, que o destacava como um doudo de talento.

raes, como se vê pelo Soneto: *Ao Padre-mestre Dom Bernardo da Senhora da Porta, geral dos Conegos Regrantes, que não permittia ao auctor a entrada no Mosteiro de S. Vicente de Fóra.* (1) Os versos em que Bocage verbera com tanta audacia e graça os bojudos fradalhões, os episcopaes repolhos, continuam a tradição litteraria de Gil Vicente, mas de um modo inconsciente; era o mesmo vicio do seculo XVI, que provocava um identico protesto.

É provavel que o pae de Bocage morresse pouco tempo depois da sua chegada de Macáo; Bocage em um Soneto falla: *Em uma excursão que fez a Setubal, encontrando ahi em uma casa certos trastes que tinham sido de seus paes.* (2) Por este modo de dizer se vê que na época d'esta excursão já a casa de seus paes estava dissolvida, seus irmãos casados, á excepção de D. Maria Francisca, talvez vivendo já em casa da Marqueza de Alorna. A ida a Setubal não é um facto sem importancia, porque sob os rigores preventivos do Intendente da Policia Diogo Ignacio de Pina Manique, Setubal era considerado como o fóco d'onde dimanavam para o reino os livros estrangeiros. Em uma Conta dada em 11 de Junho de 1791 ao Ministro José de Seabra da Silva, Manique pede providencias por causa dos conflictos da sua jurisdicção, começando: «Constando-me n'esta Intendencia que no *porto de Setubal* se introduzem muitos contrabandos, *pacotes de livros impios*, e desembarcavam alguns passageiros, tanto portuguezes como estrangeiros sem que se legitimassem pela Policia...» (1) As idas a Setubal seriam para Bocage outros tantos motivos de suspeita de commungar as ideias francezas, que o Manique perseguia com um estreitissimo cordão de espionagem. Os sentimentos generosos de que Bocage era dotado e que se confirmam em todas as anedoctas que ficaram d'elle, levavam-no irresistivelmente para a adhesão aos principios de liberdade affirmados na Revolução franceza. Quando o abstracto Kant quebrou todos os seus velhos habitos para ir esperar com anciedade as novidades que vinham d'esse grandioso phenomeno social que se estava dando, como é que o genio impressionavel de Bocage, e que tanto havia soffrido, ficaria indifferente? Kant buscava uma confirmação das suas profundas especulações philosophicas; Bocage ia levado pelas cantigas que se entoavam n'um ou n'outro café, e que a diligencia do Manique alcançava logo abafar. A impressão dos principaes successos da Revolução franceza existe esboçada nos versos de Bocage; deram a sua vibração n'esta bella alma, que tinha o poder, como o declarou Beckford, de governar a seu capricho as impressões dos outros. Apontar estas relações do genio de Bocage com a corrente da Revolução obriga a um trabalho mais extenso, o de procurar até que ponto essas ideias vieram agitar entre nós o espirito publico, como a authoridade lhes impediu o curso, como as falsificou, e como a nossa sociedade as comprehendeu. Seria isto um livro, que por ventura escreveremos; no emtanto traçamos só o programma, o bastante para se conhecer bem o meio dentro do qual o talento de Bocage foi atrophiado. Estamos em 1791; existe uma grande cohorte de poetas com mais ou menos talento, com boas aspirações e com o vigor da mocidade; não podendo exercer a liberdade do pensamento e cultivar as sciencias sem o perigo de encyclopedismo revolucionario, como estava acontecendo aos principaes sabios da Academia de Lisboa, projectaram uma associação poetica, continuadora da Arcadia e tendo por protectora a Virgem Maria.

---

(1) Soneto 361.
(2) Soneto 363. Ed. da *Actualidade.*

---

(1) *Contas para as Secretarias*, livro III, fl. 180.

Se a Arcadia, não tendo alcançado a existencia official se extinguiu sob a má vontade do Marquez de Pombal, a *Nova Arcadia* nascia sob a arbitrariedade preventiva do Intendente da Policia Manique, isto é, condemnada a não se elevar acima da banalidade irresponsavel. Chamou-se-lhe a *Academia de Bellas-Lettras*, e não passava de simples reuniões familiares ás quartas feiras, no palacio do Conde do Pombeiro, depois Marquez de Bellas, José de Vasconcellos e Sousa; o titulo de *Nova Arcadia*, por onde era «*mais desconhecida*», como diz Bocage, (1) era pretencioso e impunha-lhe a tradição poetica sustentada por Garção, Diniz e Quita. A formação d'esta sociedade em 1790 não foi sem influencia sobre Bocage; o seu primeiro fervor fez com que o poeta vencesse a habitual negligencia, pretextada ás vezes com o furto que soffrera dos seus manuscriptos, (1) e publicasse logo em 1791 os *Queixumes do Pastor Elmano, os Idyllios maritimos recitados na Academia de Bellas-Lettras*, e a primeira parte das suas *Rimas*. As sessões poeticas presididas pelo beneficiado Domingos de Caldas Barbosa, que tinha o nome arcadico de *Sereno Selinuntino*, eram chamadas as *Quartas feiras de Lereno*, e ali á maneira das Academias da Italia, havia tambem mesa pósta. Historiemos um pouco a formação d'esta Academia; o motivo do seu apparecimento era o occupar a attenção, porque todas as conversas eram perigosas, e o zelo do Manique envolvia em suspeitas desde os mais humildes até aos maiores potentados, como o Duque de Lafões. N'esta época a poesia era considerada como uma prenda, que servia para approximar um homem dos fidalgos, ser admittido á mesa com os seus criados, pedir-lhe esmola em verso; não havia a alta comprehensão da arte nem a dignidade do escriptor, como a implantou Goethe; a poesia tinha apenas a importancia de ser cultivada pelos desembargadores e palacianos, e pelos principes que acceitavam odes genethliacas e natalicias. Formar uma Academia poetica dentro d'este meio impossivel, não tinha outro intuito mais elevado do que o simples passatempo. Partiu a idéia de Belchior Manoel Curvo Semedo, conhecido pelo nome arcadico de *Belmiro Transtagano*, e de Joaquim Severino Ferraz de Campos, *Alcino Lisbonense*. É admissivel que a preponderancia dada ao Beneficiado Caldas na Nova Arcadia, viesse da protecção que alcançou para ella do Conde de Pombeiro. Para o fidalgo o ter uma Academia em casa era tambem uma distincção heraldica. Convidaram os principaes poetas da côrte, Manoel Maria Barbosa do Bocage, que adoptou o nome de *Elmano Sadino*, José Agostinho de Macedo, o de *Elmiro Tagideu*; o Dr. José Thomaz da Silva Quintanilha, *Eurindo Nonacriense*, Francisco Joaquim Bringre, *Francelio Vouguense*, Thomaz Annio dos Santos Silva, *Thomino Sadino*, o abbade d'Almoster Joaquim Francisco de Araujo Freire Barbosa, *Corydon Neptunino*, Luiz Corrêa do Amaral França, *Melizeu Gyllenio*, Joaquim Martins da Costa, *Cassidro Ulyssiponense*, e alguns outros poequer trabalhos litterarios, e devia a sua celebridade á prenda então estimavel de cantar *Modinhas brasileiras* nas reuniões de familia. Nascido no Rio de Janeiro de uma escrava africana (1740), Bocage não lhe podia perdoar esta condição e atacava-o pela côr, pelas suas cançonetas em redondilha menor improvisada á guitarra, ás quaes o accento brazileiro fazia realçar esses languidos requebros tão bem descriptos por Beckford. A presidencia foi-lhe dada pela protecção do Conde de Pombeiro a favor da Nova Arcadia. Em uma folha volante in-8, de 1777, ao casamento de Antonio de Vasconcellos e Sousa, escreve Caldas então de pouco chegado do Brazil, alludindo ao seu proprio destino:

---

(1) Soneto 190.

---

(1) Advertencia ao II tomo das *Rimas*, 1799.

> Tu participarás (me continúa)
> D'estes dias ditosos,
> Depende a tua sorte
> Da mão benigna dos fieis esposos,
> Canta quem te segura
> Dos *insultos da horrida ventura*,
> Ouça o mundo na Lyra americana
> Sempre os nomes d'Antonio e Marianna.... (1)

Os insultos da horrida ventura eram as allusões crúas á sua côr de mulato, o terem-no forçado ao serviço militar na colonia do Sacramento; na casa do Conde de Pombeiro achou protecção como antigo da familia, por cuja influencia recebeu as ordens menores para alcançar o logar de Beneficiado da Casa da Supplicação. Natureza constantemente ultrajada por causa do seu nascimento, adquiriu uma tolerancia que o tornava bemquisto; aos virulentos ataques de Bocage, o beneficiado Caldas não respondia. O gosto da *Modinha*, que reinava na sociedade lisbonense, é que o fazia procurado e ouvido; como brazileiro e improvisador, acompanhando-se elle proprio á viola, dava-lhe um encanto extranho que chegou a influir no gosto litterario. Por esta parte o protesto de Bocage era fundado, como era da parte de Filinto, quando tambem verbera:

---

(1) *Nas felices nupcias*, etc. p. 7. Na Regia officina typographica, 1777.

Os versinhos anãos a anãs Nerinas,
Do Cantarino Caldas, a quem parvos
Poem a alcunha d'Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte *fulo*
Cabe o nome; pois tanto o *fulo* Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro perú na alvura ao branco cysne.

A culpa não estava da parte de Caldas, mas da sociedade ignára que se comprazia com esse genero tradicional, renascido no seculo XVIII no gosto portuguez. A sua collecção de *Modinhas* improvisadas foi colligida sob o titulo de *Viola de Lereno*; sem a musica e os enlevos das reuniões familiares estas pequeninas peças lyricas pouco valem, mas ainda hoje são recordadas com saudade pelas que foram innocentes meninas no principio d'este seculo.

Caldas falleceu repentinamente a 9 de Novembro de 1800, antes dos sentimentos de reconciliação de Bocage.

No Soneto *Aos Socios da Nova Arcadia* é que Bocage indica quaes eram os que lhe accendiam a ira poetica:

> Vós oh *Franças*, *Semedos*, *Quintanilhas*,
> *Macedos*, e outras péstes condemnadas, etc. (1)

Depois de ferido no *Almanach das Musas* é que Bocage prorompeu:

> Contra Elmano Sadíno urrando avança
> O esteril *Corydon*, o vão *Belmiro*,
> Bernardo o Nenias, lugubre vampiro,
> Que do extincto Miguel possue a herança.

---

(1) Soneto 191. Ed. da *Actualidade*.

O curto *Quintanilha*, o torpe *França*,
O tonsurado retumbante *Elmiro*,
Vibram tiros ao vento e é cada tiro
Mais frouxo que pedrada de criança.

Por fim ameaça-os que ha de: «Perder doze vintens n'um *Almanach*». (1) A linguagem que empregavam nas suas mutuas diatribes metricas descambava insensivelmente na obscenidade e nas situações decamoronicas. Era o que fazia rir e interessar o publico pela discordia; os Sonetos repetiam-se de cór pelos botequins e pasmatorios, eram corôados por grandes gargalhadas alvares, e ficavam na tradição dos tempos de rara felicidade, como se chama ao nosso antigo regimen. A melhor parte d'estas poesias está perdida, por ter ficado inedita, e por isso é difficil descrever esta pugna litteraria, que não teve alcance, porque não passou de meras personalidades, e que se esqueceu no meio dos assombrosos successos que se estavam passando em 1793, e que iam transformar a vida das nações. Antes porém de entrarmos n'esta phase da historia na sua pequena relação a Portugal e na parte de que se inspirou Bocage, que todos os seus biographos sempre tem evitado, esboçaremos o resto d'essa pequena rixa de vaidades que deu em terra com a Nova Arcadia. Um dos Socios mais importantes, e contra quem Bocage investe denodado, é o Bacharel em Leis pela Universidade de Coimbra Luiz Corrêa do Amaral França *(Melizeu Cyllenio)* nascido em 1725 e já em 1764 socio da primeira Arcadia. Contava ao tempo d'estas luctas sessenta e oito annos de edade, e apesar de ter ferido Bocage no seu lado vulneravel o *abuso das antitheses e tautologias*;

---

(1) Soneto 193.

> «Mil narizes de cêra revolvendo,

que veiu a ser depois conhecido pelo nome de *elmanismo*, França não tinha pulso para se bater com Bocage e foi reduzido ao perpetuo silencio. O Soneto á *Vera effigie do Doctor Luiz Corrêa do Amaral França, que poderá servir de busca a toda a pessoa que n'esta cidade o queira procurar*, é uma caricatura digna de comparar-se com uma miniatura de Callot:

Rapada, amarellenta cabelleira;
Vesgos olhos, que o chá e o dôce engoda;
Bocca, que á parte esquerda se accommoda,
(Uns affirmam que féde, outros que cheira;)

Japona, que da Ladra andou na Feira;
Ferrugento faím, que já foi moda,
No tempo em que Albuquerque fez a póda
Ao soberbo Hidalcão com mão guerreira;

Ruço calção que espipa no joelho,
Meia e sapato, com que ao lado avança,
Vindo a encontrar-se co' esburgado artelho:

Jarra, com apetites de criança;
Cara com similhança de besbelho;
Eis o bedel do Pindo, o doutor França. (1)

Este rapido desenho tem para nós a belleza de conservar vivo um typo da defuncta sociedade portugueza do seculo XVIII. Os versos de Amaral França são batidos no molde arcádico, sem talento e pela força da moda do seu tempo que obrigava a poetar a todo o homem que frequentava a boa roda.

Depois de França, o Abbade de Almoster Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa (*Corydon Neptuniano*), era o que dava mais pega á vivacidade de Bocage, e que tambem teve o máo sestro de o atacar no *Almanach das Musas*, com o annagramma infeliz de *Gecabo*. O Abbade tambem como o Caldas cantava modinhas á banza, e pela leitura dos poetas francezes da côrte de Luiz XIV fazia tragedias, e traduzia os Idyllios de Gessner sobre a prosa franceza. Não era preciso mais nada; Bocage salta-lhe nas ancas:

---

(1) Soneto 184. Ed. da *Actualidade*.

O mundo a porfiar que o Franco é tolo,
O Franco a porfiar que o mundo mente!
Irra! o Padre vigario é insolente,
Rapem-lhe as mãos, e ferva-lhe o carôlo.

Depois remata enumerando-lhe as composições litterarias como outros tantos labéos:

Ora vão trovador do *Hêroe do Egypto*,
Tu não ouves, não vês o que se passa,
Ácerca dos papeis, que tens escripto?
A copiá de *Gessner*, deu-se de graça,
Psyche jaz de capella e de palmito,
Sesóstris infeliz morreu de traça. (1)

As composições do Abbade de Almoster que pertencem ao genero lyrico, e que tanta luz derramariam sobre esta época da vida de Bocage ficaram ineditas e por ventura perdidas.

---

(1) Soneto 180. Ed. da *Actualidade*.

O mais terrivel dos Socios da Nova Arcadia e que tinha algum merecimento litterario, era Belchior Manoel Curvo Semedo Torres de Sequeira, (*Belmiro Transtagano*) com quem Bocage se achou de frente, e com quem de futuro veiu a reconciliar-se. *Belmiro* tomára o appellido de *Transtagano* por ser natural de Monte-Mór-o-Novo, e nos exercicios arcádicos escolhera um genero insensato, o *Dythirambo*, em que se descrevé os prazeres e paixões excitadas pelo vinho, para se tornar original. Elle ataca Bocage pelo lado fraco da vaidade, alludindo á phrase costumada do improvisador nos seus mais felizes repentes: *Isto é meu! isto não morre:*

Mas hoje para ser poeta insigne
Basta dizer: Componho inclytos versos!
E depois de vestir com falsas côres
Hyperbole, ou anthithese rançosa
Exclamas: *Isto é meu, isto não morre!*
O amor proprio dá leis, reina a vaidade.

Bocage atassalha-o em differentes sonetos, retratando-o physica e moralmente, como poeta do rei de Lilipput. Liam-se então cá as *Viagens de Gulliver*, de Swift. Semedo, (n. 1766) era partidario do antigo regimen, e portanto inimigo de Bocage, que pendia para o jacobinismo; n'esta lucta da Nova Arcadia não se deve esquecer a parte da dissidencia dos sentimentos politicos. Bocage ataca os *Dythirambos* de Semedo, mas era-lhe impossivel para o seu tempo comprehender onde é que estava a falsidade d'esse genero poetico. O *dythirambo* era um hymno mythico, com que celebravam os heroes nos seus desastres, e porque Dyonisos era o unico deus sugeito a estes accidentes, por isso se tornou o motivo principal d'esses cantos. D'aqui se vê que esta fórma tradicional do polytheismo hellenico não tem porquê algum que o ligue aos hábitos litterarios de nenhuma outra civilisação; na Grecia este canto nacional teve a sua influencia na formação da Tragedia, (1) como o diz Aristoteles: «a tragedia teve o seu ponto de partida dos cantores do *dythirambo;*» se as litteraturas modernas tinham de imitar a Grecia seria na tragedia, mas não nas fórmas ainda ligadas aos mythos. Isto nos mostra o que podia fazer uma Academia que comprehendia tão inorganicamente a poesia. Semedo, como quasi todos os poetas do nosso seculo XVIII que tiveram profissões civis as mais prosaicas, era Capitão de Engenheiros, e Escrivão da Mesa grande dos Portos secos da Alfandega grande de Lisboa. Já se vê porque via eram trazidos para a corrente poetica.

---

(1) Ottfried Müller, *Historia da Litt. grega*, t. II, p. 163. Trad. Hildebrand.

José Thomaz da Silva Quintanilha *(Eurindo Nonacriense)*, com quem Bocage se honrava quando compozera a Cantata de *Leandro e Hero*, e elle lhe glosara uma quadra, foi tambem victima da furia metrica, por ter cantado em uma Ode os almoços do beneficiado Caldas. O odio de Bocage aggravou-se mais tarde por saber que o Dr. Quintanilha é que vulgarisára a celebre Satyra de José Agostinho de Macedo, e por isso diz na replica, a *Pena de Talião*: «Todos sabem a applicação antiga d'aquelle meu verso:

Quintanilha, pygmeu de corpo e n'alma;

«Se houver todavia quem a ignore, declaro que pertence a um nojento humunculo, engenhador de miudezas metricas, a quem o esquecimento de uma virgula arruinou um Soneto, e que propaga e palmeia a Satyra de Elmiro, porque nunca fiz a injustiça de gabar os seus nadas. *Tantum sufficit hoc.*»

Quintanilha era formado em Leis, e acceitou um despacho para a magistratura do Brazil, casou no Maranhão e os seus descendentes ainda conservam ineditas as suas numerosas composições arcadicas, que se o não elevariam, pelo menos viriam esclarecer esta epoca litteraria.

As luctas entre Bocage e José Agostinho, tiveram principio n'esta dissolução da Nova Arcadia, mas não se aggravaram logo; é até possivel que fossem ataques simulados, porque Macedo tambem compoz uma *Metamorphose de Lereno em papagaio*, que Bocage lhe lança em rosto dizendo, que quando a escrevia lhe papava os almoços; e o ter celebrado a nympha Jacintha e o *Almanach das Musas*. Ao condemnar a Nova Arcadia, Bocage descreve as quartas feiras de Lereno, que o *ex-Frade* applaude em Ode (Son. 190), alludindo a ter sido expulso dos Gracianos; e contra os socios da ephemera academia cita «*Macedos*, e outras pestes condemnadas»; (Son. 191) repetindo:

O tonsurado retumbante *Elmiro*. (Son. 193)
.... e tu ex-Frade
Que em trovas de bumbum levas a palma. (Son. 195)

Apesar das relações intimas de Macedo com Bocage, a quem dava os manuscriptos da sua traducção da *Thebaida* de Stacio para revêr; estas beliscadellas não podiam ficar impunes. Bocage tambem ajudava á queda das suas infelizes tragedias. Macedo não rompeu logo mas reservou-se; como estes versos corriam de mão em mão em cópias de curiosos, é possivel que os não conhecesse logo. A sua lucta corpo a corpo, só rebenta por causa das versões dos Poemas didacticos, em que Bocage tornava a ferir o orgulho de Macedo, que só em 1801 é que rompeu abertamente, mas ainda assim deixando conhecer uma convicta admiração.

Da Nova Arcadia conservaram-se neutraes, e pelo seu caracter bondoso, com certeza conciliadores Joaquim Severino Ferraz de Campos (*Alcino Lisbonense)*, Francisco Joaquim Bingre *(Francelio Vouguense)*, e Thomaz Antonio dos Santos e Silva *(Thommino Sadino)*.

De Joaquim Severino Ferraz de Campos (n. 1760? m. 1812?) resta apenas um raro volume de

Rythmas, de 1794; Bocage louva-o, na Epistola que começa: «Teus versos li, reli, canoro Alcino», e apresenta-o como uma testemunha dos seus desastres:

> *Alcino*........,................
> Tu, que aos delirios meus a origem sabes,
> Que os meus extremos viste, e o premio d'elles,
> E que fructo colhi................ (1)

Na sua lucta com Macedo, Bocage affirma que não *é* o sentimento da inveja que o impelle, confessando que admira Garção, Diniz, e entre elles Ferraz de Campos e João Baptista de Lara, *(Albano Ulyssiponense)*:

> Encantador Garção, tu me arrebatas,
> Audaz vibrando o plectro venusino;
> Suave *Albano*, delicado *Alcino*,
> Musas do terno amor, vós me sois gratas... (2)

Embora a tradição considere Joaquim Severino Ferraz de Campos como constante amigo de Bocage, comtudo no Soneto em que o poeta enumera aquelles que o visitaram na sua doença, que se reconciliaram e o elogiaram nos seus versos, ao referir-se a *Alcino*, diz: «Joaquim Severino Ferraz de Campos, tambem por mim louvado, e *cujo silencio fere uma constante amisade*, contrahida na desgraça e esquecida na fortuna.» Nas suas *Rymas*, Ferraz de Campos refere-se ás luctas da Nova Arcadia, elogia Curvo Semedo, o rival mais forte que encontrou Bocage, e condemna o Zoilo, que perturbou a paz do Ménalo; no seu livro publicado em 1794, no fervor da lucta litteraria, nem uma só vez cita o nome de Bocage, signal de que era contra elle. Eis os trechos mais caracteristicos da sua Epistola a Curvo Semedo:

---

(1) Epistola 9. Ed. da *Actualidade*.
(2) Soneto 261. Ib.

Como é possivel, que deixar intentas
Sem motivo real, sem justa causa
A nossa Arcadia em triste soledade?
Querer abandonar fieis amigos,
Que estremecem por ti, que por ti choram,
E que já mais da candida amisade
Souberam macular as leis sagradas
Por *loucuras de um oilo arrebatado?*

. . . .

Que não diria a gente imparciavel
Se obrar te vira assim errado e louco?
Diria que eras tal qual esse Zoilo,
Por quem deixar nos queres seccamente,
Pois s'elle foi ingrato em conspirar-se

Contra o seu proprio amigo e companheiro,
Tu ingrato és tambem, pois que pertendes
Deixar tantos amigos, tantos Socios
Que já mais em seus dias te offenderam.
Que não diria o mundo se observasse
Que sendo tu dos Socios primitivos
Que este corpo a formar principiaram,
E que tens augmentado a sua gloria
Com assiduas fadigas litterarias,
Tentavas hoje, o nome teu manchando
Deixal-o, e semear n'elle a discordia...
....
Deixa embora rosnar Zoilos malditos,
Deixa chover mil satyras infames,
Que a justa imparcial posteridade
Lerá os versos teus cheia d'assombro. (1)

Estes versos referem-se inquestionavelmente a Bocage; não tem sido citados pelos outros biographos, porque as *Rimas* de Ferraz de Campos são raras. O seu afastamento de Bocage justifica a interpretação que apresentamos.

Bingre foi o poeta que sobreviveu a toda esta geração de árcades, morrendo da mais provecta edade. A vida de Bingre desde o seu nascimento em 1763 até 1856, decorreu acompanhando todos os grandes successos da historia moderna que transformaram a face do mundo. Nas obras de Bingre, que existem na quasi totalidade manuscriptas e que compulsámos, acham-se gloriosas memorias dos factos mais importantes de que teve noticia, mas conservou-se sempre alheio á actividade do seu seculo. Aos noventa e tres annos achou-se só em uma extrema miseria; a vida obstinava-se a fazel-o assistir ao naufragio das suas affeições mais caras e a vêr a agonia de cinco netos gemendo com fome em volta d'elle. Tanto Bocage como Macedo e Ferraz de Campos renderam homenagem ao seu talento e á brandura do seu caracter; nas *Considerações Mansas*, chama-lhe Macedo «*bom poeta e judicioso homem*» e Bocage na traducção do Poema das *Plantas*:

---

(1) *Rimas*, p. 119.

Ferve no audaz *Francelio*, e rompe os astros,
Sacro delirio, destemida insania.

Pela sua extraordinaria longevidade, Bingre era a tradição viva dos tempos da ultima Arcadia, e o thesouro de todas as anedoctas litterarias dos poetas seus contemporaneos. A sua existencia retirada em Mira, fóra de toda a communicação, e a falta de interesse que havia pelos estudos de historia litteraria, foram causa de se não colligirem excellentes quadros da nossa vida intellectual do seculo XVIII. Em 1847 o snr. José Feliciano de Castilho lembrou-se de o interrogar ácerca do caracter, genio, e obras ineditas de Bocage; ao que elle respondeu em uma Carta de 5 de Julho d'esse anno, contando a constante amisade de José de Seabra da Silva pelo poeta e a vontade que o Ministro tinha de o collocar na Bibliotheca publica; o seu caracter bondoso e sentimento caritativo; os serões politicos em casa das filhas do Marechal Werne, e os improvisos no paço por occasião da primeira filha de D. João VI. Se Bingre fôsse interrogado oralmente, ou se alguem colligisse por conversas as suas recordações casuaes, muito maior peculio de tradições se aproveitaria. A sua carta, traz estes bellos traços que lhe dizem respeito: « Acantonado ha quarenta e seis annos n'estes areaes de Mira; na longa decrepitude de outenta e quatro, e sobretudo flagellado com agudissimas dôres de gota, mal posso satisfazer ao que V. me incumbe sobre a biographia de Bocage. Fômos intimos amigos, e socios de *uma particular Arcadia*, de cujos alumnos julgo que só eu resto, segundo uma carta que me escreveu José Agostinho de Macedo proximo á sua morte; pois me asseverava que só eu, elle e *Lara*, restavamos da nossa sociedade.» (1) As obras de Bingre são apenas conhecidas pelos diminutos escriptos publicados no *Almanach das Musas*, no *Jornal de Coimbra*, *Mnemosine lusitana*, *Ramilhete*, e em outras publicações periodicas. Calixto Luiz de Abreu, grande amigo de Bingre, que formára e publicára uma pequena collecção com o titulo de *O Moribundo Cysne do Vouga*, começou em 1858 a coordenar todas as poesias de Bingre com o titulo de *Estro de Bingre*, precedidas de uma extensa biographia, que consultámos. A morte d'este amigo do poeta obstou a que as suas obras viessem á publicidade; debalde ainda em 1869, o proprietario da Imprensa Portugueza, natural de Aveiro, tentou publical-as, mas não foi possivel alcançar subscriptores que auxiliassem uma tão benemerita empreza.

O outro poeta de que falla Bingre, era João Baptista de Lara *(Albano Ulyssiponense)*, nascido em 1764 e fallecido em 7 de Janeiro de 1820; as suas obras arcádicas tambem ficaram ineditas. A poesia estava em contradicção com o seu cargo de Escrivão da Mesa grande do Tabaco, de Vogal e Secretario da Commissão da reforma da Alfandega; além d'isso como eram sentidas ou moldadas segundo um espirito já extincto na litteratura, quasi todos estes auctores sentiram o anachronismo d'essas concepções e deixaram-as ficar no esquecimento.

---

(1) Apud Livraria classica, *Bocage*, t. II, p. 77.

No *Almanach das Musas* tambem figura Antonio Bersane Leite, conhecido pelo nome arcádico de *Tionio*, e como o mais constante amigo de Bocage, em cuja casa chegou a viver algum tempo; Bersane era em 1805, ao tempo da morte de Bocage, Escrivão da Superintendencia das Decimas da freguezia de Bucellas e Anexos, e em 1807 emigrou para o Brazil, fixando-se em Minas; um seu neto declara pelas tradições de familia, que a *Marcia*, celebrada por Bocage, era D. Maria Vicencia Bersane Leite, filha de Antonio Bersane. (1) Segundo a tradição conservada pelo poeta D. Gastão Fausto da Camara e pelo Morgado de Assentís, a

---

(1) J. Feliciano de Castilho, *Op. cit.*, II, p. 262.

Analia, celebrada no ultimo periodo da vida de Bocage, era D. Anna Perpetua, tambem filha de Antonio Bersane Leite. (1) Qualquer d'estas tradições, que podem coexistir simultaneamente, mostra-nos as relações de intimidade de Bocage com a familia de Bersane, a quem deveu os mais santos carinhos que encontrou na vida. Nas suas Obras celebra a morte de João de Sousa Bersane, pae dos dois poetas Antonio e José Bersane Leite, n'essa admiravel Elegia que começa: «O sabio não vae todo á sepultura». (2) Celebra tambem a morte da esposa de Antonio Bersane, n'esse soneto que termina com o mimoso verso: «É nos eleitos um sorriso a morte». (3) A Epistola a Antonio Bersane, felicitando-o por saír a publico com os seus versos:

Emfim, cedeu *Tionio* á voz divina
Já vê com gloria o litterario mundo
Que brilha um genio mais no céo das artes. (4)

deve referir-se á sua primeira publicação em 1793 no *Almanach das Musas*. É ainda antes das luctas

(1) Ap. Innocencio, *Ed. de Bocage*, vol. I, p. 387.
(2) Elegia 6. Ed. da *Actualidade*.
(3) Soneto 271. *Ibid*.
(4) Epistola 24. Ibid.

*

da Nova-Arcadia que elle escreveu essa outra excellente Ode a José Bersane Leite (*Josino*), em que o aconselha a que cultive desassombradamente a poesia, e lhe indica Camões por modello:

Lê Camões, lê Camões; com elle a mente
    Fertiliza, afervóra,
Povôa, fortalece, apura, eleva;
    Que o malfadado Elmano
Em tosco domicilio onde o sobpêam
    Carrancudas tristezas
Afaz o luctuoso pensamento
Ao phantasma da morte.

N'esta mesma Ode falla em *Tionio*, e ainda com estima no Dr. José Thomaz da Silva Quintanilha e em João de Sousa Pacheco Leitão (*Leucacio Ulyssiponense*) auctor da *Genieida* e do fragmento a *Restauração da liberdade:*

Ora todo te dás ao som divino,
    Ás lyras milagrosas
Do meu *Tionio*, do atilado *Eurindo*,
    De *Leucacio* fecundo
Que, accezos despregando ao estro as azas
    Pelo ceruleo vacuo
O sol transcendem, sómem-se nos astros,
    Do fado a nevoa rompem,

Mysterios sondam, maravilhas palpam,
Emquanto o zoilo inerte
....
Morde e remorde as viboras no seio. (1)

Esta Ode serve para fixar a época em que Bocage estreitou a sua amisade com a familia dos Bersanes, logo que chegou de Macáo, até que morreu extenuado, tendo sempre encontrado ali o mais puro sentimento de dedicação e amor. Depois de todos estes neo-árcades resta fallar de Thomaz Antonio dos Santos Silva *(Thomino Sadino)*, que se conservou sempre amigo de Bocage; os seus versos são cheios das mais impensadas metaphoras e de um intuito neologista que faz d'elle um Ronsard extemporaneo. Não se podem hoje lêr, mas no seu tempo, talvez pelo effeito da recitação, mereceram elogios absolutos, e totalmente injustificaveis. Teve a desgraça de cegar, e viveu o resto de seus dias no hospital de S. José, onde morreu; por causa d'esta circumstancia Bocage comparava-o a Milton; quer na tragedia ou na epopêa Santos Silva ia com a corrente, e reproduzia sem consciencia as velhas fórmas litterarias.

---

(1) Ode 7. Ed. da *Actualidade.*

Fóra da Nova-Arcadia não faltaram outros poetastros que fizessem côro com Semêdo e França; citaremos Felisberto Ignacio Januario Cordeiro *(Fálmeno)*, nascido em 1774 e fallecido em 1855, contra quem Bocage vibrou o Soneto ridicularisando a tragedia *Nuno Gonçalves de Faria:*

> Findou-se o drama, poz-se em movimento
> Na bocca o riso, o pé com pateada. (1)

Depois d'este, Miguel Antonio de Barros *(Melibeu)*, nascido em 1772 e fallecido em 1827; Bocage considerava-o *a sua sombra*, por ter imitado n'uma metamorphose *Cyneu e Solina*, o *Areneu e Argira* com que Bocage se ufanava, e lançava-lhe em rosto o ser *mestre correeiro:*

> Ganha á noite o laurel com que se enrama,
> E tendo de manhã varrido a casa
> Ao *mestre correeiro* enrola a cama. (2)

---

(1) Soneto 172. Ed. da *Actualidade*.
(2) Apud *Dicc. bibl.*, t. VI, p. 219.

Bocage tambem cobriu de ridiculo a sua tragedia *Elaire,* no Soneto *Lição ao pé da letra;* (1) Barros chamava-lhe *Sultão de Parnaso.* Os outros poetastros que elle atacou, o Dr. Manoel Bernardo de Sousa e Mello, (Son. 177, 178), José Daniel Rodrigues da Costa, (Son. 200, 201, 202), o Padre Abreu e Lima, (Son. 368) e Saunier, não offereciam resistencia, e são uma prova da intolerancia vaidosa de Bocage.

A Nova-Arcadia extinguiu-se no meio d'estas luctas de vaidade, mas conservou-se o seu espirito; todos os poetas que depois se lhe seguiram adoptaram tambem nomes arcádicos, e por assim dizer constituem uma academia ideal, cujo caracter conservaram como se obedecessem a um modello imposto officialmente. A melhor parte d'esses poetas, amigos intimos de Bocage, pela imitação da estructura peculiar dos versos de Elmano, póde bem constituir uma *Eschola elmanista,* em dissidencia com os imitadores do verso solto de Philinto ou *Eschola Philintista.* Citaremos entre os poetas elmanistas Sebastião Xavier Botelho *(Sali-*

---

(1) Soneto 170. Ibid.

cio), e outras vezes *Clario;* o Dr. Vicente José Ferreira Cardoso *(Vincenio),* João Vicente Pimentel Maldonado *(Ismeno),* e sua irmã D. Marianna Pimentel Maldonado *(Armania);* João Baptista Gomes *(Jonio),* Nuno Alvares Pereira Pato Moniz *(Oleno),* D. Gastão Fausto da Camara *(Amphriso Tagitano);* o Morgado de Assentis, Francisco de Paula Cardoso de Almeida e Vasconcellos *(Olivo),* José Maria da Costa e Silva *(Almeno),* Antonio José de Lima Leitão *(Almiro Lacobricense),* D. Antonio da Visitação Freire *(Ontanio),* José Nicoláo de Massuellos Pinto *(Josino),* José Rodrigues Pimentel Maia *(Menalca),* Bento Henriques Soares *(Bermuino).* Esta eschola bocagiana teve ainda n'este seculo um distinctissimo representante, que reproduziu na sua maior perfeição a feição *elmanista,* no poemeto *Cartas de Ecco e Narciso;* era Antonio Feliciano de Castilho *(Memnide Egymnense),* que tambem como Bocage chegou a distinguir-se nas versões poeticas. A eschola *philintista,* á qual pertenceram Bento Luiz Vianna *(Filinto insulano),* Francisco Freire de Carvalho *(Filinto Junior),* tambem se extinguiu deixando o mais eminente escriptor da reorganisação da litteratura portugueza no periodo do romantismo, João Baptista de Almeida Garrett *(Jonio Duriense)*, que não renegou as composições arcadicas das *Flores sem fructo* e da *Lyrica de João Minimo*.

Estudámos até aqui Bocage dentro do meio litterario que elle pôde dominar pela satyra, mas que não soube dirigir pelo criterio; falta-nos vêr a sua lucta dentro do meio social, que o venceu, que o annullou e que o levou a esse desalento e inanição prematura que antecedeu a sua morte. Lembrando-nos das palavras com que o retrata o seu amigo Bingre: «Foi honrado, verdadeiro, liberal, e *muito amante da sua liberdade e fidagal inimigo da escravidão*», é que se vê como em uma sociedade cuja ordem era sustentada pela espionagem e pela ausencia de ideias, o desespero seria a sua principal inspiração e a obscènidade o seu protesto. Um tal caracter, pela numerosa porção de anedoctas que se contam e toda a gente repete sobre Bocage, está assás accentuado; o que falta é estudar a physionomia moral d'essa época que vae do seu regresso de Macáo em 1790 até 1805, em que morreu; e, uma vez traçado um tal quadro, conhecer-se-ha que as desgraças d'este talento desvairado, eram inevitaveis, estavam na logica dos successos, porque o seu espirito tinha uma aspiração que a sociedade portugueza só começou a sentir em 1820.

O talento de Bocage não podia ter o desenvolvimento de que era capaz, sob o regimen da policia cesarista coadjuvado pela intolerancia inquisitorial; a vida de Bocage (1765-1805) está inclusa dentro do terrivel dominio do Intendente Manique, que o perseguiu por vezes, de cujas garras o Ministro José de Seabra da Silva conseguiu tiral-o entregando-o á Inquisição para mais facilmente o restituir á liberdade. O despotismo de Luiz XIV foi imitado em Portugal, copiando-se logo a instituição de uma *Intendencia geral da Policia da Côrte e Reino,* creada por Alvará de 25 de Junho de 1760: «A lei da Lei da creação da Policia em Portugal, foi tirada muita parte d'ella da Legislação de França, aonde tem feito os maiores progressos a Policia e conseguido os fins a que ella se propõe e assim o tem adoptado as côrtes mais civis da Europa.» É esta a confissão do proprio Manique, em uma Conta para as Secretarias em 1783; (1) em outras partes dos seus pequenos relatorios declara quaes são os elementos technicos que o dirigem, e entre elles enumera Mr. de la Marre, o *Codigo de Policia de Luiz* XIV, o *Tratado de Policia* de João Pedro Willebrand e o *Diccionario de Policia.* (1) Manique só foi nomeado para Intendente geral em 1764, tendo-o precedido n'este cargo os Desembargadores Ignacio Ferreira Souto e Manoel Gonçalves de Miranda. (2) Em 1762, Manique havia acompanhado o Exercito Auxiliar da Gran-Bretanha e sustentado á sua custa vinte soldados do Regimento de Almeida, até 1763. Desembargador do Paço e Administrador da Casa do Infantado, foi pela sua actividade infatigavel nomeado para o cargo de Intendente, tendo por Ajudante seu irmão o Desembargador Antonio Joaquim de Pina Manique, que falleceu pouco tempo depois. Elle fundou um systema de espionagem, a que chamava *Moscas,* e até á época da Revolução franceza, a sua preoccupação era fechar por todos os modos a entrada aos livros dos encyclopedistas e aos libellos jesuiticos. (1) Em 1780 já elle estava tão acreditado no animo da realeza, que D. Maria I legalisou-lhe todas as arbitrariedades futuras, dando-lhe por Alvará de 15 de Janeiro d'esse anno umas Instrucções secretas que nunca seria obrigado a mostrar. Tendo já doze annos d'este serviço odioso, e inundado todo o paiz de officios e providencias; muitos ministros o accusavam ao poder real de arbitrariedade e de invasões discricionarias nos seus poderes. (2) Porém o Intendente geral defendia-se com o seu zelo pela soberania, pela religião e bons costumes, dizendo que nas obrigações do seu cargo gastara o que havia herdado de seus paes. Era o despota na sua maior sinceridade, abafando a sociedade do seu tempo, luctando contra a corrente revolucionaria sem a comprehender, accusando de suspeição as maiores capacidades que então existiam, intimidando todos os poderes com o terror das ideias francezas. Começou a exercer este cargo, como dissemos, um anno antes de Bocage nascer, e acabou em 1805, morrendo no mesmo anno em que succumbiu o poeta; esta coincidencia, que não foi sem uma influencia deprimente no talento de Bocage, representa-nos a acção d'este regimen da policia de Luiz XIV applicada a uma sociedade que tanto precisava de noções scientificas, e que no momento em que se tentava este passo pela fundação da *Academia das Sçiencias*, os seus principaes organisadores, como o Duque de Lafões, o Abbade Corrêa da Serra, Ferreira Gordo, e o Padre Antonio Pereira de Figueiredo eram indiciados como jacobinos, e perseguidos.

---

(1) Livro I, fl. 544 *v.*, Torre do Tombo.

---

(1) Liv. v, fl. 182.
(2) Liv. vi, fl. 167.

---

(1) «... achei um grande numero de volumes impressos em portuguez, cuja obra se intitulava — *Resposta critica a uma obra intitulada* Paraguay, *feita por José Basilio da Gama.* E lendo poucas palavras, e abrindo em diversas partes um dos mesmos volumes vi que era um libello famoso infame contra a memoria do Augusto pae, o Snr. Dom José I, e do seu Ministro. *Contas para as Secretarias*, Livro II, fl. 294 *v.* — Passava-se isto em 1784, e era por via do Embaixador da Allemanha que os papeis dos Jesuitas entravam em Portugal.

(2) Contas para as Secretarias, liv. I, fl. 543.

Manique empregou algumas vezes o seu poder arbitrario em creações de utilidade publica que honram o seu espirito de iniciativa; assim, vendo que os crimes praticados durante a noite em Lisboa, eram resultantes da falta de illuminação, em 17 de Dezembro de 1780 mandou organisar este melhoramento, que constou logo de 770 candieiros, até ao principio de 1792. (1) Introduziu tambem a cultura da batata no Ribatejo, mandando-a vir de Inglaterra; (2) e o linho canhamo, de S. Petersburgo. Foi o primeiro que fallou contra os enterramentos nas egrejas, e é o instituidor da *Casa Pia,* d'onde se tem derramado até hoje sobre as classes desvalidas incalculaveis beneficios. Pertencia a esta craveira de homens energicos que imitaram o Marquez de Pombal, dos quaes é um typo completo o celebre Francisco de Almada, no Porto. Deixamos aqui em relevo este lado bom, para que no exame das suas prepotencias não pareçâmos injustos.

Desde 1790 em que Bocage regressou de Macáo até ao fim das luctas com os poetas da Nova Arcadia, haviam-se passado os factos mais extraordinarios na Europa; o poeta não foi totalmente estranho aos sentimentos que esses successos suscitavam, e os seus inimigos litterarios aproveitaram-se d'isso para lhe aturdirem a vida com mais tempestades. Em um Soneto, escripto no carcere, Bocage é bem explicito:

---

(1) Livro VI, fl. 236 *v.* Até 1783 havia *lanterneiros* pela cidade, a quem se pagava ao quarto. Liv. II, fl. 13 *v.*

(2) Ibid. Liv. V, fl. 296.

> Mas *turba vil que abato*, anceio, espanto;
> Urde em meu damno abominavel trama; (1)

Por aqui se vê que os inimigos da Nova Arcadia procuraram fazel-o passar como revolucionario aos olhos do Intendente Manique. Vejamos a marcha dos acontecimentos até ao tempo em que Manique se apodera de Bocage em 1797. Quando Bocage regressou á patria era o assumpto das conversações prohibidas a constituição da *Assembléa Nacional*, de Paris, em 17 de Junho de 1789; a sua lucta com o rei; a tomada e a destruição da Bastilha, a 14 de Julho d'esse anno; a abolição dos privilegios, a 4 de Agosto; a suppressão das gabellas, a 21 de Março de 1790; a instituição do jury, a 5 de Abril; a alienação dos bens nacionaes, de 13 de Maio; o voto da Assembléa nacional, para que se levantasse uma estatua a Rousseau, de 21 de Dezembro. Em uma sociedade atrophiada sob um perpetuo governo paternal, estes successos eram considerados como signaes precursores do dia de juizo. As longas viagens e os desastres da vida de Bocage davam-lhe um criterio mais claro para vêr o que se estava passando; os vôos do seu enthusiasmo irreflectido não deixariam de o tornar suspeito, e nos seus Sonetos, que se repetiam pelos botequins, existia fundamento para todas as arbitrariedades; o Soneto que traz a rubrica *Contra o Despotismo*, refere-se á queda das velhas instituições feudaes, mas tem um sentido ambiguo, que os partidarios do antigo regimen podiam applicar á Revolução:

---

(1) Soneto 218. Ed. da *Actualidade*.

Sanhudo inexoravel Despotismo,
Monstro que em pranto, em sangue a furia cevas,
Que em mil quadras horrificas te elevas,
Obra da Iniquidade e do Atheismo.

Assanhas o damnado Fanatismo
Por que te escóre o throno onde te elevas;
Porque o sol da Verdade envolva em trevas
E sepulte a *Rasão* n'um denso abysmo... (1)

O que se passava no meio frequentado por Bocage, os Cafés, acha-se officialmente descripto nas

---

(1) Soneto 203. Ed. da *Actualidade*.

Contas para as Secretarias, pelo Intendente geral da Policia: «Ponho nas mãos de V. Ex.ª a Relação dos Francezes que embarquei no dia 25 do presente (Junho de 1792), que andavam espalhados por esta côrte, sem fim que os obrigasse a vir a ella, entrando pelos Cafés e Bilhares a referir os factos da liberdade, que haviam praticado os Francezes para se tirarem da Escravidão, em que se achavam sugeitos, ao poder de um homem, que era o Rei que os governava, e os tinha como em escravidão, contando para abonar o socego e tranquilidade em que estava a França, as festas de alegria que o povo de um e outro sexo tinham feito por terem conseguido a sua liberdade, e que até duzentas donzellas em Bayona fizeram a sua festa, levantando seis mastros, um com a bandeira ingleza, outro com a bandeira dos Americanos-Inglezes, e por baixo de uma e outra a Bandeira-branca com as palavras — *Viva a Liberdade, e morram aquelles que a impedirem.* — V. Ex.ª conhecerá quanto são perigosas estas gentes, e que se espalhem pelo povo rustico e se entretenham em ouvirem estes contos.» (1) A onda vem crescendo;

---

(1) *Contas para as Secretarias,* Liv. III, fl. 232 v.

Manique torna-se um Briareu, para suffocar as mil cabeças da hydra revolucionaria; elle estabelece um systema de *legitimação pela Policia,* para que os estrangeiros possam entrar em Portugal. A prisão de Luiz XVI é já conhecida em Lisboa, e Manique presente os disfarces dos Jacobinos: «Vou á presença de V. Ex.ª (escrevia elle a 18 de Agosto de 1792 ao ministro José de Seabra da Silva), a dar-lhe parte que é chegado a esta côrte um *Jacobino,* que vem caracterisado Secretario da Embaixada de França; e o Correio Baptista, que o foi de D. Vicente de Sousa, que veiu no mesmo navio com elle, informará a V. Ex.ª dos seus procederes, e até me faz lembrar que estas vindas de Secretarios todos para a Embaixada de França, que é um meio de se introduzirem, pouparem algum procedimento e se exobrigarem melhor para os seus fins... E como V. Ex.ª me encarregou a diligencia dos quatro *Jacobinos,* que saíram de Veneza no dia 22 de Junho e que seguiam viagem para Portugal, combinando esta noticia com o que me acaba de dizer o Baptista, d'este Secretario Pedro Chegry, e com outro que acaba de chegar no navio «Dous Irmãos» faz alguma inquietação no meu animo.» (1) As Cantigas francezas, que fizeram a melhor parte da Revolução, e que prepararam as mais admiraveis victorias dos exercitos da Republica começaram tambem a penetrar em Portugal; eram uma vertigem a que se não resistia. O Intendente Manique recêa-se de tudo, e procura abafar essas vozes hallucinadoras. Na *Conta* ao Marquez Mordomo-Mór, de 9 de Novembro de 1792, escreve: «Do Summario que passo ás mãos de V. Ex.ª se conhece ser certo o que praticaram os Francezes da tripulação do Navio que está embargado a requerimento de Jacintho Fernandes Bandeira, surto defronte do Caes de Belem; e que as palavras que proferiam, *cantando pelas ruas* d'aquelle logar, era: — *Viva a Liberdade e morram os aristocraticos, e se ponham todos á lanterna e hirá sempre avante o que se acha principiado,* — tocando um d'elles uma gaita.» Era a cantiga de *Çà ira* que soava em volta das muralhas d'esta Jericó. O activo Manique confessa os seus terrores: «V. Ex.ª levando tudo á presença de S. Magestade lhe dará o pezo que merece este facto, que he bem recommendavel; *que assim como foi cantado em lingua franceza, se o tivesse sido em portuguez, poderia talvez ter dado maior cuidado.»* (1) O povo portuguez estava mudo, não tinha cantigas, e os escriptores versejavam nas suas academias sobre as graças das Marilias, ou os mais populares, como o Malhão, escreviam:

---

(1) *Op. cit.*, Liv. III, fl. 248.

Os Reis são dom celeste
Instrumentos por que essa Mão eterna
Aqui e ali prudente nos governa!
Firmae o regio assento,
Vingae o Sceptro, dae ao mundo a prova
D'aquella fé que em Lusos não é morta. (2)

Junto do paço da Ajuda já essas cantigas tremendas soavam, e o governo paternal dormia entregue aos disvellos da sua Intendencia da Policia, que em outro officio da data supra, repetia: «que todos os domingos e dias santos, segundo agora me informam, andam por aquelle sitio com uma gaitinha, dizendo em francez — *Viva a Liberdade e*

---

(1) *Contas*, etc., Liv. III, fl. 281.

(2) *Aos Portuguezes no Rossilhom*; por Francisco Gomes da Silveira Malhão, st. x.

morra a Nobreza... e que tem ido cantar defronte do Paço da Ajuda, na presença da guarda. Como a materia é séria e se não deve tomar em desprezo, dou parte a V. Ex.ª para fazer presente ao Principe Regente, nosso Senhor...» (1) Sem duvida, Manique fazia aqui uma allusão ao liberalismo de José de Seabra da Silva, que não queria aterrar-se com as apprehensões do Intendente. A 21 de Septembro havia sido inaugurada a *Convenção nacional* sobre a ruina da Assemblêa legislativa, proclamada a Republica, e abolida a realeza em França. Se estes successos tanto interessavam a abstracção philosophica de Kant, os sectarios do governo paternal faziam como os seraphins, fechavam os olhos para não vêrem. A 8 de Dezembro decreta a *Convenção nacional* que Luiz XVI seja julgado por ella; pouco depois era chegado a Lisboa disfarçado com o titulo de Barão de Ringler o grande Ministro das finanças de Luiz XVI, *Calone*, o homem mais adaptado para apressar a queda do velho regimen, como admiravelmente o caracterisa Michelet. O Intendente tambem se receia de Calone e das pessoas que vem com elle, e mandou-o acompanhar pelos seus *espiões* e *moscas.* (1)

---

(1) *Ibid.*, Liv. III, fl. 286.

Depois da execução de Luiz XVI, a 21 de Janeiro de 1793, (2) é que o Intendente geral da Policia começa a ordenar as prisões contra os portuguezes suspeitos de adherirem por qualquer palavra ou gesto ás ideias francezas. É n'esta via de suspeições, mesmo contra os homens mais eminentes da nobreza ou da sciencia, que Bocage se acha envolvido, como adiante verêmos. Na *Conta* ao Mordomo-mór, de 9 de Março de 1793, enumera os seus actos de dedicação pela segurança publica: «Ponho nas mãos de V. Ex.ª a devassa a que mandei proceder pelo Desembargador Francisco Pereira, Corregedor do Crime do Bairro do Rocio, sobre os factos contemplados no Auto fl. 6, que havia praticado Francisco dos Reis Dantas, Procurador de causas, *andando por alguns Cafés,* e se provam da mesma devassa e da conta que me dá o sobredito Corregedor, que acompanha a dita devassa, verá V. Ex.ª especificados os factos que deram motivo a este procedimento e de que é réo o sobredito Francisco dos Reis Dantas, e que é perigoso e de um genio proporcionado para promover a discordia e se servirem d'elle aquelles que pretenderem espalhar no publico *aquellas liberdades que tem adoptado os taes chamados Philosophos modernos.*» N'esta mesma Conta mostra o perigo das pinturas das caixas de rapé, que eram então uma das elegancias dos peraltas: «Da mesma devassa verá V. Ex.ª que o dono do Café ou Loja de bebidas e com particularidade o filho d'este, toleravam estas conversações com indifferença; e que um alferes de cavallaria de Alcantra, chamado Joaquim, de alcunha o Aytona, mostrava em acção de regosijo a sua caixa de tabaco, que tinha uma pintura, e n'ella um letreiro que dizia—*Viva a Liberdade*—n'aquellas occasiões que ia á mesma loja.» (1) Os botequins eram então os unicos centros, que o Manique mais temia, e justamente onde Bocage se achava com mais frequencia. Os seus improvisos contra os neo-Arcades, foram sem duvida um meio por onde a Policia não se lembrou logo de perseguil-o. Começou tambem a perseguição contra os Livros; o bom romance de Lesage, *Gil Bras de Santillana,* foi considerado como proprio para precipitar a mocidade; (2) Manique recebera noticia de Paris, que se estava ali imprimindo em portuguez a *Constituição franceza* e a *Folhinha do Pae Gerardo;* (3) e accusa o livreiro francez Lequens, estabelecido em Lisboa como jacobino. Tudo para elle é emissario secreto da *Convenção nacional;* de um tal Darbó (Durbaut) diz: «é tambem d'aquelles cerebros esquentados e bota-fogo, e capaz de intentar tudo o que fôr máo, imitando aquelles que cá o mandaram.» (1) Manique prevê o modo como se póde repercutir a Revolução em Portugal: «Se este homem tiver as ideias negras, junto com os seus sequazes, e com aquelles que elles possam ter ganhado, em um ajuntamento de povo nos dias santos ou em uma noite de luminarias se deliberarem a dar vozes, que consequencias tristes se não podem seguir!» O livreiro José Dubie, «já havia sido por duas diversas vezes prezo pela achada de *livros incendiarios* que espalhava e vendia n'esta côrte.» (2) Se se fechava por todos meios a entrada aos livros scientificos, aos periodicos, se a Inconfidencia devassava todos os segredos da correspondencia diplomatica, nem por isso se podiam calar os factos, que traziam a sua eloquencia subversiva. Os navios mercantes traziam noticias das cousas, e na Praça do Commercio é que vogavam os boatos mais atterradores para a sollicitude de Manique. Para elle eram suspeitos todos aquelles que frequentavam a Praça do Commercio; a 16 de Outubro de 1793 havia sido condemnada á morte a rainha Maria Antonietta, e a 7 de Novembro substituido ao culto catholico o culto da *Rasão;* por isso Manique, procedendo por ordem superior á soltura de Pedro Lannes, redargúe com má vontade: «*he um jacobino, e como tal está disposto a praticar tudo o que é máo.*» (1)

---

(1) « Da conta inclusa que me dá o Corregedor do Bairro de Romulares, que passo á mão de V. Ex.ª, verá V. Ex.ª que se acha n'esta côrte o celebre *Mr. de Calone,* que foi Secretario de Estado em França e que vem mascarado com o titulo de Barão de Ringler, dizendo ser inglez; que este disfarce e mascara me dá alguma cousa que meditar na presente conjunctura, e vem na sua companhia outros, que declara o Corregedor na dita conta, que talvez venham tambem mascarados. Fico fazendo as minhas pesquizações, e lhes mando por *espiões* e *moscas* a vêr se consigo mais alguma cousa que seja util á minha commissão, e por outra parte, a quem elle se dirige e as pessoas que o procuram, de que darei parte a V. Ex.ª Queira V. Ex.ª dar parte a S. A. o Principe N. S. para determinar o que lhe parecer devo mais praticar.—Illmo Exmo Snr. Marquez Mordomo-Mór. Lisboa, 14 de Dezembro de 1792. (1)

Observaremos que o *Muchard* é o espião da policia franceza, e que Manique adoptando os seus regulamentos, tambem accéitou a designação de *Moscas.*

(2) Allude a ella no Liv. IV, fl. 181.

(1) *Contas para as Secretarias,* Liv. III, fl. 266, v.

---

(1) *Contas para as Secretarias,* Liv. IV, fl. 17 v.

(2) *Ibid.,* liv. IV, fl. 187.

(3) *Ibid.,* fl. 32, de 25 de Abril de 1793.—Diogo Borel introduziu em Portugal 12:000 exemplares da *Constituição franceza. Ibid.,* Liv. VII, fl. 52.

---

(1) *Ibid.*, fl. 26 *v.*, 7 de Abril de 1793.
(2) *Ibid.*, fl. 93, 4 de Janeiro de 1794.

A morte da Rainha, cercada de todas as legendas realistas da belleza e candura da alma, produziu uma impressão em todas as côrtes da Europa, que lhe ia preparando a beatificação; Bocage celebra este acontecimento na Elegia *Á tragica morte da Rainha de França Maria Antonietta, guilhotinada aos 16 d'Outubro de 1793,* de um modo que lhe garantiu a liberdade e as graças do Intendente por mais algum tempo:

Seculo horrendo aos seculos vindouros,
Que ias inutilmente accumulando
Das Artes, das Sciencias os thesouros...

---

(1) *Ibid.,* Liv. IV, fl. 76, v.

N'estes versos estão as causas moraes da Revolução franceza; o predominio das Artes e das Sciencias pôz a consciencia individual em estado de julgar as instituições politicas, que estavam immoveis desde Luiz XIV. Assim como Bocage passava inconscientemente por esta causa, tambem Manique apprehendia e mandava queimar pelo carrasco os livros dos *philosophos modernos,* como elle chamava a tudo o que podia trazer alguma faisca das novas ideias. Bocage sensibilisa-se pela sorte da mulher formosa:

Que victima gentil, muda e serena
Brilha entre espesso, detestavel bando,
Nas sombras da calumnia que a condemna!

Orna a paz da innocencia o gesto brando,
E os olhos, cujas graças encantaram,
Se volvem para o céo de quando em quando:

As mãos, aquellas mãos que semearam
Dadivas, premios, e na molle infancia
Com os sceptros auriferos brincaram,

Ludibrio do furor e da arrogancia
Soffrem prisões servís, que apenas sente
O assombro da belleza e da constancia... (1)

---

(1) Elegia 4. Ed. da *Actualidade.*

O poeta termina a sua Elegia banal, talvez encommendada por Manique, com esse conceito ainda no nosso tempo commum aos escriptores realistas:

Desfructa summa gloria, oh pae ditoso,
Logra em perpetua paz jubilo immenso,
Que o mundo consternado e respeitoso
Te apromptа as aras, te dispõe o incenso.

O sentimentalismo teve este motivo de desabafo; fez-se a legenda de Maria Antonietta como da victima innocente, porém a historia é implacavel, e os documentos illuminam a distancia, e fazem vêr o que se não tinha coragem nem sequer de suppôr. O descobrimento da Correspondencia secreta entre Maria Thereza, mãe da innocente victima e o Conde Mercy-Argenteau, e tambem das cartas para a sua filha, veiu retratar Maria Antonietta sob uma feição sinistra, vivendo uma vida dissoluta que apressou a Revolução e justifica a guilhotina. Ella dispunha dos dinheiros da nação para as suas favoritas Lamballe, Polignac, Guemenée, e seus amantes e parentes; dos cargos publicos para os seus favoritos Resenval, Luxembourg, d'Esterhazy, Guines, Coigny, Lauzan, e o seu apaixonado d'Artois. Todos estes factos eram calumnias contra a sancta-martyr antes da infeliz Correspondencia secreta, em que se tramava por via d'ella em França o cimentar a direcção do governo austriaco. O jogo vertiginoso fôra introduzido na côrte para a distrair; já não bastava a *cavagnole* ou o *lansquenet,* esbanjavam-se sommas incalculaveis no *pharaon,* e a rainha despedia os Ministros que lhe não entregavam o dinheiro que exigia. As despezas com joias ultrapassavam a loucura; Luiz XVI dá-lhe no primeiro anno do seu reinado 300:000 francos de diamantes e ella compra secretamente uns brincos por 460:000 francos, a pagar em quatro annos; em seguida 100:000 escudos por bracelletes; as dividas avultam e exige do rei mais 2:000 luizes, e o Ministro redobra-lhe a pensão da lista civil. (1) Veiu Calone, galante financeiro, para fazer deslisar esta bambuchata cezarista com mais aparato e presteza; o povo tinha o instincto da realidade e sabia tudo. Tomou as contas a quem de direito. Como se poderia vêr isto em Portugal, e dentro do seculo XVIII?

Bocage era poeta, e obedeceu á verdade do seu sentimento. No entanto o povo portuguez sentia que começava uma era nova, e Manique fallando dos perigos de usar *luvas*, e *Cocares* como pronuncias de jacobinismo, exclama em Conta de 4 de Junho de 1794: «Para V. Ex.ª conhecer o que é o Povo, agora usam por moda o trazerem uma piteira similhante á espadana de duas côres, que ha pelos jardins mais especiaes a que chamam *fita da Liberdade*.» (1) Já se imitava tambem o jogo da Bola e cantavam-se em portuguez as *Cantigas revolucionarias*: «em uma casa de pasto da rua Formosa... se ajuntam innumeraveis gentes, e entre elles muitos estrangeiros, particularmente francezes, e que tambem ha um *Jogo de Bolla*; domingo passado 3 do presente (Agosto) houve um grande ajuntamento, e o seu intertenimento *foi cantarem-se em portuguez as Cantigas Revolucionarias*, proferirem-se quantas liberdades d'aquellas que se proferem na infeliz França contra os Reys, e em uma palavra *até de dizerem que era melhor que na Praça do Commercio se levantasse a Arvore da Liberdade em logar da Estatua de sua Magestade*...» (2) Manique aterrava-se com este symptoma novo, pois que havia ali perto uma fabrica de chapéos, e eram os operarios que cantavam; com a sua poderosissima espionagem e suspeições, o Intendente funda em Lisboa um terror de uma nova especie, o *terror papelistico* das *Contas para as Secretarias*. Para elle o Ministro e o Consul da America têm o coração na Convencional, e são *Frimações*, (1) e n'esta conjunctura aconselha a Dom João VI, então principe regente, que antes se perca por carta de mais do que de menos. A seguinte *Conta* mostra-nos como o Intendente comprehendia o que se passava na Europa, e a lição que d'aí tira para Portugal:

---

(1) Avenel, *Lundis Revolutionaires,* passim.

---

(1) *Contas para as Secretarias*, Livro IV, fl. 145.
(2) *Ibid.*, Livro IV, fl. 163.

«Aqui corre uma voz que em Turim se descobriu uma conjuração, de que era cabeça e chefe o Ministro da Russia n'aquella côrte, o qual logo fugiu quando viu presos parte dos seus socios; e me faz lembrar este facto (a ser verdadeiro) o Ministro e Consul d'America em Portugal, os quaes, sem hesitação alguma os seus corações estão na *Convenção Nacional* de Paris; o quanto necessario é vêr como o Principe Nosso Senhor deve descartar-se d'estes dois Republicanos que são perigosissimos e famosos Frimações, com gráos de Mestres.

---

(1) Fórma ingleza, por onde Manique conheceu primeiro a instituição.

«Devo tambem observar a V. Ex.ª que me informam que de Paris sairam cincoenta individuos d'aquelles malvados para diversos paizes da Europa para disseminarem n'ella aquellas mesmas erroneas e sediciosas doutrinas com que pretendem incendiar todo o mundo; que alguns d'estes cincoenta malvados trazem passaportes, figurando-se grandes personagens de outras nações e que alguns dos mesmos passaportes são dados pelo tal Ministro da Russia, que refiro por chefe da conjuração de Turim, e de outros que tem ganhado para alcançarem os mesmos passaportes ainda d'aquellas mesmas nações combinadas, afim de assim melhor se encobrirem para poderem executar os seus perversos e diabolicos systemas.

«V. Ex.ª vê que não posso escusar-me de adiantar as minhas pesquizas, ainda aos mesmos estrangeiros que se representam como Inglezes, Allemães, Italianos, e muito particularmente os Suecos e Dinamarquezes, Americanos e Genovezes, que todas estas quatro ultimas nações estão inficionadas com aquelles mesmos sentimentos sediciosos e sanguinarios de que está a *Convenção* de Paris: e uma materia d'esta delicada, é o meu sentimento antes perder por carta de mais, do que de menos; pois não póde haver contemplação, quando o assumpto é tão perigoso, e que continua o fogo a devorar; etc. Lisboa, 5 de Julho de 1794. — Illmo Sr. Marquez Mordomo-Mór.» (1)

Debaixo d'este terrorismo policial, o Intendente Manique entende que é preciso pôr em pratica as regras do *Cesarismo*, occupar a imaginação publica, e é o primeiro a promover os espectaculos theatraes, as cavalhadas, os jogos de canas nos festejos reaes, e propaga a monomania das luminarias nos regosijos officiaes. Appareceu então pela primeira vez em Portugal o annuncio de uma ascenção áerostatica, doze annos depois da primeira que se fez em Paris; pediu licença ao principe regente para praticar essa maravilha o Capitão Lunardi. A licença foi concedida, mas com a confiança de que é um impossivel, um embuste ao publico; Lunardi construiu o seu balão, assignou um Domingo, 24 de

---

(1) Livro IV *das Contas para as Secretarias*, fl. 155 v.

Agosto, para a intrepida ascenção, mas como adoecesse, o Intendente empregou toda a sua prepotencia para o fazer subir. Bocage, que canta impressionado por todos os successos da sociedade que o domina, compôz um *Canto á admiravel intrepidez com que no dia 24 de Agosto de 1794 subiu o capitão Lunardi no balão aérostatico;* na ultima estrophe, depois de ter descripto esta impressão nova, termina alludindo aos commentarios que se faziam em Lisboa ácerca da ascenção:

E tu, que da loquaz Maledicencia
Tens açaimado a bocca venenosa,
Tu, que de racionaes só na apparencia
Domaste a mente incredula e teimosa:
Das fadigas que exige ardua sciencia,
Em vivas perennaes o premio gosa,
E admira em teu louvor extranho e novo
Unida á voz do sabio a voz do povo. (1)

O Intendente não calculava que aquelle extraordinario successo vinha fazer a propaganda de um poder novo, a sciencia, que fortalecia o individuo contra a authoridade do passado que o dominava por uma tradição não discutida; assistir a um facto d'essa importancia, era romper com um passado taciturno, e lançar todas as esperanças no futuro que tinha de tirar as maiores consequencias d'isto. O Intendente não previra este effeito, que o não deixava condemnar em absoluto as ideias novas, senão, não teria sido o primeiro a forçar o Capitão Lunardi ao cumprimento do seu programma. (1)

---

(1) *Cantos*, 3. Ed. da *Actualidade.*

D'aí em diante a sua espionagem redobrou contra os livreiros, e os raros caixões de livros que entravam na alfandega; contra os sabios da Academia, contra os periodicos que noticiavam os acontecimentos, contra as conversas, contra tudo o que era pensamento; em 6 de Novembro de 1794 escrevia Manique ao Marquez Mordomo-Mór: «Acha-se n'esta côrte nas casas da *Academia das Sciencias* ao Poço dos Negros, hospedado, segundo me dizem, pelo *Abbade Corrêa*, Broussonet, que foi medico de profissão em Paris, e depois secretario de Necar (Necker) e aquelle que se fez marcar, quando na sessão da Convenção Nacional, de que era tam-

---

(1) «Dou parte a V. Ex.ª que ordenando-me o Principe nosso senhor, que obrigasse a Vicente Lunardi, auctor da Machina aerostatica, que construiu na Praça do Commercio, que cumprisse com o que prometteu ao Publico, assim o executei, e depois de varios subterfugios, com que quiz illudir a real ordem do mesmo Senhor; já pretextando falta de materiaes e ultimamente molestias que affectou (segundo o meu parecer) sem embargo de apresentar quatro Attestações de Medicos da Camera e Real Familia, que assim o testificavam, vaiu com effeito a assignar termo para Domingo vinte e quatro do presente fazer a sua viagem, e dando parte quarta feira vinte do corrente ao Principe N. S., me ordenou o mesmo Senhor que procurasse o Marechal General e lhe pedisse o auxilio da Tropa; e esta tarde sexta feira vinte e dois do presente o procurei, e não o achando em casa entreguei ao Guarda-portão a carta da copia inclusa com que hia prevenido no caso de o não achar ou de lhe não poder fallar, lh'a deixar; mas não foi isto bastante, porque ao fazer d'esta me vem dar parte o dito Vicente Lunardi,

> que o Marechal General havia mandado pelo Ajudante de ordens dizer que não havia de executar a ordem que eu lhe tinha intimado, para deitar a machina na tarde do dia vinte e quatro do presente, sem ordem sua, que era o Governador de Lisboa, que é o mesmo que dizer que o P. N. S. não pode mandar cousa alguma, sem elle o permittir.
>
> «Para não fazer mais reflexões, nem ser obrigado a narrar as tristes e funestas consequencias, que isto traz comsigo, lembro a V. Ex.ª os factos que accusa a Historia, assim nacional como estrangeira, e em particular a do seculo presente do Duque de Aveiro, Orleans, e os mais em que são envolvidos os d'esta gerarchia em Suecia, Napoles, Sardenha, Inglaterra e Roma.
>
> V. Ex.ª representando tudo a sua Alteza, resolverá o que lhe parecer mais justo e acertado. Lisboa, 22 de Agosto de 1794. — Illmo Snr. Marquez Mordomo-Mór.» (1)

---

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. IV, fl. 174.

bem deputado, continuou o discurso que o sobredito Necar não acabou de recitar, por lhe dar no meio d'este acto um deliquio; e ainda mais conhecido por ser um d'aquelles sanguinarios do partido de *Robespierre* na Convenção: Pela morte que este assassino soffreu, fugiu aquelle e aqui foi acolhido e introduzido ao *Duque de Lafões* na qualidade de Agricultor, e hospedado nas casas da Academia das Sciencias, d'onde frequenta as casas do sobredito Duque, e do *Abbade Correa,* que he amigo mui particular do Ministro e Consul da America do Norte e dos mais Jacobinos que aqui se acham e de que tenho dado parte a V. Ex.ª, e reputado por Pedreiro livre... Estas testemunhas infelizmente mascarram o Duque de Lafões, que estou certo he arrastado pelo máo homem do dito *Abbade Correa*. Em materia tão séria, combinando eu estas noticias com outras que verbalmente tenho dito a V. Ex.ª do dito *Abbade Correa*, com similhantes circumstancias, me fazem julgar ser este com effeito um homem perigosissimo.» (1)

---

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. IV, fl. 214 v. a 215.

Por esta Conta se vê que o Duque de Lafões era tambem partidario das ideias francezas; nem podia deixar de ser assim, porque expatriando-se durante a administração do Marquez de Pombal, correu uma grande parte da Europa, o Oriente, serviu na Guerra dos Sete annos, fixando a sua residencia em Vienna d'Austria, em cujo palacio reunia as maiores celebridades artisticas como Gluck, Mozart, Hasse, Metastasio, o grande musicographo Burney, o celebre portuguez Abbade Costa; por ventura foi elle quem deu informações ácerca da litteratura portugueza á Bouterweck. Logo que este sabio regressou a Portugal, tractou de fundar uma Academia das Sciencias, para nos livrar da vergonha nacional que soffrera no estrangeiro quando lhe perguntavam pelas nossas publicações e nos equiparavam ao Japão. (1) Não era facil ao Manique fazer com que o Duque fôsse outra vez perseguido, porque elle soffrera sob a gerencia de Pombal, e agora estavam no poder todos os seus companheiros do infortunio; a sua principal furia descarregava-se sobre o Abbade

---

(1) *Discurso inaugural da Academia das Sciencias.*

José Corrêa da Serra, (n. 1750, m. 1823) notavel naturalista conhecido por todos os sabios europeus do principio d'este seculo e um dos fundadores da Academia das Sciencias. Tendo acompanhado seus paes para a Italia em 1756, aí fez a sua educação scientifica e voltou a Portugal em 1777; por causa do seu grande nome scientifico viu-se duas vezes forçado a emigrar da patria, uma em 1786 e a ultima em 1797. Fóram tão repetidas as accusações do Intendente contra o Abbade Corrêa da Serra, que elle preferiu expatriar-se a ser submettido aos seus poderes discripcionarios. Transcreveremos dos seus numerosissimos officios as constantes suspeições que elle levanta contra este indefezo homem da sciencia:

«Encontrei na Alfandega uma caixa de livros perigosos e incendiarios do Abbade Reynald, de Bricot, de Voltaire a *Pucelle d'Orleans,* e outros livros perigosos em se disseminarem; vindo entre elles alguns dirigidos para o *Duque de Allafões* com este titulo por sobrescripto impresso em alguns jogos de volumes, e outra para o Cavalheiro Lebzeltern. . . . .

«Eu com todo o disfarce e cautella fiz abrir o dito caixão, em particular, na Alfandega, por um Feitor e dois Escrivães; e encontrei infelizmente envolvido o nome e titulo d'estas duas personagens entre papeis incendiarios, e taes que mereciam serem ali na praça do Rocio queimados pela mão do algoz.

« Parece que seria prudente que S. Alteza mandasse hir para uma das Secretarias do Estado a mesma caixa de Livros fechada e lá lhe mandasse dar o consummo que fosse servido; ainda que pareceria util que lá mesmo se perguntasse ao *Abbade Corrêa,* quem era que lhe fazia estas encommendas, que talvez se tenham espalhado pela mesma via em Lisboa, alguns dos referidos papeis, para se desmascarar o Commissario, etc. — Illmo Sr. Marquez Mordomo-Mór, 27 de Novembro, de 1794.» (1) Em uma outra carta de 19 do mez citado, tira de factos casuaes a inducção:

«Tambem este facto faz ver a V. Ex.ª quanto é perigoso o dito *Abbade Corrêa* em casa do Marechal general...» (2) Querendo tornar tambem suspeito de republicano o academico Ferreira Gordo, diz contra elle, que é amigo do Abbade Corrêa: «e involve um collegial do Collegio dos Militares em Coimbra, oppositor ás Cadeiras de Leys *Joaquim José Ferreira Gordo,* socio da Academia das Sciencias, e devo notar a V. Ex.ª que *este* é amigo do Abbade Corrêa.» (1)

---

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. IV, fl. 222 *v*.
(2) *Ibid.*, liv. IV, fl. 218 *v*.

Achava-se então em Portugal emigrado e servindo de accusador o Duque de Coigny, um dos amantes da defunta rainha Maria Antonietta:

«Fallei com o Duque de Coigny, como V. Ex.ª me ordenou no Aviso da data de 9 do presente, sobre o Assassino Broussonet, e me referiu ser um homem perigoso e membro da Convenção Nacional, que condemnou o Infeliz Rey, Rainha e Infante á morte.» (2) O nome de Broussonet tornava-se o suprasummo da accusação contra qualquer individuo; Manique liga-o mais uma vez ao Abbade Corrêa, e contra o notavel escriptor o *Padre Theodoro de Almeida,* que escrevera a *Recreação philosophica:* «Todos me declaram tambem ser perigoso o dito Broussonet, que era do *Partido de Robespier* e havia sido Secretario de Necar. É conhecido a todos hoje em Lisboa estar aqui este Pedreiro Livre Broussonet, que olham com horror, em ter sido apoiado e andar com o *Abbade Corrêa* na carruagem em algumas partes onde não deveria entrar, e estar hospedado na Academia das Sciencias de Portugal...» (1) E prosegue de um modo que leva a concluir, que o partido revolucionario constava em Portugal só dos homens de sciencia: «que em Lisboa me informam ainda se acha Broussonet, socio de Robespier; e egualmente me dizem que este temivel homem fica algumas vezes na Casa do Espirito Santo de Lisboa, com o *Padre Theodoro de Almeida,* e outras com o *Abbade Corrêa,* e me suscitam novas ideias, de que o dito francez com as suas mal intencionadas intenções queira por este lado entrar a ganhar o conceito de algumas pessoas de sexo frageis, com o fim de que este seja o meio de lhe dessiminar as suas erroneas e sediciosas doutrinas e contaminar o todo...» (2)

---

(1) *Ibid.*, liv. IV, fl. 220 (27 de Novembro de 1794).
(2) *Ibid.*, liv. IV, fl. 221.

---

(1) *Ibid.*, Liv. IV, fl. 221.

(2) *Ibid.*, Liv. IV, fl. 235 (17 de Dezembro de 1794).

Se eram os homens de sciencia os que professavam as *ideias francezas*, isto prova quam longe se não haviam fundamentado os absurdos de um cesarismo inconsciente, e quanto o povo que soffria estava bestialisado e acreditava nos terrores que lhe incutiam officialmente contra as noções de liberdade. Por este tempo tambem foi mandado sair de Portugal o celebre Jacome Ratton, que publicou o livro das *Recordações*, onde deixou descriptas as nossas intimas miserias, e as physionomias vivas dos homens que usavam a bel prazer da graça de mandar: «O Consul da America do Norte, João Jacob Poppe e seus irmãos e *Ratton*, sem hesitação são em Lisboa huns tambem d'aquelles Commissarios que a Convenção Nacional de França têm para dar as noticias e fazerem o giro das suas clandestinas negociações...» (1) «Aqui tem V. Ex.ª talvez descoberto alguns dos *Espiões* que a Assemblêa nacional tem em Lisboa.» E funda-se na «declaração judicial que fez o Tenente Coronel Benegrié, genro de Francisco Palliart, que reputa ao dito *Ratton*, por um partidista da Convenção

---

(1) *Ibid.*, Liv. IV, fl. 217 (19 de Novembro de 1794).

Nacional...» (1) As *Recordações* de Ratton são um livro essencial para quem pretender conhecer o seculo XVIII em Portugal.

Por fim a hallucinação do Intendente Manique já não era excitada só pela presença dos jacobinos e convencionaes disfarçados, era-o com as noticias que circulavam, vindas em Cartas por via da Galliza e por proprios pedestres, a que se chamavam *andarilhos*. Pede que se torne mais severa a censura dos factos publicados na *Gazeta,* e lança a suspeição revolucionaria sobre o erudito *Padre Antonio Pereira de Figueiredo* e o academico João Guilherme Muller, por causa do seu espirito republicano:

«Não posso passar em silencio e é de marcar a V. Ex.ª que o «*Pode Corrêr*» que pára na mão do Impressor Antonio Rodrigues Galhardo, que eu vi, do infame papel que saíu á luz aprovado pela Real Mesa Censoria da Commissão geral, he rubricado só pelo Principal Presidente, e pelos dois Deputados o *Padre Antonio Pereira de Figueiredo* e João Guilherme Muller, qualquer d'estes dois suspeitos e conhecidos por muita gente por sediciosos e perigosos; e do ultimo em outras diversas passagens tenho informado a V. Ex.ª já que o seu espirito he *Republicano*, e para prova d'isto tambem, lêam-se as *Gazetas portuguezas* que em algumas passagens de algumas d'ellas se reconhecerá o referido pelo que põem e deixa passar, de quanto são bem tratados e contemplados os prisioneiros portuguezes pelos Francezes, e as côres vivas com que pinta as acções dos francezes e a morte-côr com que refere na *Gazeta* as acções dos Hespanhoes e Portuguezes em todo o sentido, que ainda a serem verdades se deviam omittir; e não repito mais a V. Ex.ª quanto é pouco favoravel ao serviço de S. Magestade, que corra uma *Gazeta Nacional*, pondo em temor os vassallos, e dizer-lhes por outra parte o bem que são tratados pelos Francezes, e malquistar o alliado no tratamento que faz á Nação; porque as consequencias são as mais tristes e podem produzir effeitos ainda mais desagradaveis; e o certo é que o Revisor devia ter Politica e Critica para revêr este papel que gira por todo o reino e suas Colonias, e não é tão insignificante este objecto, que não deva Sua Magestade tomal-o em consideração, por que ha algumas noticias que não he necessario que as saibam os Povos, e ha outras que devem ser animadas de um colorido tal que attraiam a si o conceito e a attenção.» (1)

---

(1) *Ibid.*, Liv. IV, fl. 219.

Os cafés não deixavam de ser espionados, e Manique tinha ao seu serviço gracioso os emigrados realistas francezes, que faziam aqui em Lisboa uma especie de *terror branco* com as suas denuncias. Por seu turno, o Intendente faz-se tambem philosopho e começa a tirar as conclusões dos phenomenos sporadicos que observa na sociedade portugueza, e aproxima-os do que se deu em França antes de 89:

«Tendo noticia que em uma taverna que fica em uma travessa da Rua direita dos Remolares que sae ao Caes, se juntavam uns estrangeiros cantando ao som de uma rebeca todas as noites, e que as *Cantigas eram as revolucionarias* e nos intervallos conversavam em voz alta em francez, approvando os procedimentos da Convenção e terem por justa a morte do infeliz rei Luiz dezeseis, da Raynha e da Infanta, e applaudindo isto ao som da Rabeca, e das cantigas, e não faltavam noite alguma na mesma taverna a executar o que refiro; Mandei averiguar estes factos por meio de um Summario pelo Corregedor do Bairro dos Remolares, e d'elle verá V. Ex.ª o que consta e se verifica ser certo o facto das cantigas que cantavam cinco francezes, e de irem á mesma taverna todas as noites; ainda que como eram cantadas em francez, as testemunhas não depõem do que ellas continham, e só sim a primeira do Summario que he o Medico que foi da Camara de S. Magestade o infeliz Rey Luiz decimo sexto, que especificadamente depõe serem as mesmas cantigas das revolucionarias, e que as conversas que estes cinco francezes tinham entre si eram sediciosas.

---

(1) Liv. IV, fl. 235 (17 de Dezembro de 1794).

……………………………………

«Confesso a V. Ex.ª que lembrando-me do que aconteceu em Paris, e em toda a França, cinco annos antes do anno de 89, pelas Tavernas e pelos Cafés, pelas praças e pelas Assembleas, a liberdade e indecencia com que se fallava nas Materias mais sagradas da Religião Catholica Romana e na Sagrada Pessoa do Infeliz Rey e da Rainha; e lendo ás *Memorias do Delphim* pae d'este infeliz Rey, do *Memorial* que apresentou a seu pae Luiz 15 já no anno de 1755, que foi estampado em 1777, digo a V. Ex.ª que julgo necessario e indispensavel que S. Magestade haja de mandar tomar algumas medidas para que de uma vez se tire pela raiz este mal que está contaminando a todos insensivelmente.» (1) N'este anno de terror, Manique entrega-se á extincção dos papeis sediciosos, taes como a *Medicina Theologica,* pelo italiano Caetano Bragace, em casa de quem achou tambem um outro intitulado *Dissertação sobre o Estado passado e presente de Portugal,* em que fallava dos Ministros e do caracter do Confessor da Rainha. (2) Pnnha em pratica outra vez os systemas do Santo Officio para extorquir os libellos revolucionarios:

«Vou dar parte a V. Ex.ª que de novo torna a espalhar-se o papel de que foi auctor Francisco Coelho, sendo-me entregue no dia 9 do corrente por um dos meus espiões, e que agora passo ás mãos de V. Ex.ª copiado por este de outro que alcançou de João Felix, e já com outro titulo, cujo é *Analyse sobre os Errados principios adoptados pela Assemblea Nacional de França, quando passou do seu estado feliz da Monarchia para o estado infeliz da espantosa Anarchia;* e quando o dito espião me fez a referida entrega do mencionado papel me informou que uns lhe diziam ser o auctor d'elle o sobredito João Felix, outros que era copia de um que havia feito um bacharel, que assistia para a rua de S. José.

---

(1) 17 de Dezembro de 1794. Liv. IV, fl. 231 *v.*
(2) *Ibid.*, Liv. IV, fl. 232 *v.*

«V. Ex.ª verá que se necessita de alguma providencia para se pôr termo que outra vez se não disseminem estas copias, que me consta grassam, e talvez saiam da mão do *Abbade Corrêa*, pois n'aquelle tempo que averiguei as que se tinham tirado e espalhado, me constou ter o dito *Abbade Corrêa* uma copia do referido Papel, a qual elle só não entregou, mas asseverou não ter visto semelhante papel...» (1)

«Ponho nas mãos de V. Ex.ª o infame e sedicioso papel, que se intitula o *Catellão Republicano*, que appareceu n'esta cidade, e me informam andam copias em portuguez como esta, de mão em mão, e este que apresento a V. Ex.ª, he um dos que tenho ganhado, que anda entre alguns d'aquelles que tenho dado conta a V. Ex.ª por suspeitosos. Não he no meu parecer indifferente o divulgar-se em portuguez este papel...» Lisboa, 29 de Dezembro de 1794. — Illmo Exmo Marquez Mordomo-mor. (1)

---

(1) 21 de Dezembro de 1794. Liv. IV, fl. 240 *v.*

As ideias revolucionarias tambem lavravam na cidade do Porto; na Conta de Manique para o Ministro Luiz Pinto de Sousa, em 24 de Novembro de 1795 se acha: «Mandando eu ao Corregedor do Porto em officio da data de 4 de Janeiro do anno proximo passado proceder a devaça para por meio d'ella averiguar quem eram as pessoas que me constava que andavam libertinamente fallando nos mysterios mais sagrados da nossa santa Religião, na real pessoa de sua Magestade e na do principe que nos rege, *e que approvavam o governo dos Francezes;* mandando igualmente averiguar se havia, segundo me informavam, uma loja de pedreiros livres com toda a publicidade, e se nos botequins, cafés, bilhares e assembleas era onde se disseminava o que refiro, na devaça que me remetteu o mesmo Corregedor, achei que o dito Manoel Telles de Negreiros vinha contemplado como um d'elles, ainda que a prova não era legal; porém sabendo eu que este havia já sido penitenciado pelo Santo Officio por estas culpas de libertinagem, *que seguia os mesmos sentimentos dos Francezes, e lia os livros incendiarios*, tudo isto me fez pezo, e muito mais pela fuga que do Porto perpetrou logo que o Corregedor procedeu á devaça, com que ajudou a prova que no meu sentimento o constituiu réo.

---

(1) Liv. IV, fl. 238.

«Descobri-o n'esta côrte, e com tão particular amisade *associado com o abbade Corrêa,* que todas as tardes infallivelmente se ajuntavam na Praça do Commercio com outros bota-fogos de eguaes sentimentos.

……………………………………

«Eu instaria, que fosse para um dos presidios de Angola, se não temesse que lá mesmo revoltasse os Povos...» (1) Foi mandado sair da côrte, assignando termo de responsabilidade.

---

(1) Livro v, fl. 19 *v.*

No meio d'estas continuas denuncias Bocage não podia estar livre do rancôr d'aquelles a quem chamava os seus zoilos; apezar de gastar o seu estro nas banalidades dos motes insipidos dos Outeiros das eleições de abbadeçados e das luminarias reaes, de longe em longe o seu instincto da liberdade suscitava-lhe algum soneto, que vinha preparar-lhe a ruina. Transcrevemos esse que traz a rubrica: *Aspirações do Liberalismo, excitadas pela Revolução franceza, e consolidação da Republica em 1797*, para se vêr como o espirito jacobino o absorvia juntamente com a sociedade:

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!) porque não raia
Só na esphera de Lysia a tua aurora?

Da sancta redempção é vinda a hora
A esta parte do mundo que desmaia;
Oh! venha... oh! venha, e *tremulo descaia*
Despotismo feroz que nos devora!

Eia! accode ao mortal, que frio e mudo
Occulta o patrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha o estudo.

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso numen és tu, e gloria, e tudo,
Mãe do genio e prazer, oh Liberdade! (1)

Quem tiver acompanhado este quadro da propagação da ideia revolucionaria em Portugal, sentirá quanto este Soneto de Bocage exprime; desde 1793 em que celebra a execução de Maria Antonietta até 1797 a sua vida foi um esforço inaudito para abafar os impetos da liberdade que o hallucinavam; bebia, fumava, acudia a todos os *Outeiros* poeticos, aturdia-se, lisongeava os grandes prepotentes para se não perder. Por fim a consolidação da Republica transportou-o, quebrou o jugo das conveniencias, e não temeu mais o espantalho do velho Manique. Esse Soneto fez que o Intendente fixasse sobre elle a attenção; o mesmo com o outro Soneto que tem a rubrica: «*Por occasião dos favoraveis successos obtidos na Italia pelas tropas francezas sob o commando de Bonaparte em 1797.* Estas composições mostram-nos que Bocage andava em dia com os successos que estavam transformando a constituição dos estados da Europa:

---

(1) Soneto 204. Ed. da *Actualidade*.

A próle de Antenor degenerada,
O debil resto dos heroes troyanos,
Em jugo vil de asperrimos tyrannos,
Tinha a curva cerviz já callejada:

Era triste synonimo do nada
A morta Liberdade envolta em damnos;
Mas eis que irracionaes vão sendo humanos,
Graças, oh Corso excelso, á tua espada!

Tu purpureo reitor; vós, membros graves,
Tremei na curia da sagaz Veneza;
Trocam-se as agras leis em leis suaves:

Restaura-se a razão, cáe a grandeza,
E o feroz Despotismo entrega as chaves
Ao novo redemptor da natureza. (1)

Este fecho eloquente, em Portugal abria as portas do Santo Officio por conter uma impiedade. Infelizmente o tribunal do fanatismo estava mais suave do que a Policia do Cesarismo; foi facil ao Intendente Manique obter dos inimigos litterarios de Bocage qualquer denuncia, e papel qualificado de *sedicioso e incendiario.* Bocage não tinha casa, e se vivera algum tempo com o Padre Macedo, ou com Bersane Leite, agora achava-se em convivencia domestica com um poeta insulano e morgado, que commungava como elle as mesmas ideias liberaes. O Intendente lançou-lhe a rede dos seus esbirros; vejamos por esse documento inedito o que arrastou: «Consta n'esta Intendencia que *Manoel Maria Barbosa de Bocage* he o auctor de alguns papeis impios, sediciosos e criticos, que n'estes ultimos tempos se tem espalhado por esta côrte e Reino; que he desordenado nos costumes, que não conhece as obrigações da Religião que tem a fortuna de professar, e que ha muitos annos não satisfaz aos Sacramentos a que obriga o preceito de hir todos os annos buscar os sacramentos da Penitencia e Eucharistia á Freguezia onde vive: Vm.ce logo por meio de uma devaça procederá a averiguação d'estes factos para legalisar a verdade d'elles, fazendo-lhe apprehensão em todos os papeis, assim manuscriptos como impressos, e ainda n'aquelles que estiverem em poder de terceiros, seus sequazes, que devem ser igualmente prezos, e averiguada a sua vida e costumes, para vêr se imitam por elles o referido Manoel Maria Barbosa de Bocage, que foi preso a bordo da Corveta denominada—*Aviso*—a qual sahiu para Bahia com o Comboio, que proximamente partiu d'este Porto, por cuja fuga dá mais claros indicios de ser réo dos delictos de que havia sido denunciado n'esta Intendencia. Recommendo a Vm.^{ce} a brevidade na execução do que ordeno, para poder informar a S. Magestade com o resultado das averiguações a que Vm.^{ce} deve proceder, dando-me parte por escripto com a mesma devaça. Deus guarde etc. Agosto 10 de 1797. Ao Juiz do Crime do Bairro do Andaluz.» (1)

---

(1) Soneto 206. Ed. da *Actualidade.*

Assim como Bocage tinha os seus inimigos da Arcadia que o *denunciaram* como irreligioso, tambem tinha, por ventura junto da propria auctoridade, amigos que o avisaram a tempo d'elle fugir para bordo da corveta *Aviso;* o caso quasi identico de Filinto suscitar-lhe-ía este recurso. Manique tinha espiões nos escaleres e a bordo dos navios por causa dos emigrados da Revolução franceza; além d'isso o typo de Bocage era conhecido por todos, e não lhe seria facil o disfarçar-se. É certo que foi surprehendido antes de partir o comboio da Bahia, e caíu sem remedio nas garras do Intendente; a ordem de prisão pesava tambem sobre os amigos com quem tratava, e d'aqui resultou o ser preso o cadete André da Ponte do Quental, e o renegarem-no outros que elle tinha na conta de amigos, como diz na Epistola a Antonio José Alvares:

---

(1) *Registo geral da Correspondencia do Intendente,* liv. xi, fl. 37. Este documento apparece aqui pela primeira vez publicado. Rebello da Silva allude a elle, *op. cit.*, p. xlii, dando uma summa rhetorica, e confessando que lhe fôra communicado pelo snr. Innocencio. Como nenhum citou a fonte, e como nem todos os numerosos livros da Intendencia tem indice, póde-se dizer que o documento continuou perdido, e tanto que o snr. José Feliciano de Castilho o não pôde achar, nem soube da sua existencia. A muito custo pudemol-o tornar a descobrir, e aí ficam authenticados novos factos da vida de Bocage.

> ... *não recentes, vãos amigos*
> Inuteis corações, voluvel turba,
> (A versos mais attentos que a suspiros)
> No Lethes mergulhou memorias minhas.

Bocage foi preso a 10 de Agosto, e a recrudescencia da intolerancia de Manique aggravara-se em 13 de Junho de 1797, como vemos pelo extracto da seguinte Carta: «e n'este reino, ha um pouco de tempo a esta parte apparecem alguns papeis infames pelas esquinas, e cartas anonymas, que tenho recebido não devo tomar isto em bagatella... nada de devassa, Exmo Sr. por ora, senão uns procedimentos contra aquelles que constam n'esta Intendencia, e que estão inficionados de Doutrinas erroneas e perigosas; como pratiquei nos annos de 1789 a 1794, principiando pelo infame Cagliostro, Francisco Giles Fontaine, Noel e outros muitos que fiz saír d'este reino, e os effeitos se tem experimentado em se conservar Portugal illeso; o que não succedeu em *Napoles*, Roma, Londres, Genova, Suecia, Vienna, e agora acontece em Irlanda e Veneza...»

Manique allude á revolução de Napoles, em que figurou uma illustre dama portugueza. (1)

Com os homens mais sabios de Portugal, taes como o Bispo Cenaculo, e o padre Antonio Pereira de Figueiredo, correspondia-se a celebre Leonor da Fonseca Pimentel, nascida em Napoles de uma familia portugueza. Esta martyr, que deu a sua vida pela revolução republicana de Napoles, honra o nome portuguez; interessava-se tanto pelo movimento scientifico de Portugal, que interrogava Cenaculo ácerca dos trabalhos da nova Academia: «Que faz entretanto a *Academia de Historia natural*, instituida em Lisboa debaixo dos auspicios do senhor duque de Lafões? E pois me parece que com tão illustre presidente não deve estar ociosa, teria pela honra d'esta *minha madre patria* gosto de saber quaes os actos publicos ou memorias particulares que tenham saído d'ella.» (1) Os homens de sciencia e a aristocracia eram os partidarios da Revolução franceza; o Duque de Lafões era incessantemente acusado como *jacobino* pelo Intendente; o padre Antonio Pereira, com quem Leonor da Fonseca Pimentel se correspondia em 1795 sobre assumptos scientificos, era tambem suspeito. Durante o triumpho do partido republicano a formosa Leonor da Fonseca escreveu no *Monitor Napolitano,* incitando á abnegação civica; todas as palavras de patriotismo eram a base para a sentença de morte; e na restauração absolutista Leonor da Fonseca Pimentel foi condemnada á pena ultima. A sua morte foi eloquente e heroica; (2) o sangue portuguez ficom nobilitado de toda a degradação do seculo XVIII, pelo sacrificio d'esta formosa mulher, que a liberdade italiana sanctificou nos seus annaes.

---

(1) *Ibid.*, Liv. v, fl. 133 *v*.

---

(1) Apud Filippe Simões, Mss. da Bibl. d'Evora, Codice CXXVII — 2-7.

(2) Na *Viagem á Italia,* de Lady Morgan, acha-se assim descripta: «*Leonor Pimentel* era uma joven, celebre pelos seus talentos, graças e patriotismo. Foi accusada de ter escripto algumas effusões patrioticas no *Monitor napolitano,* e condemnada á morte; supportou a sua sorte com uma coragem heroica. Tomou café poucos minutos antes da execução, e dizia sorrindo-se para aquelles que lastimavam o seu fim prematuro: *Forsan et haec alius meminisse juvabit.*» Op. cit., t. IV, p. 220, not.

Em Outubro multiplicaram-se as prisões: «por andarem em Clubs pela praça do Commercio... espalhando vozes impias e sediciosas, aproveitando os procedimentos dos Francezes e o governo republicano, proferindo liberdades temerosas e malquistando com improperios os Ministros e Secretarios de Estado...» (1) Um outro era preso por se lhe achar o papel sedicioso intitulado *Extracto das Maximas de Epitecto!* (2) A este tempo já o Abbade Corrêa da Serra se refugiara no estrangeiro, onde augmentára a sua gloria scientifica. No emtanto vejamos o documento da Intendencia em que se descreve a prisão de Bocage; Manique encommendára ao Juiz do Crime do Bairro de Andaluz a diligencia de ir dar busca á casa em que morava o poeta e apprehender os seus papeis. Assim se procedeu, mas apenas pôde ser logo preso o seu companheiro, o cadete André da Ponte do Quental; Bocage havia já previsto pelas severidades do In-

(1) *Ibid.*, Liv. v, fl. 162.
(2) *Ibid.*, Liv. v, fl. 208.

tendente a sorte que o esperava e refugiara-se a bordo da embarcação *Aviso*, que pertencia ao Comboio que partia por aquelles dias para a Bahia. Tal era o terror branco da Policia, que o desgraçado preferia o desterro voluntario a jazer em uma masmorra entregue á arbitrariedade de um homem que estava isempto de justificar-se. Os papeis do Juizo do Crime do Bairro de Andaluz não existem, mas como o Intendente recapitulava tudo nos seus Officios, n'essa chata prosa pombalina, por aí se vê o estado dos acontecimentos até o poeta ser entregue ao Santo Officio. Bocage bem conhecia que diante da sympathia do publico, que o admirava, ninguem podia conspirar contra a sua liberdade senão os inimigos que contraíra na polemica da Nova Arcadia. Em umas Quintilhas, a D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho, mulher do ministro José de Seabra da Silva, declara-o em mais de um logar:

> Pezado grilhão me opprime,
> Duro carcere me fecha,
> Tecem-me d'um erro um crime,
> E a vil calumnia não deixa
> Que a compaixão se lastime.

Sombra, qual o Averno escura
Impios Zoilos derramaram,
Em vida de crimes pura;
As cadêas me forjaram,
Forjaram-me a desventura.

E em outro logar d'esta mesma composição torna-se mais claro na sua queixa:

Meu crime é ser desgraçado,
Ou talvez não ser indigno
De attraír da Fama o brado:
Um bando inerte e maligno
De inveja me fere armado.
Risonhas ternas Camenas
Sobre mim lançavam flores
Viçosas, brandas, amenas,
E com benignos favores
Afagavam minhas penas.
Dom divino, almo e lustroso
(Que a raros o céo dispensa)
Azedou tropel damnoso:
O merito é offensa
Ao coração do invejoso. (1)

Bocage sob o titulo de *Trabalhos da vida humana,* em fórma do *Fado* popular, por ventura para ser cantado, como se pôde suppôr pela epigraphe e assim tornar publica a arbitrariedade de que era victima, compôz uma série de quadras em que relata todas as circumstancias da sua prisão. Esses versos nos supprirão a falta do Auto do Juiz do Crime do Bairro do Andaluz:

---

(1) Odes, Redondilhas, 12. Ed. da *Actualidade*.

Vou pintar os dissabores
Que soffre meu coração;
Desde que *Lei rigorosa*
Me pôz em dura prisão.
A *dez de Agosto*, esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve principio o meu pranto
O meu socego deu fim.
Do funesto *Limoeiro*
Já toca os tristes degráos,
Por onde sobem e descem
Egualmente os bons e os máos.
Correm-se das rijas portas
Os ferrolhos estridentes,
Feroz conductor me encerra
No sepulchro dos viventes.
Para a casa dos Assentos
Caminho com pés forçados,
Ali meu nome se ajunta
A mil nomes desgraçados.
Para o volume odioso
Lançando os olhos a medo,
Vejo pôr — Manoel Maria —
Elogo á margem — *Segredo.* —
Eis que sou examinado
Da cabeça até aos pés,
E vinte dedos me apalpam,
Quando de mais eram dez.
Tiram-me chapéo, gravata,
Fivellas, e d'esta sorte

Por um guarda sou levado
Ao domicilio da morte.
  Estufa de treze palmos,
Com uma fresta que dizia
Para o logar ascoroso
Denominado enxovia.
  Fecham-me, fico assombrado,
Na medonha solidão,
E sem cama a que me encoste
Descanso os membros no chão.

……………………………

  Quando mais me levantava
Se abre de improviso a porta,
E ouço um animo benigno,
Que me alenta e me conforta.
  Era *Ignacio*, affavel peito,
Alma cheia de piedade,
Crédor dos meus elogios
Por heroe da humanidade.
  Do amavel Carcereiro
Me patentêa o desgosto,
Diz que piedoso me envia
Pobre, mas util encosto.
  Junto a este beneficio
A necessaria comida,
Com que sustentasse o fio
D'esta lastimosa vida.
  Garnier terno, sensivel,
Tu foste um nuncio divino
Que veiu tornar mais doce
O meu penoso destino.

Quando se era preso por suspeitas de partidario das ideias francezas, todos os amigos se renegavam para se não expôrem a perseguições; Bocage soffreu tambem esta dura prova, porém veiu consolal-o no seu desalento a dedicação do seu amigo *Antonio José Alvares:*

> Os amigos inconstantes
> Me tinham desamparado;
> E nas garras da indigencia
> Eu gemia atribulado;
> Quando *Aonio*, o caro *Aonio*,
> Da natureza thesouro,
> *A triste penuria manda*
> *Efficaz auxilio de ouro.*

No Soneto *Ao senhor Antonio José Alvares, em agradecimento de beneficios recebidos,* confessa o poeta o grande vigor moral que sentiu com esta prova de dedicação:

> N'este horrendo logar, onde commigo
> Geme a consternação desanimada,
> E parece que volta o sêr ao nada,
> Equivocados carcere e jazigo:
>
> Aqui onde o phantasma do Castigo
> Assusta a Liberdade agrilhoada,
> *Tornam minha oppressão menos pezada*
> *Mãos providentes de piedoso amigo.*
>
> No tempo infando, na corrupta edade
> Em que apoz o egoismo as almas correm,
> E em que se crê phenomeno a amisade;

Ouro, fervor, desvellos me soccorrem
De um genio raro... Oh, doce humanidade,
Tuas virtudes, tuas leis não morrem. (1)

Quando mais tarde Bocage publicou o segundo volume das suas composições poeticas, em 1799, dedicou-o a Antonio José Alvares, dizendo dos seus versos:

Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate oppresso,
Que o peso dos grilhões me aligeiraram,
Que sobre espinhos me espargiram flores...

É certo, que Antonio José Alvares seria quem levava as composições de Bocage aos poderosos a quem recorria para o libertarem das garras do Manique. Durante *vinte dois dias* esteve o poeta incommunicavel no Segredo, até que foi conduzido a perguntas para se instaurar processo:

Passados vinte dous dias,
Soffrendo mil maguas juntas,
Emfim por um dos meus guardas
Fui conduzido a perguntas.

---

(1) Soneto 267. Ed. da *Actualidade.*

O Ministro destinado
Era o respeitavel *Brito*,
Que logo viu no meu rosto
Mais um erro, que um delicto.

No Soneto *Ao senhor Desembargador Ignacio José de Moraes Brito*, Bocage exalta a humanidade d'este magistrado, que com certeza achava, como o Ministro Seabra, disparatados estes rigores do Intendente; é eloquente essa estrophe de Bocage:

De ferreo julgador não vem comtigo
Rugosa catadura, acções austeras;
Antes de ser juiz já homem eras,
E achas mais glorioso o nome antigo. (1)

É de presumir que o Desembargador Brito encaminhasse o processo de modo que a culpa de Bocage fosse de heresia e não de lesa-magestade; assim o dá a entender o verso: «Mais um *erro*, que um *delicto*.» Na *Conta* do Intendente ao Inquisidor geral, acompanhou a declaração que Bocage fez no Limoeiro, de modo que o forçava a entregar o caso ao tribunal religioso. Da boa vontade do Desembargador Brito, que servia n'isto o Ministro José de Seabra da Silva, falla o poeta:

---

(1) Soneto 257. Ed. da *Actualidade*.

Olhou-me com meigo aspecto,
Com branda amigavel fronte,
E fui logo acareado
Com o meu amavel *Ponte.*
  Portei-me como quem tinha
Para a verdade tendencia,
Do pezo da opinião,
Aligeirei a innocencia.
  Puni pelo caro amigo,
Ferido de intensa dôr;
Singular sou na amisade,
Como singular na dôr.

O nome de André da Ponte do Quental e Camara está intimamente ligado á vida de Bocage por este desastre, e pelo generoso affecto e admiração que lhe consagrava. André da Ponte foi herdeiro de uma illustre casa na Ilha de Sam Miguel, e por ventura se recolheu á cidade de Ponta Delgada quando tomou a administração do seu vinculo. Em 1821 veiu como deputado ás Côrtes Constituintes, vendo momentaneamente vingarem as ideias porque soffrera. Ouvimos pela tradição de pessoas que o frequentaram, que André da Ponte viveu quasi sempre solitario, e que estando para fallecer, mandara trazer para o pé do leito todos os seus manuscriptos poeticos, e os queimara. Deixou dois filhos, Fernando do Quental, representante da casa vincular, de um grande gosto artistico para os trabalhos de encadernação, que fôra aprender a Paris, industria que desenvolveu na cidade de Ponta Delgada, ensinando-a a rapazes pobres; e o Doutor Filippe do Quental, lente de Medicina na Universidade de Coimbra, antigo poeta, grande propagador das associações de ensino, o homem mais engraçado de todas as gerações academicas, e o modello de uma amisade cuja divisa é *Faire sans dire.* Por estes representantes se póde inferir o que seria André da Ponte para Bocage; o poeta refere as suspeições a que andavam sugeitos desde muito tempo. Na *Conta* do Intendente para o Inquisidor geral, iam tambem «*os papeis e livros* impios e sediciosos que se apprehenderam ao dito André da Ponte». Que livros seriam esses, senão algumas obras dos Encyclopedistas com que se alimentava o jacobinismo portuguez e que tanto amedrontavam a vigilancia do Intendente. Bocage celebra em um sentido Soneto o facto da prisão: *Ao senhor André da Ponte do Quental e Camara, quando preso com o auctor:*

O pesado rigor de dia em dia
Se apure contra nós, oppresso amigo;
Tolere, arraste vis grilhões comtigo
Quem comtigo altos bens gosar devia. (1)

Aqui Bocage allude a ter sido preso mais tarde e a ir acompanhal-o no carcere. A Ode escripta tambem na prisão, e dedicada a André da Ponte, é de uma suavidade encantadora quando deixa o entono erudito e moralista e toma o caracter de um protesto:

Nossos nomes, amigo, alçados vêmos
Acima dos communs; ama-nos Phebo;
As Musas nos enlouram; cultos nossos
Mansa virtude acolhe.
Em tenebrosos carceres jazemos;
Fallaz accusação nos agrilhôa,
De oppressões, de ameaças nos carrega,
O rigor carrancudo.

……………………………………

Os vindouros mortaes irão piedosos
Lêr-nos na triste campa a historia triste,
Darão flôres, oh Ponte, ás Lyras nossas,
Pranto a nossos desastres. (2)

Entre os manuscriptos de André da Ponte, queimados por elle pouco antes de morrer, deviam existir bastantes elementos para recompôr esta epoca da vida litteraria de Bocage. Conservamos aqui a tradição, que Bocage promettera a André da Ponte acompanhal-o para a Ilha de Sam Miguel, por ventura em 1798; a unica bagagem com que se apresentou para o embarque era um par de meias debaixo do braço; estavam já a metter pé no escaler quando outro amigo de Bocage lhe appareceu ali casualmente e lhe perguntou se faltava á reunião a que tinha promettido comparecer n'aquella noite? Bocage disse que não faltava, saltou logo para terra, e ficou assim gorada a viagem que com certeza lhe teria augmentado os dias de existencia, e lhe daria uma profunda tranquillidade moral. Mas voltemos aos seus dias no Limoeiro; depois do interrogatorio do Desembargador Brito, foi relaxado o Segredo ao poeta, mas submettido a mais tres inquirições:

---

(1) Soneto 266. Ed. da *Actualidade*.
(2) Ode 8. *Ibid.*

D'este centro da tristeza
Morada das afflições,
Fiz do logar das perguntas
Inda mais tres digressões.
Amo, professo a verdade,
Nas tres digressões que fiz
Sempre achei o amavel Brito
Mais bemfeitor, que Juiz.

A solidão era o que mais custava ao poeta depois que saíu do Segredo; elle chega a ter saudades do bulicio da malta, e retrata esse interior com traços rambrandtescos dignos de se conhecerem:

> Lembrava-me a curta fresta,
> Por onde á presa matula
> Ouvia de quando em quando
> Conto vil em phrase chula.
> Lembrava-me a gritaria,
> Que faz a corja, a quem passa,
> Loucamente misturando
> O prazer com a desgraça.
> Lembrava-me este catando
> Piôlho, que de alvo brilha;
> Aquelle a chuchar gostoso
> Cigarro que ou compra ou pilha.
> Um, por baldas que lhe sabe
> Ao outro dando matraca;
> Estes cantando folias,
> Aquelles jogando a faca.
> Cousas taes, que n'outro tempo
> Me fariam anciedade,
> Eram então para mim
> Estimulos de saudade. Etc.

N'esta situação desesperada veiu o dia 15 de Septembro, em que o poeta completou no carcere trinta e dous annos. No Soneto *No seu dia natalicio*, pinta o seu estado:

Do tempo sobre as azas volve o dia,
O ponto de meu triste nascimento;
Vedado á luz do sol este momento,
Furias, com vossos fachos se alumia! (1)

No dia 22 de Septembro é que Bocage terminou as coplas dos *Trabalhos da vida humana*, em que relata as miserias do encarceramento:

Ha já *quarenta e tres dias*
Que choro n'este degredo:
Heide ser muito calado,
Costumaram-me ao Segredo.

Desde esta data até 7 de Novembro, em que o poeta foi remettido para os carceres da Inquisição, jazeu no Limoeiro, incerto do seu destino como se vê pelas numerosas poesias, em que pede a todas as pessoas de influencia que intercedam por elle. Descreve o profundo tedio da solidão:

No inferno se me troca o pensamento;
Céos! porque heide existir? porque? se passo
Dias de enjôo, e noites de tormento.

Lembrando-se dos seus zoilos, que o accusaram ao Intendente e lhe entregaram os seus melhores versos, como peças do delicto, com que altura exclama:

---

(1) Soneto 250. Ed. da *Actualidade.*

Mas turba vil, que abato, anceio e espanto
Urde em meu damno abominavel pranto.

Réo me delata de horrida maldade,
Projecta aniquilar-me o bando rude,
Envolto na lethêa escuridade.

Que falsa ideia, oh zoilos, vos illude!
Furtaes-me a paz, furtaes-me a liberdade;
Fica-me a gloria, fica-me a virtude. (1)

No Soneto *Deplorando a solidão do carcere*, arrança esse outro protesto não menos eloquente:

Aqui, pela oppressão, pela violencia
Que em todos os sentidos se reparte,
Transitorio Poder quer imitar-te,
Eterna, vingadora Omnipotencia! (2)

Era a condemnação do direito divino. N'outro Soneto *Vendo-se encarcerado e solitario*, eleva-se a um lyrismo, de que tanto o desviaram as Arcadias e os Outeiros:

---

(1) Soneto 218. Ed. da *Actualidade*.
(2) Soneto 255. *Ibid.*

Tomara costumar-me á desventura;
Esquecer-me do bem gosado e visto,
Pensar que a natureza é sempre escura
Que é geral este horror, que o mundo é isto. (1)

Estava vingado do seu tempo quem vibrava a sua queixa n'esta fórma sublime:

Sou victima de asperrima violencia,
Sem ter quem dos meus males se lastime
N'este horrivel sepulchro da existencia:
Mas peze dos remorsos não me opprime;
A susurrante, a vil maledicencia
D'erros dispersos me organisa o crime. (2)

Quaes eram esses *erros dispersos?* Um ou outro Soneto liberal, de que lhe faziam carga; Manique, ao entregal-o á Inquisição, criminava-o pela satyra anonyma que começa *Pavorosa illusão da eternidade;* outros não se esqueciam do Soneto á derrota do exercito do Pio VI, que assignou por isso a paz de Tolentino em 1797; e os ataques aos hypocritas e frades. Pertencia á Inquisição o poeta que se atrevia a retratar o papa como:

Purpureo fanfarrão, papal sacrista,

---

(1) Soneto 245. Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto 249. *Ibid.*

que berra para os seus, fortalecendo-os com a lista de surdos santos:

O progresso estorvae da atroz conquista
Que da Philosophia o mal derrama,

e termina descrevendo a derrota com um inimitavel tom grotesco:

O rapido francez vae-lhe ás canellas;
Dá, fere, mata. Ficam-lhe em despojo
Reliquias, bullas... bagatellas. (3)

Depois de sessenta dias de cadeia, Bocage resolve-se a importunar todos os seus amigos de valimento, que até então nada haviam conseguido; elle escreve uma Epistola a Joaquim Rodrigues Chaves, para que faça com que D. Lourenço de Lima intercede para com o Ministro seu pae, o Marquez de Ponte do Lima:

De Bocage infeliz sê prompto abrigo,
Estorva que se encerre um desgraçado,
N'este mal, n'este horror, n'este jazigo.

---

(3) Vid. tom. VII da edição innocenciana.

Do crime corruptor não fui manchado;
Alta religião me attrae, me inflamma;
Amo a virtude, o throno, as leis, o estado.
Acima de meus zoilos me ergue a fama
Eis porque o negro bando, atroz maldito,
Sobre minhas acções seu fel derrama.

....

Depois que n'estas sombras esmoreço
Duas vezes brilhando, a plena lua
Tem roubado ás estrellas o aureo preço.
Ah, funde-se o teu nome, a gloria tua
No pio intento de romper-me o laço
Que a sorte me lançou raivosa e crúa.
De benigno *Laurenio* invoca o braço,
O braço protector dos desditosos,
Jamais em dons beneficos escasso.
Elle aos ouvidos faceis e piedosos
Do sublime varão, do egregio *Lima*
Conduza meus suspiros lastimosos... (1)

Por este meio fez Bocage chegar ás mãos do Marquez de Ponte do Lima, Ministro da Fazenda, uma outra Epistola, em que se vê o seu profundo desalento por causa da falta da justiça a que está exposto:

Outros querem louvor; eu só piedade;
Piedade! que *a perder o gosto á fama*
Até já me ensinou a adversidade!

....

---

(1) Epistola 8. Ed. da *Actualidade*.

Em carcere, a que o sol, medroso, esquivo
Seu lume bemfeitor jamais envia,
E onde sómente a dor me diz que vivo:

……

Deixa pousar, senhor, no attento ouvido,
A queixosa, tristissima linguage,
As supplicas e os ais de um perseguido.
Do susto, da oppressão, do horror, do ultraje,
Sólta, restaura com piedade intensa
Os agros dias do infeliz Bocage. (1)

Não se fiando ainda na efficacia do seu pedido, mandou entregar outra Epistola ao genro do Marquez de Ponte do Lima, o Marquez de Abrantes Dom Pedro de Lencastre e Silveira Castello Branco, que na sua qualidade de Mordomo-fidalgo da Misericordia de Lisboa era o promotor da defeza e livramento dos presos desvalidos. Tal era a tenacidade das garras de Manique, e a incerteza e irregularidade dos processos n'essa epoca!

Do numero infeliz que te suspira
Lastimosa porção me fez a sorte;
Lançou-me em feio abysmo, onde parece
Que entre seus cortezãos preside a morte.

Que é morte? Solidão, Silencio, Trevas.
Tudo isto occupa o lugubre aposento;

---

(1) Epistola 6. Ed. da *Actualidade.*

Silencio, trevas, solidão me abrangem
E horror multiplica o pensamento.

. . . .

. . . .
Tu, grande, tu benefico, tu forte
Emprehende a gloria de vencer meu fado.

Protege a causa do infeliz que invoca
Teu nome e teu favor, tua piedade;
Guia os suspiros meus e as preces minhas
Ao throno onde reluz a humanidade. (1)

Escreve tambem Bocage a Henrique José de Carvalho e Mello, primogenito e successor do Marquez de Pombal, justificando-se do seu silencio por um «*trait de prudence*» na epigraphe tirada de Boileau. O filho do velho Marquez de Pombal, apezar da queda de seu pae, era então Presidente do Desembargo do Paço e da Mesa da Consciencia e Ordens; por isso o poeta escreve-lhe lisongeando-o com coragem na memoria de seu pae:

Carcere umbroso, do sepulchro imagem
Caladas sombras de perpetua noute
Me ancêam, me suffocam, me horrorisam.
Não rebelde infracção de leis sagradas,
Não crime, que aos direitos attentasse
Do solio, da moral, da natureza,
N'este profundo horror me tem submerso:

---

(1) Epistola 7.

A calumnia fallaz, de astucias fertil
Urdiu meus males, affeiou meu nome.
. . . .
Heroe, filho de heroe, protege, ampara
Ente opresso, infeliz que a ti recorre;
Lava-lhe as manchas da calumnia torpe;
Ao throno augusto da immortal Maria
Com lamentosa voz dirige, altêa
Do misero Bocage os ais e as preces... (1)

Sabe-se que tambem recorreu á protecção do Conde de Sam Lourenço Dom João José Ansberto de Noronha, a quem se confessa grato:

. . . . o triste vate
Que foi por teu favor, por teus auspicios
Ao tumulo dos vivos arrancado,
Onde torva Calumnia o ferrolhara... (2)

Não citámos em primeiro logar o nome de José de Seabra da Silva, porque a sua dedicação conhecida por Bocage enfraquecia-lhe em parte o seu valimento. É á esposa do ministro intelligente, D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho que o poeta se dirige n'essas suaves quintilhas:

(1) Epistola 5. Ed. da *Actualidade.*
(2) Epistola 15. *Ibid.*

Exerce efficaz valia
Que me serene a fortuna,
Irosa fortuna impia;
Para guarida opportuna
Meus ais, minhas ancias guia.
Pelo misero intercede . . . . . .
Que a ti recorre em seus males,
Que prompto auxilio te pede;
O que podes, o que vales
Por minhas angustias mede.
Dá-me a luz, que respirei
No seio da humanidade;
Roga que se abrande a lei
A que a doce liberdade
Submisso e mudo curvei. . . (1)

Na Ode a *José de Seabra da Silva,* Ministro e *secretario de Estado dos Negocios do Reino,* tambem escreve o desgraçado poeta:

A mim, desventurado,
N'um carcere cruel, envolto em sombras
A mim, curvo, abatido
Ao pezo do grilhão, da injuria ao pezo,
Ente vulgar, inutil,
De mil tribulações, que recompensa,
Que futuro me resta ?

Bocage conhece que a sua amisade póde prejudicar o ministro, e pede-lhe que o não proteja claramente:

---

(1) Redondilhas, 12. Ed. da *Actualidade.*

Em beneficio meu, de mim te aparta...
....
Sejam, sejam remidos
Pela dextra efficaz do heroe prestante
Meu prazer, meu repouso,
A mente, a liberdade, a luz e a vida
N'este horror suffocadas. (1)

Foi com effeito a José de Seabra da Silva que Bocage deveu a liberdade, mas por um modo indirecto.

O Ministro fez avultar os erros religiosos do poeta, por que era então Inquisidor geral Dom José Maria de Mello, homem de illustração; o preso foi entregue ao poder inquisitorial pelo tenaz Manique em 7 de Novembro de 1797; na Inquisição o poeta foi reprehendido, ordenando-se que fosse doutrinado em um mosteiro. Era um modo de lhe assegurar alguma tranquillidade, até que se afrouxassem os rigores de Manique. Importa deixar aqui transcripto o Officio do Intendente ao Bispo Inquisidor geral, remettendo-lhe o preso: «Constando-me, que n'esta côrte e Reino giravam alguns papeis impios e sediciosos, mandei averiguar quem seriam os auctores d'elles, e encontrei que uma parte d'estas era o seu auctor *Manoel Maria Barbosa de Bocage,* o qual vivia em casa de um Cadete do Regimento da primeira Armada, André da Ponte, que he natural da Ilha Terceira; (1) mandei proceder contra um e outro e á apprehensão dos seus papeis, e não achando ao sobredito Manoel Maria, se encontrou sómente o André da Ponte, que foi prezo, e apprehendidos os papeis, e entre elles se achou um infame e sedicioso que se intitula *Verdades duras,* e principia: *Pavorosa illusão da eternidade,* e acaba: *De opprimir seus eguaes com o ferreo jugo,* como consta do Auto da achada que acompanha a Conta que me deu o Juiz do Crime do Bairro de Andaluz, a quem eu havia encarregado esta diligencia; do mesmo Auto verá V. Ex.ª os mais papeis e livros impios e sediciosos que se apprehenderam ao dito André da Ponte, os quaes remetto inclusos com a devassa a que mandei proceder para averiguação da verdade e as porguntas que se fizeram ao dito *Manoel Maria Barbosa de Bocage,* que, passados alguns dias tambem foi prezo a bordo de uma embarcação, que hia fugido no Comboio para a Bahia, e André da Ponte do Quental da Camara. Remetto tambem a delatação que me me fez da cadeia o dito *Manoel Maria Barbosa de Bocage,* para que este Santo Tribunal lhe dê o pezo que merecer. V. Ex.ª me insinuará o mais que quer que eu faça sobre estes dois réos, os quaes conservo na prisão, esperando a restituição d'estes papeis logo que forem examinados por esse Santo Tribunal pela parte que lhe toca. Lisboa, 7 de Novembro de 1797.—Exmo Snr. Dom José Maria de Mello.» (1)

---

(1) Ode 17. Ed. da *Actualidade.*

---

(1) Ilha de S. Miguel.

Por este documento se vê quanto custava ao Indentente Manique o largar a presa; conservava-os em ferros, até que a Inquisição dispozesse d'elles.

André da Ponte do Quental, talvez em virtude do seu nascimento e relações valiosas foi mandado recolher á terra da sua naturalidade; Bocage foi reenviado outra vez para o Intendente da Policia, insinuando-se que o mandasse recolher ao Mosteiro de Sam Bento da Saude para ser doutrinado. Sabe-se hoje por via do *Dietario* do Mosteiro de Sam Bento, que Bocage deu ali entrada em 17 de Fevereiro de 1798; esteve portanto no Santo Officio tres mezes e dez dias. Pelo documento que citamos, se vê que o Mosteiro de Sam Bento era um refugio para onde a auctoridade mandava accolher os perseguidos pelas arbitrariedades da policia, que era então um estado no estado. O *Dietario,* a que nos referimos, era um livro escripto annualmente por um frade da ordem, que tinha o cargo de consignar n'elle todos os successos principaes do tempo, como os desastres publicos, as descobertas, os contagios, os obitos dos principaes personagens; como contribuição para a historia. O pensamento da instituição era luminoso, mas o criterio ficava sempre abaixo do caso anedoctico, por falta de intuito philosophico. Em todo o caso os poucos livros que restam, contêm alguns factos importantes para a historia da sociedade portugueza do seculo XVIII. Transcrevemos a nota ácerca de Bocage, não só como subsidio authentico para a Biographia do poeta, senão tambem como especimen do livro:

---

(1) *Contas para as Secretarias,* Livro v, fl. 166 *v.* No *rch. nacional.*

«Anno de 1798 — Mez de Fevereiro — Lisboa. Providencias politicas internas, em qualquer ramo de Administração publica.

«A 17 do presente mez de Fevereiro foi mandado para este Mosteiro pelo Tribunal do Santo Officio o celebre Poeta *Manoel Maria de Bocage*, bem conhecido n'esta Côrte pelas suas Poesias, e não menos que pela sua instrucção. Tinha sido prezo pela Intendencia, e elle reclamára para o Santo Officio, onde esteve athé ser mandado para este Mosteiro, apezar de encerrar já no seu recinto o Regimento de Gomes Freire, seis expatriados, e um prezo de Estado do julgado levantamento de Minas Geraes.» (1)

Por este documento se vê que o proprio Bocage *reclamára*, isto é, recorrera para o Santo Officio, para assim se eximir ao despotismo do Intendente, que não hesitava em conserval-o em carcere.

---

(1) *Dietario do Mosteiro da Saude de S. Bento de Lisboa*, fl. 8 (1798). *Ms. da Bibl. Nac.* Deu-nos conhecimento d'este Livro o sr. Dr. Ribeiro Guimarães.

perpetuo, ou pelo menos degradal-o para Angola. A brandura com que o trataram no Mosteiro de S. Bento, fez com que Manique logo em 22 de Março, por Officio ao Corregedor do Crime do Bairro dos Romulares o mandasse transferir para o Mosteiro das Necessidades. N'esta casa floreciam os Padres Antonio Pereira de Figueiredo e Theodoro de Almeida, eruditos de primeira ordem e suspeitos pelo Intendente de *Philosophos* e de partidarios das *ideias francezas*. Ali foi encontrar Bocage o poeta e philologo Frei Joaquim de Foyos, que o ouviu de confissão geral e contra o qual lançou alguns epigrammas. Eis o Officio supracitado, no seu embrulhado estylo:

« V. M.ce na noite de hoje quinta feira, vinte e dois do presente, passará ao Mosteiro de Sam Bento da Saude e procurará o Abbade do mesmo Mosteiro, e lhe entregará a carta inclusa, e receberá *Manoel Maria Barbosa du Bocage* e o conduzirá ao Hospicio de N. Snr.ª das Necessidades, dos Padres de Sam Filippe Nery, junto de Alcantara e o entregará ao Prelado do mesmo Hospicio que estiver presidindo n'elle, e lhe intimará que fica ali o dito Manoel Maria recluso no mesmo Hospicio, e que não possa saír fóra sem nova ordem, nem communicar com pessoa alguma de fóra, á excepção porém dos Religiosos Conventuaes no mesmo Hospicio ou filhos da mesma Congregação de S. Filippe Nery, andando em liberdade no mesmo Hospicio, sem que venha abaixo ás Portarias e á mesma Egreja, e nas horas de recreação poderá hir á Cêrca, na Companhia dos Religiosos e Conventuaes no mesmo Hospicio, e assistir no Côro a todos os officios, se assim o julgar o Prelado, e não encontrar algum inconveniente; e lhe entregará Vm.ce o constante da Relação inclusa, que o Principe nosso Senhor lhe manda dar por esmola, e espera que com estas Correcções, que tem soffrido tornará em si, e aos seus deveres, aproveitando os seus distinctos talentos com os quaes sirva a Deus nosso Senhor, a S. Magestade e ao Estado, e util a si, dando consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes, que o vejam entrar em si verdadeiramente, abandonando todos os vicios e prestituições em que vivia escandalosamente.

« Logo que tiver executado esta diligencia me dará V.m.ᶜᵉ conta por escripto. Lisboa, 22 de Março de 1798. — Ao Juiz do Crime do Bairro de Romulares.» (1)

Nenhum biographo havia ainda fallado da esmola que o Principe regente mandara dar a Bocage; póde-se affirmar que foi acto do proprio Intendente, que costumava applicar os muitos recursos da Casa Pia ao soccorro de desvalidos, e que tinha ordem de levantar os dinheiros que bem quizesse do Thesouro sem ser obrigado a justificar as suas despezas. A esmola era descripta em uma relação, o que nos prova, que constaria de roupas e algum dinheiro. O caracter de Bocage estava acima d'estes sentimentos officiaes, e por isso nunca alludiu nos seus versos á esmola dada em nome de Dom João VI; pelo contrario, exaltava nos seus versos a dedicação d'esse pobre José Pedro da Silva, dono do Botequim do Rocio, a quem

---

(1) *Registo geral da Correspondencia do Intendente da Policia com todas as Auctoridades*, Liv. XI (numeração da Intend.) fl. 109. Tambem se acha sob o titulo do Liv. 38 (Governo Civil) e 199 (Torre do Tombo). Rebello da Silva allude a este documento, mas não o cita, (p. XLIV) nem indica a fonte. J. Feliciano tambem o não descobriu, e por isso não cita a melhor parte dos factos n'elle contidos.

Pagava em prata o que devia em ouro. (1)

Embora Bocage fôsse conservado incommunicavel para os extranhos ao Mosteiro, sentiu-se alli em uma sociedade escolhida, onde o estimavam; e em uma Ode a José da Seabra da Silva, confessa-lhe que lhe renasce outra vez o gosto pela poesia:

Estro brilhante, creador dos hymnos,
Dissipa imagens turvas,
D'agra tristeza desvanece o rasto
No espirito do vate,
Á sombra dos altares acolhido.
A estridula corrente
O peso infamador aqui não sôa;
Aqui não sôam magoas
Da vexada innocencia lamentosa... (2)

No Soneto de Bocage com a rubrica *Conselhos a um Preceptor austero*, conhece-se que na clausura tambem se distraía com versos amorosos; foi durante este remanso moral que se occupou com a tentativa de versão das *Metamorphoses* de Ovidio, que lhe deram um nome respeitado entre os eruditos. Na epigraphe original que adoptou para a versão, ainda se queixa da falta de liberdade; um grande numero de episodios da *Pharsalia*, da *Jerusalem libertada*, da *Henriada*, da *Colombiada* foi vertido por Bocage, aproveitando-se das riquezas da bibliotheca do mosteiro e do tempo, que a sua vida vagabunda lhe não deixava. Vivia então recolhido em uma cella da Congregação do Oratorio o Conde de Sam Lourenço, Dom João José Ansberto de Noronha, que, depois de ter soffrido as duas prisões da Junqueira, quando foram executados os seus parentes, os Tavoras, por ordem do Marquez de Pombal, readquirira a liberdade no começo do reinado de D. Maria I. O Conde de Sam Lourenço precisava da tranquillidade moral, e tendo-se acostumado á leitura no carcere, acolheu-se a essa Ordem litteraria e ali acabou os seus dias. Bocage frequentava a sua companhia, e escutava-o attentamente; em uma Epistola que lhe dedica, descreve Bocage esses encantadores entertimentos:

---

(1) Soneto 317. Ed. da *Actualidade*.
(2) Ode 19. *Ibid.*

Que horas douradas, que formosos dias
N'ella dos labios teus pendi, qual pende
Da face encantadora acceso amante...
. . . .
E ouvindo-te um ser novo em mim sentia. (1)

O Conde de Sam Lourenço fôra amigo de Garção, que lhe dedicara a sua mais bella Satyra, e, como elle, tambem victima do Marquez de Pombal; a grande admiração que Bocage consagrava a Garção foi em parte suscitada pelas conversas eruditas d'este asceta, que tinha de commum e de intimo com elle o terem sido ambos victimas da arbitrariedade. N'estes mutuos desabafos, como lhes não resplandeceriam na consciencia os grandes actos da justiça popular!

Em 1798 ao fazer trinta e tres annos já se achava plenamente solto, e já com alguns cabellos brancos por effeito d'estas emoções violentas:

Excedo *lustros seis* por *mais tres annos*,
Mas bem que juvenis meus annos sejam,
Já murcham de agonia, e já me alvejam
Não raros na cabeça os desenganos. (1)

---

(1) Epistola 15. Ed. da *Actualidade*.
(1) Soneto 221.

Na versão dos trechos das *Metamorphoses*, Bocage evitou tudo o que o podia tornar suspeito outra vez; e talvez por esse motivo teve de abandonar a versão de *Gil Braz de Santillana*, que encetara. O Intendente continuava a perseguir os livros; em uma *Conta* de 27 de Septembro de 1798, repete: «que a maior parte dos livros impios e sediciosos que apparecem no publico de mão em mão sáem da Alfandega... Devo informar a V. Ex.ª que me dizem ser seu auctor *Luiz Caetano*, que acaba de chegar a Lisboa, de Paris, para onde havia fugido d'este reino, contra o qual não procedo immediatamente, por querer primeiro fallar ao Illmo Exmo Snr. José de Seabra da Silva do qual o sobredito *Luiz Caetano* me deu verbalmente um recado, dizendo que Antonio de Araujo e Azevedo, Ministro da Côrte na Haya, havia escripto áquelle Ministro a favor d'elle...» (1) É logo em 1798 que achamos Bocage em relações com Luiz Caetano, a quem lhe deixou o trabalho de completar a versão de Lessage.

A traducção da *Historia de Gil Braz de San-*

---

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. v, fl. 245.

tilhana por Bocage, começada antes de 1798, não devia deixar de lhe fazer carga nas suspeitas e indiciações de que o cobria a policia de Manique. Em uma conta do Intendente para as Secretarias, dando parte de que mandara saír de Portugal um professor de francez, pelo perigo das ideias revolucionarias, diz que na busca dada aos seus papeis: «se lhe achou outro livro de que elle se servia tambem para dar as lições, intitulado *Historia de Gil Braz de Santillana,* o qual tambem pouco proprio para instruír a mocidade, que não seja arriscada a precipitar-se. . .» (1) É presumivel que Bocage não acabasse a sua traducção, (até á pag. 116 do t. II) por effeito da sua prisão e transferencia do Mosteiro de S. Bento, e por isso a acabou *Luiz Caetano de Campos,* já desde 1794 notado pela policia como Jacobino, que frequentava os dois homens perigosissimos o sabio Corrêa da Serra, e o illustre Duque de Lafões, e que ia ás conversas dos pasmatorios da Praça do Commercio: «um portuguez, que tambem concorre na Praça do Commercio com estes, filho de Chaves, e conhecido por ter composto as *Viagens de Altina*, que esteve em França e em Inglaterra, e que tambem concorrem em casa dos livreiros francezes, d'aquelles que estão marcados Jacobinos, na minha presença.....» (1) A traducção de Luiz Caetano de Campos honrrêa dignamente com a parte de Bocage.

---

(1) Liv. IV, fl. 187. (9 de Março de 1793.)

O poeta andava desalentado, e a cabala dos metrificadores havia alcançado pela mão pezada de Manique uma bem amarga vingança. Bocage precisava de um estimulo que o fizesse achar outra vez encanto na poesia. Consta pela tradição conservada por Bingre, que o Ministro José de Seabra da Silva lhe offerecera em 1798 um logar de official da Bibliotheca publica de Lisboa, aberta n'esse anno, e que o poeta recusara, para conservar a sua independencia. A este tempo já havia chegado ás mãos do velho Filinto Elysio, a Paris, impresso em 1791 o volume das suas *Rimas*, e tambem a tradição dos seus soffrimentos nos carceres politicos e inquisitoriaes. Filinto, usando da authoridade do seu nome e dos seus annos, remetteu a Bocage uma pequena Ode que era a consagração do novo talento:

---

(1) *Ibid.* fl. 211, *v.* (5 de Novembro de 1794.)

Lendo teus versos, numeroso Elmano,
E o não vulgar conceito e a feliz phrase,
Disse entre mim: — Depõe, Filinto, a lyra
Já velha, já cansada;
Que este mancebo vem tomar-te os louros,
Ganhados com teu canto na aurea quadra
Em que ao bom Corydon, a Elpino, a Alfeno
Applaudia Ulyssêa...

Esta curta Ode, que se compõe ao todo de quatro strophes, veiu reanimar Bocage e assegurar-lhe o triumpho decisivo sobre os seus emulos, inspirando-lhe o verso audacioso: «Zoilos tremei! posteridade, és minha.» Foi este um dos maiores prazeres que Bocage encontrou na sua vida litteraria, e d'aqui se deve determinar uma nova phase na sua actividade.

§ IV

Periodo de desalento e morte (1798 a 1805.) — Relação de Bocage com o Padre Conceição Velloso, naturalista brazileiro. — Rompe a polemica com José Agostinho de Macedo em 1801. — Trabalha para sustentar sua irmã. — Influencia dos Botequins no liberalismo, o Botequim do Nicola, e o *Agulheiro dos Sabios*. — Elmanistas : Pato Moniz, Maldonado, Cardoso, Morgado de Assentis, Dom Gastão. — Seu amor com D. Anna Perpetua Bersane Leite. — Os Outeiros poeticos, e os improvisos nos saráos de familia. — Bocage sente-se doente, e reconcilia-se com os seus inimigos, Macedo, Semedo, e louva todos os seus contemporaneos. — Dedicação do botequineiro José Pedro da Silva. — Ultimas publicações para sustentar-se. — Morre sem vêr o fim da sociedade de que foi victima. — Entrada dos Francezes em Portugal em 1808. — Espirito novo.

Logo que Bocage conseguiu a liberdade, procurou manifestar a sua gratidão pelos amigos desinteressados que procuraram tiral-o do arbitrio de Manique, ou o sustentaram na cadeia. É de 1799 o segundo volume das *Rimas*, dedicado a Antonio José Alvares, que o fôra soccorrer com dinheiro quando ainda se achava no Segredo:

A minha gratidão te dá meus versos
....
Os lares vão saudar, propicios lares
Que em doce recepção me contiveram
Incertos passos da indigencia errante;
Dos olhos vão ser lidos, que apiedaram
A catastrophe acerba de meus dias
....
Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate oppresso,
Que o peso dos grilhões me aligeiraram... (1)

A propria auctoridade impassivel de Manique reconhecia que havia n'aquella natureza desgraçada o quer que é de superior, que não póde ser submettido á lei geral. No Officio para o Corregedor do Crime do Bairro de Romulares, chega a dirigir ao poeta essas palavras vagamente compassivas, em que diz que o principe regente contava: «que por meio das correcções que tinha soffrido *Manoel Maria Barbosa de Bocage,* tornando a si e aos seus deveres, *aproveitando os seus distinctos talentos* para servir a Deos, a El-Rei e ao Estado, seria util a si, e *daria consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes,* abandonados os vicios e a prostituição em que vivera escandalosamente.» (1) Era impossivel para Bocage, e para todo o homem capaz de pensar, o aproveitar o seu talento em uma sociedade, onde se estabelecia, que: «se não pagasse os quarteis dos seus respectivos ordenados aos mestres de primeiras lettras, e de Latinidade d'esta côrte e de todas as comarcas do Reino sem que apresentassem attestação jurada dos Parochos ou Prelados locaes dos Conventos ou Mosteiros, em que declarassem que os referidos Mestres e Professores tinham ido com os seus alumnos em todos os Domingos assistir ao Cathecismo.» (2) Para acudir a Bocage, o naturalista eminente o Padre Mestre José Marianno da Conceição Velloso propôz-lhe logo em 1799 a traducção de varios poemas didacticos:

---

(1) Epistola 11. Ed. da *Actualidade.*

Em ti, constante, desvelado amigo
Demando contra a sorte asylo e sombra
Oh das Musas fautor, de *Flora alumno.* (3)

A vinda de D. Maria Francisca, irmã mais nova de Bocage, para a companhia d'elle, talvez em consequencia da partida da Marqueza de Alorna para Inglaterra, seria tambem para dar algum assento a esta vida vagabunda. Na Satyra contra José Agostinho de Macedo, em 1801, já allude o poeta ao cumprimento de deveres sagrados, porque já então trabalhava para sustentar sua irmã, escrevendo as traducções encomendadas pelo grande naturalista brazileiro o P.ᵉ José Marianno da Conceição Velloso:

---

(1) Officio de 22 de Março de 1798.
(2) *Conta*, de 20 de Junho de 1799. Liv. v, fl. 319.
(3) Epistola 25. Ed. da *Actualidade*.

Os dias eu consummo, eu vélo as noites
Nos desornados, indigentes lares;
Submisso aos fados meus ali compondo
Á pezada existencia honesto arrimo,
Co'a mão que Phebo estende aos seus, a poucos.
Ali deveres, que não tens, nem prezas,
Com *fraternal* piedade acato, exerço,
Cultivo affectos á tua alma estranhos,
Dando á virtude quanto dás ao vicio;
Não me envilece ali de um Frade o soldo:
Ali me esforça ao genio as igneas azas,
Coração bemfazejo, e tanto e tanto
Que a ti, seu depressor, protege, accolhe;
Que em redondo caracter te propaga
A rapsodia servil................ (1)

---

(1) *Pena de Talião.* Ed. da *Actualidade,* t. II, 463.

Já em 1800 nos apparece Bocage fazendo versões para a *Typographia Caleographica e Litteraria,* da qual era um dos directores o paulista Frei José Marianno da Conceição Velloso, (1) que para acudir a Bocage lhe estabelecera um ordenado de vinte quatro mil reis mensaes; é d'esse anno a publicação do poema didactico do insulso Delille *Os Jardins.* A versão de Bocage mereceu gabos geraes, que indispuzeram Macedo, e foi d'aqui que datou a ruptura das relações amigaveis entre os dois.

Depois que alcançou a soltura, Bocage não tornou a procurar o Conde de Sam Lourenço, que tão amigavelmente o acolhia ás suas conversas na cella das Necessidades que habitava; Bocage escreveu-lhe desculpando-se com seus trabalhos forçados, e allude outra vez á companhia de sua irmã:

Se a beber novo brilho, ideas novas
Nas azas da saudade a ti não vôo,
Ê que férreo dever, grilhão sagrado
No pobre, tosco alvergue me acantoam.
Lucro mesquinho de vigilias duras,

---

(1) Decreto de 7 de Dezembro de 1801.

Patrimonio dos vates (e não sempre)
Sustem meus dias, que parecem noites,
E esteio aos dias são de irmã, que terna
Curte commigo tormentosos fados. (1)

Por este trecho se vê que o poeta tomava a serio a obrigação que contrahira com o eminente naturalista Velloso; as traducções dos *Jardins*, de Delille, das *Plantas*, de Castel, do *Consorcio das Flores*, alem de outros trabalhos, foram feitas durante os annos de 1801 e 1802. O applauso que as suas traducções provocavam é que o enthusiasmava para forçar-se ao estudo, e é que lhe suscitava os impetos de vaidade que o levaram a provocar José Agostinho de Macedo.

Bocage estava no apogeu da sua gloria; conhece-se isto pelas relações dos estrangeiros. Link, nas suas *Viagens a Portugal*, deixou consignado este facto: «Perguntei a muitos portuguezes, quaes eram os melhores poetas modernos, e aos livreiros quaes as poesias mais procuradas; respondiam todos, que Manoel Maria Barbosa du Bocage.» (2)

---

(1) Epistola 15. Ed. da *Actualidade*.
(2) *Travels in Portugal*, 1801.

Esta significação da estima publica pelo talento de Bocage é que nos explica o tom vaidoso que escapa em differentes logares das suas obras, e o acinte de ir provocar a emulação abafada de Macedo. Foi no anno de 1801, que Bocage compoz mais *Elogios dramaticos* para os theatros, e onde o publico mais apreciou a sua versificação harmoniosa; os actores pediam-lhe versos allegoricos para os seus beneficios, e em todos os regosijos officiaes dos natalicios do paço Bocage contribuia sempre com uma composição recitada ou no Salitre, ou na Rua dos Condes, ou em S. Carlos.

Essas composições que são o documento mais vivo da sua popularidade, não tem merito algum; o *Elogio dramatico* era uma invenção do espirito bajulador dos absolutistas do seculo XVIII; consistia em um dialogo entre entidades allegoricas, como a Virtude, a Liberdade, o Despotismo, o Vicio, e outros mil vocabulos. Bocage tentou escrever no genero dramatico, mas os fragmentos que deixou mostram que foi desnorteado no seu caminho pela tragedia pseudo-classica franceza e pelo *Elogio*. Como os versos de Bocage eram retumbantes, como observou Link, *(e só o podem accusar de hyper-*

bole...) no theatro não se notava o vazio do pensamento, e por isso foi aí apreciado. Era isto mais um motivo para acirrar o odio de José Agostinho de Macedo, sempre infeliz com as suas tentativas dramaticas.

A epoca precisa da grande lucta litteraria em Bocage e José Agostinho deve fixar-se em 1801, como se deduz da *Pena de Talião:*

Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
Quando a celeste *Catalani* exhala
Milagres de ternura e de harmonia?
Sim, que disseras, se, ultrajando a scena
De rouquenha bandurra um biltre armado
Ante a assembléa extactica impingisse
Solfa mazomba, hispanico bolero?

Como se sabe, a *Catalani* começou a cantar em Sam Carlos desde o inverno de 1801 até ao carnaval de 1806 (1). Portanto, Bocage tomou a comparação para a superioridade do seu talento da impressão mais viva de que estava então possuido, e os seus versos já retratam as parcialidades que se formaram entre os amadores dividindo-se na admiração a Catalani e ao sopranista Crescentini. Já em 18 de Fevereiro de 1802, o Intendente da Policia, o implacavel Manique, escrevia em uma Conta para as Secretarias, que era impossivel conciliar os dois artistas, (1) e Crescentini empregava todos os meios para fazer saír de Portugal a cantora que offuscava a sua gloria. Já que para a restituição d'esta época da vida de Bocage tocámos nas luctas do theatro de Sam Carlos, desenvolveremos esta parte, por isso que Bocage tambem andava envolvido no côro dos admiradores da celebre *Gafforini*, escripturada em 1801; Bocage dedicou-lhe uma Ode com a rubrica *Á celebre actriz e cantora veneziana Elizabetha Gafforini* (2). Cantavam-se então no theatro de Sam Carlos as Operas do nosso compositor nacional Marcos Portugal; taes como *Morte di Semiramide*, *Sofonisba*, *Il Trionfo di Clelia*, *Argenide*, *Zaira*, *Merope*, *Fernando in Messico*, *Ginevra di Scozia*, *Il Duca de Foix*, e *Morte di Mitridate* (3), em que brilhavam a Catalani e a Gafforini (1). Em um documento da Policia, de 1802, achamos descriptas as luctas intestinas da Companhia organisada por Crescentini, interessante para a vida artistica d'essa época, e para a biographia de Marcos Portugal, pelo que o reproduzimos na sua integra:

---

(1) Vasconcellos, *Os Musicos portuguezes*, t. II, 119.

---

(1) *Papeis da Intendencia*, liv. vi, fl. 266 *v.*
(2) Ode 22. Ed. da *Actualidade*.
(3) Vasconcellos, *op. cit.*, ibidem.

«Recebo ao fazer d'ésta o Aviso de V. Ex.ª com a data de hontem, com o Requerimento incluso de Jeronymo Crescentini, no qual se queixa de eu lhe mandar entregar em deposito e em um dos Gabinetes do Real Theatro de S. Carlos a musica das duas Operas *Semiramis* e *Zaira*, composta a dita Musica pelo compositor do mesmo Theatro *Marcos Antonio Portugal*; por me constar que o suppliicante Jeronymo Crescentini por segundas instancias queria pôr a musica das mesmas Operas a bordo do navio que vae para Genova.

«He certo que mandei recolher aos Gabinetes da musica do dito Real Theatro de S. Carlos a dita musica das sobreditas Operas, para se servir o Theatro nas actuaes circumstancias em que está;

---

(1) Do nome de *Gafforini* ficou na lingua portugueza a palavra de giria *gaforina*, para significar o cabello hirsuto, e espesso.

pagando-se pela avaliação áquelles a quem tocar o seu embolso; pois na Empreza do dito Theatro, do anno passado, foram Emprezarios a Companhia dos Comicos e Dançarinos que trabalham no mesmo Theatro, de que era Director o sobredito Jeronymo Crescentini que tem sómente a sua parte correspondente á meia Companhia de Comicos e Dançarinos interessados no valor em que se avaliar a mesma musica pelos Professores da primeira ordem que ha n'esta côrte, em que tem egual parte o compositor d'ella *Marcos Antonio Portugal;* que, como socio da dita Empreza, tambem requereu n'esta Intendencia se lhe segurasse esta musica das ditas duas Operas por o supplicante ter espalhado e dito que a mandava para Genova em um navio que estava a sahir, em odio á Empreza actual, por vêr o supplicante que não levava ao fim o seu plano de ficar fexado o Theatro na presente Paschoa e poder conseguir desgostar Angelica Catalani, para a obrigar a saír d'este Reino, e este é o grande enthusiasmo do supplicante, a fim de pôr a dita actriz, como digo fóra d'este Reino.

«He certo tambem que o P. R. N. S. quer que o dito Theatro de S. Carlos se abra e se ponha em trabalho, e V. Ex.ª tambem assim m'o tem communicado de ordem do mesmo Augusto Senhor, e como eu desejo cumprir as reaes ordens, e o tempo é curto para se compôrem novas Musicas para algumas Operas, que se queiram pôr em scena, e ser o costume e pratica que todas as Obras de Musica que se tem feito n'aquelle real Theatro, ficarem no Gabinete de Musica do mesmo Theatro, e se lhe mande fazer uma avaliação, e paga o Emprezario que entra na empreza áquelle que sáe, que é o mais que podia pretender o supplicante, estando auctorisado pela Companhia dos Comicos e Dansarinos, que entraram na Empreza que finalisou pelo Carnaval preterito: isto é o que me informam se pratica não só n'este artigo da Musica, mas tambem da Guarda Roupa e Scenario, e é o que tambem me obrigou a mandar recolher aos ditos Gabinetes a referida Musica, cuja diligencia se não effectuou, e ficou em deposito em poder do supplicante Jeronymo Crescentini, como mostra o documento que elle junta ao seu requerimento.

«He o que posso informar á V. Ex.ª sobre esta materia e fico esperando as reaes ordens, que V. Ex.ª me communicar a este respeito para me servirem de regra para poder deferir não só ao supplicante Jeronymo Crescentini, mas ás partes que me requereram mandar recolher ao Gabinete do Real Theatro de S. Carlos a Musica das duas Operas *Semiramis* e *Zaira.* Lisboa, 1.º de Abril de 1802.—Illmo Exmo Snr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.» (1)

É preciso que nos não ceguemos por este interesse da Policia pela regularidade dos espectaculos dramaticos, nem o esplendor artistico nos deve deslumbrar considerando-o como um resultado da vida moral e das exigencias de um elevado gosto publico. Faziam-se grandes despezas não pela arte, mas para distraír as attenções dos factos politicos que se passavam na Europa, e em que Portugal por seu turno ia ser envolvido. Foi em todos os tempos este o systema empregádo pelo cesarismo: depois da degradação da espionagem introduzida pelo Manique, seguia-se o deslumbramento que não deixa observar o que se passa no meio social. Em uma *Conta para as Secretarias,* de 26 de Maio de 1802, fallando do Theatro de Sam Carlos, Manique formúla a lei do cesarismo dirigindo-se com toda a clareza ao Ministro: «V. Ex.ª *conhece a grande utilidade que resulta ao Estado em trabalhar este Theatro, pois que emquanto o Publico está ali entretido, não discorre em materias que lhe não importam...»* (1)

---

(1) *Contas,* liv. VI, fl. 287.

A peste napoleonica ia começar o seu cyclo de invasões, e nós estavamos separados do conhecimento de todos os nossos direitos, e por isso não os soubemos fazer valer, quando a realeza abandonou os seus fieis vassallos ao inimigo que entrava. N'esta época, já Bocage andava doente, mas é quando vemos a sua actividade exercitada nos *Elogios dramaticos* dos festejos reaes, e nos *Prologos* de comedias para os actores seus amigos. Era um talento sympathico ao publico que se forçava para attraír aos beneficios por esse meio a maior concorrencia. Para este fim a Policia concedia que se imitassem os divertimentos da Italia fazendo loterias e jogos chamados *Tombolas*, para accirrar o apetitte dos espectadores. Sobre este costume, hoje extincto, é curioso o seguinte documento do Intendente Manique:

---

(1) *Contas para as Secretarias*, Liv. VI, fl. 309 *v.*

«Ponho nas mãos de V. Ex.ª a conta que dá do Inspector do Theatro de S. Carlos, e desejando ao mesmo tempo que na Paschoa proxima continue a trabalhar este Theatro, tenho procurado alguns meios de vêr se posso descobrir algum emprezario que tome a si esta empreza no presente anno, e não me tendo achado, me obrigou a fallar a Francisco Antonio Lodi, o qual havia sido emprezario do mesmo Theatro alguns annos, para vêr se com a protecção de alguns dos seus amigos entrava outra vez n'esta Empreza, o qual me trouxe o plano para o costeamento do dito Theatro, com a memoria do que pretende de auxilio para entrar n'esta empreza. Passo ás mãos de V. Ex.ª o dito plano com a referida memoria de que pretende se lhe faculte, para poder cumprir as minhas insinuações de abrir o Theatro Italiano na proxima Paschoa, e no mesmo pé em que actualmente está.

«He certo que a despeza é consideravel logo que se queira pôr no mesmo pé este Theatro, em que se acha, mas tambem por outra parte é certo que este plano que faz o dito Francisco Antonio

Lodi é feito com alguma exageração, e n'este caso deve haver moderação no que pretende na memoria que junta ao dito Plano; e me parece que se lhe deve conceder o jogo chamado *Tombola*—que é concedido á maior parte dos Theatros da Italia para conservação da sua decencia e decoro; o dito jogo se compõe de noventa numeros, que em cada semana se extraem publicamente sobre a mesma scena, debaixo das vistas do Inspector e seu respectivo Escrivão, de que o Emprezario recebe vinte e cinco por cento, e ninguem é admittido ao dito jogo sem estar presente; e esta condição obriga a comprar bilhetes para entrar na Platêa e por esta fórma ha maior concurso de gente.

«A outra parte que pretende o dito Francisco Antonio Lodi, é que seja elle quem obtenha a graça de lhe serem vendidas as tomadías das fazendas do Contrabando e desencaminhadas aos reaes direitos; debaixo das mesmas condições que as teve Antonio José Ferreira, e as tem presentemente os que o substituiram; parece que com estas suas concessões he bastante para que possa trabalhar o theatro no mesmo pé, em que está actualmente; conservando os Actores principaes ou outros de egual força; e não encontro inconveniente para que deixe de lhe serem conferidas estas duas concessões; visto a Policia tirar vantagem d'este intertinimento, que emquanto ali estão os expectadores escusam de estar por casas de jogo e prostituição, e metterem-se em discursos que lhe não importam.

«Queira V. Ex.ª representar todo o referido ao Principe real regente nosso senhor, e communicar-me com a possivel brevidade a sua real resolução. Lisboa, 4 de Março de 1802.—Illmo Exmo Snr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.» (1)

Pelo documento que fica transcripto se vê como o Intendente se receava dos botequins, onde se conversava sobre a politica européa, que levava fatalmente a commentos revolucionarios. Embora Bocage, desde a severidade de Manique, ficasse detestando a politica:

> Longe, um mundo apertado, um mundo inferno,
> Onde ardem furias e triumpha o crime,
> *Onde a negra Politica enroscada*
> *Determina invasões,* desenha horrores...

---

(1) *Contas,* liv. VI, fl. 269.

nem por isso podia deixar de frequentar os botequins, onde era logo cercado pela roda dos enthusiastas, e applaudido. Os amigos pagavam-lhe os cigarros e a genebra para o excitarem e ouvirem. N'este tempo Bocage sentia-se filho da sympathia publica; a sua honradez inquebrantavel, os deveres fraternaes que antepunha a tudo, os quadros dos seus desastres, que narrava do modo mais pittoresco, o improviso instantaneo para aproveitar uma rima feliz no meio da conversa, tudo o tornava querido. Era um homem para quem se fallava, como se fosse um amigo velho, embora fosse a primeira vez que passassem um pelo outro. O botequim que lhe merecia as suas visitas nocturnas ficava acreditado, tinha uma lenda, era concorrido. Logo depois que saiu da prisão claustral, Bocage frequentava especialmente o *Botequim do Nicola.* Infelizmente, por causa dos successos das guerras napoleonicas, Manique mandou espiar as conversas do botequim:

«Constando n'esta Intendencia, que em uma casa de Café, denominada do *Nicola,* no Rocio de esta capital, se ajuntavam differentes individuos, que levados do ocio ali se demoravam só com o fim de entreter conversações e suscitarem assumptos menos proprios, essencialmente na presente conjunctura, que uma bem regulada Policia não deve tolerar, ordenei ao meu Commissario e Ministro d'aquelle Bairro vigiasse com particularidade as pessoas que frequentam a referida casa, e n'ella não consentisse se demorassem mais do que o tempo preciso, para tomarem os seus refrescos, aliás procedendo contra os transgressores; e como entre aquelles individuos ha alguns que são soldados dos regimentos Auxiliares, que se acham debaixo do commando de V. Ex.ª, vou a prevenir do referido a V. Ex.ª e lhe rogo queira dar-lhe o pezo que as suas dilatadas luzes conhecem, e dar as providencias que a este fim julgar opportunas, para que ali se não demorem mais que o tempo de se refazerem e tomarem os seus refrescos.» (1) Depois de este documento é que se comprehende a bem conhecida anedocta de Bocage, quando, ao recolher-se para casa, a ronda do bairro o interrogou pondo-lhe pistola ao peito: «Quem é? d'onde vem?

---

(1) Papeis da Intendencia — *Contas para as Secretarias*, Livro VI, fl. 74 (5 de julho de 1800).

para onde vae?» Ao que elle respondeu serenamente:

É o poeta Bocage;
Vem de casa do *Nicola*,
E vae para o outro mundo
Se lhe dispara a pistola.

Esta phrase *o poeta Bocage*, e o modo de tratar-se em terceira pessoa, mostram-nos como elle já vivia no mytho.

É n'esta ultima phase da vida do poeta que frequenta com predilecção o Botequim do Rocio de que era proprietario um apaixonado dos poetas do seu tempo, o bem conhecido José Pedro, das *Luminarias*, que morreu de noventa e nove annos de edade a 14 de Maio de 1862. Este homem adorava Bocage, e sobrevivendo-lhe cincoenta e sete annos, foi uma fonte de tradições para todos os que procuraram conhecer o viver intimo do ultimo quartel do seculo xviii. O Botequim de José Pedro da Silva era como elle proprio dizia em 1810, em um requerimento á Intendencia da Policia: «frequentado sómente de pessoas as mais bem reputadas de Lisboa;» (1) e na verdade, nos ultimos annos da vida de Bocage existia ali um retiro especial denominado o *Agulheiro dos Sabios,* frequentado por Bingre, Dom Gastão Fausto da Camara Coutinho, o Morgado de Assentis, Pato Moniz, Pedro José Constancio, e outros muitos poetas elmanistas. Quando se deu a scisão com Bocage, frequentava o P.^{e} José Agostinho de Macedo a loja do chapelleiro Daniel e ali dava largas á sua bilis, apodando o botequim de José Pedro da Silva com o titulo que lhe ficou de *Botequim das Parras.* Na replica da *Pena de Talião,* Bocage allude a esta phrase:

---

(1) Papeis da Intendencia, vol. xi, fl. 82, *v.*

> Pões-me de inutil, de vadio a tacha,
> Tu, que vadio, errante, obeso, inutil
> As praças de Ulyssêa á tôa opprimes,
> Ou do bom *Daniel* na ternea estancia
> Peçonhas de invectiva espremes d'alma,
> Que entre negros chapéos tambem negreja,
> E ante o caixeiro boquiaberto arrotas
> Arrotas ante o vulgo a *Encyclopedia*...

Em um dos diversos prologos do sempre transformado poema dos *Burros,* Macedo escrevia debaixo da impressão de despeito que despertavam as criticas do *Botequim das Parras:* «O espirito da Asneira preparou no centro de Lisboa um domicilio onde quiz levantar o throno e dilatar o imperio dos sandêos. Uma fatal força centripeta para ali puxa os mais asneirões de todas as classes; e d'ali, assim como do Club dos Jacobinos de Paris se prepararam e dirigiram todos os golpes contra todos os governos que não fossem revolucionarios; se dirigiram todos os golpes, todos os tiros, todos os ataques contra o imperio da rasão, do gosto, da critica, da poesia e da prosa, em que relusisse um vislumbre do siso commum. Fallo de um Botequim ou Café de um José Pedro da Silva, no Rocio de Lisboa, sanctuario conhecido não só aos vagabundos de Lisboa, mas aos estupidos e alarves provincianos... Uma necessidade fatal, que nos arrasta n'este seculo para o cahos da ignorancia, desde a desgraçada installação d'este Botequim, fez ali presidir a Asneira, *desde que o orate Bocage, levantando de motu proprio o poder absoluto em Sultão do Parnaso portuguez ali começou a beber e a gritar,* etc.» Em outras redacções do poema, Macedo tinha outros odios, e substituiu este prologo escripto pela aversão aos elmanistas do *Agulheiro dos Sabios.* Foi esta a crise em que rebentou a Satyra de Macedo e a vigorosa replica da *Pena* *de Talião;* foi no Botequim das Parras que lhe saiu essa composição em que cada verso é um epigramma. José Agostinho de Macedo ataca-o em todas as suas baldas:

> Nem ser pobre se oppõe ao genio, ás artes;
> Foram pobres Camões, Homero e Tasso,
> Nem ser vadio n'um poeta é crime;
> Nunca um poeta bom teve outro officio.
> *Tu és magro, és vadio, és pobre, és feio...*

Exprobra-lhe o séstro, já desculpavel em Bocage, de se louvar, e de se deixar levar pelos que o admiravam, buscando de preferencia os Outeiros, onde era festejado:

> Quem tão ferreo será, que se contenha,
> Quando as estatuas vir, que tu, soberbo
> Enramadas de louro a ti consagras?
> Que um Deos te inspira, que fervendo em estro
> Improvisos oraculos arrotas!
> *Fanfarrão glosador,* chamas divina,
> Celeste inspiração, celeste fogo
> Gritando amplificar sediços Motes
> E merecer do officio um *bravo,* um *bello,*
> De um vão peralta ou dama enfatuada...

Esta Satyra virulenta tem para nós hoje, a importancia de retratar a vida moral d'essa época, e de nos avivar alguns traços ainda que duros da physionomia de Bocage. A necessidade forçára o poeta a fazer traducções em prosa e verso de mediocres poetas didacticos e de dramas classicos francezes, e n'este trabalho seduziam-no tambem os constantes gabos que lhe davam. Bocage esgotou-se n'esta obra esteril; Macedo, que tambem cultivava o genero didactico, e que notava frouxidões e infidelidades nas traducções de Bocage, provocou o desforço no prologo do poema das *Plantas;* sobre essas phrases veladas é que Macedo prorompe:

Traductor de alugueĺ, quem são teus zoilos?
Tu que a soldo de um frade ao mundo embutes
Rasteiras copias de originaes soberbos?
Que vulto fazes tu? quaes são teus versos?
Teus improvisos quaes? Glosar tres Motes
Com logares communs de *facho* e *settas*,
Velhos arreios do menino Idalio?
Glosar e traduzir, isto é ser vate?

Macedo, como todos os Neo-Arcades, falla no talento de Bocage muito superior antes da viagem para a India, e no que escreveu em Goa:

Deitaste-te a perder, que a natureza
Não te negou seus dons; é doce, é terno
Delicado é tambem quanto cantaste
Aonde o berço tem nascido o dia.

E por fim dá a conhecêr o motivo do resentimento, alludindo ao prologo do poema das *Plantas*, que saíra da Typographia Caleographica em 1801:

.... levantas
Mais orgulhosa a frente, porque incensam
As traducções que estólido assoalhas?
E chamas douta prefação das *Plantas*
Ao proprio louvor teu, que impune entôas?...

Os vicios do *elmanismo*, as antitheses e tautologias habituaes em Bocage, que já começavam a caracterisár-se em eschola, prestavam-se a essa observação de Macedo:

São em ordem retrograda já lidos
Versos que urdido tens, depois que o estro
Deixaste nas gangéticas ribeiras;
Deslocados fogachos, que não sabem
Colligir-se entre si. Bem disse aquelle
Que imparcial tem lido as obras tuas,
Carregadas de antitheses, de tantas
Enfadonhas metaphoras aos pares,
Que lido um verso teu são lidos todos...
....
Dize que *o verso é teu*, que *Este não morre!*...

Era esta a phrase espontanea que Bocage soltava quando ficava satisfeito com os seus improvisos; já na lucta dos Neo-Arcades o haviam satyrisado por causa d'ella. Macedo torna a fazer carga a Bocage com os odios açaimados em 1793:

.... abocanhas
A virtude e saber de um genio activo,
Porque estudou da Europa as cultas linguas
E a patria vantajoso estuda e serve.

Referia-se ao chistoso Soneto a Thomé Barbosa de Figueiredo d'Almeida Cardoso, official de linguas na secretaria dos Estrangeiros, de quem Bocage se conservou sempre amigo (1). Depois agrupa os nomes dos Neo-Arcades, como se fossem outras tantas victimas da injustiça de Bocage:

Que te fez *Meliseu*, se a fome e os annos
Lhe deixam erma e transversal a bocca?
Chamas por mofa tonsurado a *Elmiro:*
Propria escolha não foi de Elmiro o estado.
Dizes que é baixo, e côxo o *Transtagano*
Dulcissimo *Belmiro*, e que não vôa?

A satyra de Macedo produziu uma emoção profunda em Bocage, mas não o fez succumbir; o furor da vaidade transformou-se-lhe no enthusiasmo do repentista. Transcrevemos os versos que correspondem aos extractos de Macedo que acima ficam:

---

(1) Soneto 173. Ed. da *Actualidade.*

Que importa descarnado e macilento
Não ter meu rosto o que alicia os olhos,
Em quanto nedio e rechonchudo á custa
De vão festeiro, estupida irmandade
Repimpado nos pulpitos, que aviltas,
Afofas teus sermões, venaes fazendas
(Cujos crédores nos elysíos fervem)
Trovejas, enrouqueces, não commoves,
Gelas a contrição no centro d'alma...
Pões-me de inutil, de vadio a tacha,
Tu que vadio, errante, obeso, inutil
As praças de Ulyssea á tôa opprimes, etc.

Quanto aos Neo-Arcades, Bocage accusa-o da perfida amisade:

Pede ao molle *Belmiro*, anão de Phebo,
Ao que ergues uma vez e mil derrubas;
Pede ao vampiro, que a ti mesmo ha pouco
Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos;
Pede ao bom *Meliseu*, da Arcadia fauno,
De avelada existencia e mente exhausta,
Que affectas lamentar e astuto abates,
Que por alfelôa troca os sons de Euterpe
....
Segue o que tens de côr, mas não praticas,
Serás o que não és, o que não foste,
Quando das *Musas no Almanach* (ai triste!)
Que a par de seus irmãos morrem de traça,
Forjaste de uma freira equorea Nympha,
Jacintha, de um Tritão fingiste accesa;

Chamaste grande, harmonico a *Lereno*,
Ao fusco trovador, que em papagaio
Converteste depois, havendo impado
Com tabernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orango-tango,
Que uma serpe engordou cevando *Elmiro*.

Estas injurias pessoaes têm a importancia de virem explicar como os odios do tempo da Nova Arcadia não estavam apagados, sendo elles o motivo das *denuncias*, que tantos desastres acarretaram sobre Bocage. Na *Pena de Talião* fere Bocage o antagonista no lado vulneravel, a pertenção de compôr uns outros *Lusiadas*, loucura de que já Macedo andava possuido em 1801:

Ousa mais: — a *Lusiada* não sumas,
Que o numero de versos fez poema,
Tal que seu mesmo pae sem dar o enterra.
Expõe no tribunal da Eternidade
Monumentos de audacia e não de engenho;
O prologo alteroso em que abocanhas
Do luso Homero as venerandas cinzas . . .

……………………………………

As outavas ao *Gama* esconde embora,
N'isso não perdes tu, nem perde o mundo;
Mas venha o mais! Epistolas, Sonetos,
Odes, Canções, Metamorphoses, tudo . . .
Na frente põe teu nome e estou vingado. (1)

---

(1) Ed. da *Actualidade*, t. II, p. 460.

Só passados seis annos depois da morte de Bocage é que Macedo se atreveu a apresentar o seu espurio poema o *Gama,* reformando-o d'ahi a tres annos no *Oriente,* que está para a concepção de Camões como um reflector de lata para o sol. Bocage sabia comprehender Camões; aprendera o sentimento do Soneto nas suas lyricas, e aconselhava o estudo d'esse genio a todos os que pretendiam comprehender a poesia. A audacia de Macedo, que engenhava o *Gama,* hallucinava-o de desespero. Estas Satyras correram logo em copias manuscriptas, porque a Commissão geral de exame e censura dos livros não dava o — *Póde correr;* a prohibição tornava-as mais appetecidas, e como a severidade da policia não consentia conversas politicas, aquelles cerebros inebriavam-se com versalhada, recitava-se com emphase, criava-se interesse n'esta semsaboria. O Padre José Agostinho de Macedo respingou com outra Satyra, que por certo não chegou ao conhecimento de Bocage, por que ficou sem resposta.

Os amigos de Bocage vendo quanto elle era impressionavel, e talvez já doente da aneurisma de que morreu pouco depois, occultaram-lhe o papel infamatorio. Macedo interpretou o silencio de Bocage como derrota, ou treguas, e por isso quando Bocage adoeceu apresentou-se a reconciliar-se. A doença de Bocage foi em parte aggravada pelo novo desastre que uma criatura fanatica e obscura lhe preparava em fins de 1802; uma tal Maria Theodora Severiana Lobo Ferreira com os escrupulos do beaterio veiu denuncial-o como *Pedreiro livre* ao Santo Officio. A calligraphia da denuncia pinta o seu estado moral. O que era este crime para o Intendente Manique, póde vêr-se pelo seguinte extracto de uma *Conta* de 8 de Agosto de 1799: «Desde o anno de 1788 tenho combatido o estabelecimento dos *Pedreiros livres* n'este reino, tentado por mais de uma vez e quasi sempre por derivações de França; Francisco Giles, celebre d'esta ordem, a pretendeu aqui instaurar, o que não conseguiu por serem evadidos os seus fins pela Policia de Lisboa. Dorighni, que a fundou na ilha da Madeira com especioso pretexto de protecção a orfãos e viuvas, viu egualmente destroçado o seu plano por cuidado da Policia. O infame e indigno Cagliostro, conhecido pelas suas atrocidades em todo o norte da Europa, foi expulso pela policia de

Lisboa onde se tinha introduzido com disfarçado titulo de *Conde Stephens*, pelo receio que transplantasse n'esta Capital as suas maximas infames...» (1) O Santo Officio já não era o Tribunal tremendo e sanguinario, mas estava reduzido a Policia das consciencias. Imagine-se o effeito d'esta estupida denuncia sobre o espirito de Bocage, que tanto havia soffrido já:

«Eu Maria Theodora Severiana Lobo, filha de Roque Ferreira Lobo morador na rua da Era, freguezia de Santa Catherina, da cidade de Lisboa, attendendo ao preceito e obrigação que impõem o Tribunal do Santo Officio aos que souberem alguma das cousas contheudas nos interrogatorios do Edital do dito Tribunal; declara que ouviu dizer a *Manoel Maria de Barbosa de Bocage*, que elle e José Maria de Oliveira e um fulano, do qual não sei o nome, mas que é filho de Mathias José de Castro, o qual ouso dizer que he christão novo, que todos os tres, Bocage, Oliveira, e Castro, do qual não sei nome proprio, eram *pedreiros livres;* e ainda que o dito sugeito o disse debaixo de segredo, ella o denuncía ao Santo Tribunal, obedecendo a seus preceitos. — Maria Thereza Severiana Lobo.

---

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. v, fl. 322, *v.* — Podemos completar a enumeração dos esforços de Manique contra as Sociedades secretas, resumindo aqui a data dos seus actos discricionarios; Officio ao Corregedor do Porto, de 21 de Agosto de 1791 para averiguar se alli existiam Pedreiros livres, e se se reuniam em loja; outro de 10 de Novembro do mesmo anno a Martinho de Mello e Castro para ser embarcado para fóra do reino João José de Origne, francez; outros de 14 de Maio de 1794; 9 de Fevereiro e 6 de Março de 1795; 3 de Junho de 1796; 19 de Março, 12 e 14 de Abril, 26 de Junho, 6 e 8 de Agosto, 3 de Outubro, e 19 de Novembro de 1799. *Contas para as Secretarias*, liv. VII, fl. 41. Este documento encerra a summa da gerencia policial do Intendente Manique.

«P. S. — Declaro que sou filha do Administrador do Correio do Reino, e que os sobreditos moram Manoel Maria n'um becco que está na rua Formosa, José Maria dentro do Correio, do qual é escripturario, não sei bem a freguezia, mas parece-me que he das Mercês, e o dito Capitão Castro na travessa da Condessa do Rio, e tão bem não sei de certo de que freguezia é, mas parece-me que he Santa Catherina; tambem declaro que o dito *Manoel Maria* não sei que tenha occupação, e creio que vive das suas obras em verso e não sei se tambem em prosa.»

Isto faz lembrar a velha que lançou mais uma acha para a fogueira de João Hus; esta criatura julgava que ainda estava no tempo das fogueiras do Rocio, por isso que aqui faz carga a um d'esses trez denunciados, como *christão-novo.* O Santo Officio mandou proceder pela seguinte forma:

«Tendo Maria Theodora Severiana Lobo Ferreira dirigido á Mesa do Santo Officio d'esta Inquisição a representação inclusa, se faz preciso, para bem da causa que corre n'este Tribunal, e da justiça do mesmo, attendendo ao estado da declarante e o ser filha familia, que por isso deferimos de ser por ora perguntada judicialmente, que Vm.ce vendo que a mesma expõe á sobredita denuncia na primeira occasião que ella se for confessar, lhe peça licença para fóra da confissão tratar com a mesma sobre os objectos da denuncia que deu ao Santo Officio, segurando-a que pode livremente expressar e declarar tudo quanto souber a respeito dos particulares de tal denuncia, e sem o menor receio que perigue levemente o seu credito e reputação, nem offender as leis da Santa Religião e da mais pura christandade, antes que este é meio unico de acabar de sanar sobre este negocio a sua consciencia. E logo no confessionario, ou em outro logar, com toda a cautella, disfarce o segredo, que muito lhe encarregamos, de nossa ordem e authoridade se informará da dita Maria Theodora sobre as circumstancias seguintes: Quanto tempo ha que ella ouviu dizer o que tem declarado; porque occasião e motivos entraram os trez sugeitos, mencionados na dita denuncia, a tratar na presença d'ella declarante sobre materias tão improprias e incompetentes ao seu sexo, e á profissão dos mesmos sugeitos; se estes lhe persuadiam alguma doutrina que competisse particularmente á sociedade de que elles se diziam socios, ou se disputavam entre si approvando as vantagens da mesma sociedade, abonando as suas doutrinas e sustentando ser ella licita e bôa; se sabe que elles se ajuntem e formem assemblêas particulares para tratarem dos negocios da tal sociedade, onde as façam, se são em dias certos, e quaes sejam estes; se mostraram algumas insignias ou cousas que sejam privativas para se darem a conhecer por membros da mesma sociedade, e mostrar as prerogativas d'ella. E ultimamente a advertirá que pode e deve declarar tudo que souber relativo aos objectos acima referidos. E havendo Vm.^{ce} proseguido n'esta averiguação, com toda a prudencia e disfarce, nos dará uma individual informação do que alcançar, lançando-a por escripto no reverso d'esta, e a fará entregar n'esta Mesa com a mesma denuncia. Confiamos que tudo execute na forma recommendada, não só pelo zelo que deve ter pelo serviço de Deos Nosso Senhor, mas tambem pelo que interessa a justiça do Santo Officio e o serviço do principe nosso senhor, avisando-nos de assim o haver cumprido em resposta sua. Deus Nosso Senhor guarde a Vm.ce —Ill.mo Snr. Padre José dos Reis Marques. Lisboa, no Santo Officio em mesa, 23 de Novembro de 1802. Manoel Estanisláo Fragoso — Francisco Xavier de Oliveira Mattos — Antonio Velho da Costa.»

O confessor cumpriu a monita pela seguinte fórma:

«Em observancia d'esta ordem do Santo Tribunal, declaro que tive licença da sobredita denunciante Maria Theodora para tratar e averiguar fóra da confissão o que pertencia á denuncia, e para dar parte ao Santo Tribunal do que fôsse preciso a este respeito, e sem que eu lhe désse parte do que sabia antes da sua denuncia, declarou em tudo confórme n'ella se contém; demais, disse que não estava certa no tempo que o tal Bocage lhe tinha dito, mas que estava certa que tinha sido depois da quaresma de 1802, em casa de uns visinhos da sua escada d'ella denunciante, e onde elle e o tal José Maria tambem algumas vezes iam de visita; e disse mais que na mesma casa achando-se ella presente, em que estavam o dito Bocage e o dito José Maria, o tal José Maria desenhara em cima de uma banca um triangulo e em um angulo d'elle um olho, e dentro d'elle o sol, a lua e algumas estrellas e duas mãos dadas, e que dissera, se havia céo n'este mundo era aquelle; e chamando o tal Bocage para vêr, elle se escusou, que não gostava de desenhos, mas instado o dito José Maria veiu com effeito vêr, e disse que d'aquelle que gostava, e apagou-o logo porque não viesse alguem que entendesse, o que fez suspeitar á dita denunciante se um sujeito da dita, escrivão do Crime da côrte chamado Joaquim Manoel seria tambem da mesma sociedade, visto que não esconderam isto d'elle, e que se tratavam por manos, que, segundo lhe tinham dito, era costume nos da sociedade; e que não estava certa do dia em que isto succedeu, mas que fôra depois do meado d'este

Março passado; e que o tal Bocage quando lhe declarou as cousas, não lhe declarou o logar nem o tempo das suas assemblêas, mas sim que a tal sociedade tinha muitos socios, tanto n'este reino como em outros, e que tinham varios signaes com que se entendiam, mas que ella os não sabia, e que nunca a persuadiram a cousa alguma pertencente á dita sociedade; e que além d'isto que tem declarado, nunca lhe observou, cousa que conhecesse ser opposta á religião. Esta é a informação que achei, que fielmente sugeito ao Sancto Tribunal. Lisboa, 28 de Abril de 1803. — O Padre José dos Reis Marques.» (1)

Bocage não chegou a ser preso, porque o processo inquisitorial não passou d'aqui. A denuncia era d'essas despeitadas a quem o poeta não fazia versos. É certo que do anno de 1803 não existe signal da actividade de Bocage; a preoccupação moral, o susto de ser a cada instante arremessado ao carcere, a necessidade de procurar a protecção de amigos poderosos, tudo lhe veiu agitar a existencia, e desenvolver-lhe a lesão organica de que morreu. Parece que o meio social em que Bocage vivia se tornava mais crasso e degradado; o Intendente Manique ía fazer quarenta e seis annos de serviço ao throno, esmagando a vida intellectual d'este pobre povo, (1) e vinte e dois annos de poder illimitado e immediato ao soberano. (2) Ainda em 1804 escrevia o Intendente ácerca da prisão de um rapaz de vinte seis annos: «mandei-o recolher á Torre de Belem, não só para este ser ali corrigido com esta reclusão; se atalhar que o precipite a errada carreira que seguia, e o fazer largar a lição a que principiava a entregar-se de livros impios como *Voltaire, d'Argens,* de *Diderot, d'Alembert, Helvetius, Toussaint, Villet* e *Rousseau*; mas tambem para com este golpe de authoridade vêr se o estado tira o partido de todos aquelles individuos de eguaes sentimentos abandonarem as conversações e sociedades a que se conduziam, etc.» (3)

---

(1) Torre do Tombo, *Processos da Inquisição de Lisboa*, n.º 16:125. Este processo nunca esteve perdido, como se poderá inferir dos que attribuem o seu achado ao sr. Innocencio.

---

(1) *Contas*, liv. VII, fl. 275.

(2) *Ibid.*, liv. VII, fl. 17.

(3) *Contas para as Secretarias*, liv. VII, fl. 275 (17 de Abril de 1804).

Estes mesmos livros começavam tambem a penetrar na Universidade de Coimbra, mas já tardiamente; o Intendente accusa á auctoridade este progresso: «porque o prazer e alvoroço dos Membros da Universidade em discursos indiscretos assim claramente o manifestaram, e uma alluvião de escriptos libertinos e escandalosos e egualmente contrarios á religião e aos costumes, como os *Bayles*, os *Frerets*, os *Helvessius*, e os *Rousseaus*, passou ás mãos dos lentes e oppositores, e muitos d'elles ás de uma grande parte dos mesmos estudantes...» (1)

Eram estes justamente os livros de que Bocage precisava, para adquirir noções claras das cousas sobre que se desenvolvesse o seu talento. A época era fecunda de ideias, mas eram esterilisadas em Portugal pelo siroco do Manique. Bocage caíu n'essa atonia, e o seu *elmanismo* e a mechanica da improvisação são a consequencia de quem se achou circumscripto n'uma área de ideias banaes, e sem novidade. Esta asphyxia moral, os constantes abalos da vida fizeram que a sua organisação valetudinaria succumbisse. Em 1804 começou a crise da sua doença. Antes de entrarmos n'esta phase em que Bocage tem a consciencia de que os dias estão contados, porque a aneurisma das carotidas desenvolve-se-lhe progressivamente, tocaremos de um modo rapido o erro das suas composições obscenas, que a predilecção do seculo lhe impoz. Manique ao fallar de uns livros apprehendidos a um mancebo, toca n'essa tendencia do seculo: «cujo livro e papeis não são impios como refere este magistrado, *mas sim obscenos*, e d'aquelles de que ordinariamente os moços pouco instruidos e de máos costumes se servem para se enterterem e levarem ávante os seus fins peccaminosos.» (1) Este documento pertence ao anno de 1804; o seculo XVIII, o seculo da devoção opulenta e do quietismo estava exhausto e queria aphrodisiacos. Bocage lisongeou esta necessidade. (2) A inferioridade era do seculo e não do homem porque, como Bocage, tambem foram arrastados a esta degradação Caetano da Silva Souto Mayor, Antonio Lobo de Carvalho, Francisco Manoel do Nascimento, e os amigos de Bocage Frei José Botelho Torrezão, o Padre José Agostinho de Macedo, e outros muitos.

---

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. VII, fl. 280 (24 de Abril de 1804).

---

(1) *Contas para as Secretarias*, livro VII, fl. 276.

(2) O snr. Innocencio colligiu todas essas composições no tomo VII das *Poesias de Bocage*, segundo se affirma geralmente.

Para subsistir, Bocage foi forçado a publicar em 1804, o terceiro volume das suas *Rimas*; muitas d'essas composições andavam dispersas por mãos de amigos, desde os tempos em que o poeta, no fervor da inspiração, espalhava os seus versos, como a donzella a quem caiam perolas ao fallar, dos contos de fadas. Em uma Epistola do desembargador Vicente José Ferreira Cardoso, allude-se ás versões do quadro da Pharsalia, o *Bosque de Marselha*, do episodio da *Jerusalem libertada*, *Eduardo e Gildipe*, feitas por Bocage e conservadas em poder d'este amigo, que contribuiu com ellas para o terceiro volume das *Rimas*:

Porém, benigno Apollo conhecendo
Os ardentes desejos de minh'alma,
Dos divinos thesouros de seus cofres
Riquezas veiu dar-me de ti dignas,
Que offerecer-te pudesse, e sem receio.
Dous manuscriptos são, de letra tua,
Ambos filhos do genio que te inflamma;
Vê-se n'um traslado de Lucano,
O *Bosque de Marselha*, antigo e negro, . . .
N'outro se pinta com mais vivas côres
De que Tasso pintou, a infausta sorte

De *Eduardo e Gildipe* succumbindo
Do barbaro inimigo aos golpes duros...
Estes dois manuscriptos, que eu chorava
Como perdidos já, conforme sabes,
Perdidos!... Como haviam de perder-se...
Eia, pois, um thesouro te remetto
Nos versos, que te mando, e que o teu nome
Eterno hão de fazer...................... (1)

O Desembargador Vicente José Ferreira Cardoso estava então no Porto, e d'ai accudiu a Bocage com algum dinheiro na apertada crise de 1804; é altamente digna a maneira como o favorece:

Sempre hade haver quem se honre, quando livre
Da penuria a um vate como Elmano;
E' Vincenio d'esta honra cubiçoso,
Elle é quem agradece, elle é quem ganha.

Esta Epistola fôra escripta em 12 de Junho de 1804; existe uma nota de Bocage, de 12 de Agosto do mesmo anno, em que se desculpa para com um amigo por não tel-o procurado no principio do mez, signal de que recebia regularmente algum pequeno subsidio, e n'esse bilhete accrescenta: «Peço-te me acudas com o que puderes, como tantas vezes....» A doença e a indigencia aggravaram-se; Bocage via-se obrigado a trabalhar, mas com o esforço aggravava o seu estado. Diz elle a respeito do seu antigo enthusiasmo: «E' o mais a que sobe o triste Bocage. Se tenta alongar o vôo, logo uma *accelerada palpitação lhe adverte o perigo* d'esta imprudencia...» Na Ode ao seu constante amigo Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, escripta como diz na epigraphe, para se esquecer com os versos da dura realidade das cousas, queixa-se do enfraquecimento do seu cerebro, e do adiantamento da aneurisma:

---

(1) Ap. *Obr. de Bocage*, t. III, p. 405. Ed. 1857.

Já meu estro, Moniz, apenas solta
Desmaiadas faiscas,
Em que as froixas ideas mal se aquecem:
Elmano do que ha sido
Qual no gesto desdiz, desdiz na mente:
Diástole tardia
Já da fonte vital me esparge a custo
O licor circulante.., (1)

N'este estado de apathia e desalento é que escreveu os seus mais eloquentes Sonetos; como os sentenciados á morte, elle moralisa sobre o seu passado:

---

(1) Ode 23. Ed. da *Actualidade*.

Nestóreos dias que sonhava Elmano
Brilhantes de almos gostos, d'aurea sorte,
Pomposa phantasia, audaz transporte,
As azas cerceae do orgulho insano:

Plano de um númen, contradiz meu plano,
E quer que se esvaeça e quer que aborte;
Eis, eis *palpita, percursor da morte,*
No tumido aneurisma o desengano... (1)

Sempre crente no ultimo periodo da doença, ao lembrar-se do que podia ainda dar, desespera-se, e adopta a vaga noção do *Nirvana* buddhico, por ventura adquirida quando viajou na India e na China:

Mas da humana carreira inda no meio
Se a debil flor vital sentir murchada,
Por lei que envolta na existencia veiu;

Co'a mente pelos céos toda espraiada,
Direi, de eternidade ufano e cheio;
Adeos, oh mundo! oh natureza! oh Nada! (2)

Bocage preoccupava-se com a sua fama, e não queria que o seu nome ficasse exposto á malevolencia dos inimigos litterarios; n'esta crise moral procurou reconciliar-se com elles. E' curioso o motivo com que se justifica por se contradizer, confessando o talento dos poetas que deprimira: «Quando o homem crê visinhar com o seu nada, (o nada universal) as sombras em que o envolvem e abafam as suas paixões, se rarefazem e esvaecem aos lumes da justiça e do desengano; ou já lhe brote sobrenaturalmente na alma este phenomeno, ou já porque evaporado o amor proprio, attente mais nos outros que em si...» Por aqui se vê o estado das suas concepções; o *nada universal*, é com certeza, uma reminiscencia buddhica; tudo o mais são phrases vans, de quem em poesia versificou sobre a allegoria, e d'onde facilmente fazia entidades metaphysicas. Quando estão n'este estado de nimbo as ideias, a existencia torna-se tambem sem motivo, e por isso é desbaratada; Bocage retrata-se admiravelmente segundo este ponto de vista, e busca o ultimo motivo na contricção catholica:

---

(1) Soneto 349. Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto 306. *Ibid.*

Meu sêr evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava;

Ah! cego, eu cria; ah, misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe, natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua orgia dana.

Prazeres, socios meus e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:

Deus! oh Deus... quando a morte á luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer, o que viver não soube. (1)

José Agostinho de Macedo foi o primeiro a esquecer-se dos seus resentimentos, e a ir procurar Bocage ao andar de um casebre da Travessa de André Valente. Bocage celebra o poeta com os mais rasgados encomios:

Versos de Elmiro os tempos avassallam,

e confessa-lhe com emoção:

Elmano viverá da gloria tua! (2)

---

(1) Soneto 307. Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto 340. *Ibid.*

A Satyra *Pena de Talião* estava ainda inedita, e por ventura, conhecendo-se bem o caracter de Macedo, explicar-se-ha essa reconciliação pelo calculo de fazer rasgar essa composição. Quando passados annos um curioso a publicou no *Investigador portuguez*, em 1812, todos os velhos odios de Macedo contra Bocage renasceram, e manifestaram-se de um modo indigno.

Na sua reconciliação com Curvo Semedo, ha uma outra intimidade, a que Semedo não faltou:

> Agora que a seu lobrego retiro
> Como que a baça Morte me encaminha,
> E o coração, que as ancias lhe adivinha,
> Debil se ensaia no final suspiro:
> Musa *d'Elmano* e Musa de *Belmiro*,
> Una-se a gloria sua á gloria minha... (1)

Nos seus versos louva com o sentimento de reconciliação o auctor das *Noites Josefinas*, Soyé; e lisongea-se de ter sido celebrado nos versos de Melibeu, de Oleno, de Amphriso, de Belmiro, de Elmiro, Pierio, Almeno, Tomino, (2) e Francelio. (3)

(1) Soneto 334. *Ibid.*
(2) Soneto 350. *Ibid.*
(3) Soneto 351. *Ibid.*

Alguns amigos lembraram-se então de colligir as composições d'esta longa doença, e para accudirem á indigencia de Bocage, publicaram em 1805, os *Improvisos, na sua mui perigosa enfermidade;* o bom resultado levou a organisar uma *Nova collecção de Improvisos de Bocage na sua molestia,* e accrescentada com as composições que alguns amigos lhe dedicaram. Foi aqui que se mostrou sublime o antigo proprietario do *Botequim das Parras,* que lhe tomava os volumes dos *Improvisos* e ia de porta em porta offerecendo-os aos velhos amigos do poeta e pedindo-lhe o auxilio para a sua pobreza. Esta bella alma merecia uma existencia, como de planta salutar; teve uma longevidade digna de um coração tão puro; morreu José Pedro da Silva com noventa e nove annos de edade, em 1862. (1) Bocage cerca-se de todos os seus amigos, precisa da sua presença; a Sebastião Xavier Botelho, e a Pato Moniz diz que morre, mas quer continuar a viver na sua amisade:

---

(1) Vid. *Jornal do Commercio,* n.º 2:560, de 14 de Maio.

Moniz, oh puro amigo! oh socio, oh parte
Do já ditoso Elmano!
A's musas, como a mim, suave e caro!
De lagrimas e flores
Honra-me a cinza, o tumulo me adorna.
Não só longa amisade
Novo, sacro dever te exige extremos;
Da lyra minha herdeiro...

Bocage indigitava Pato Moniz como o talento mais vigoroso que vinha continual-o na poesia.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, nascido em 18 de Septembro de 1781, é um dos principaes amigos dos ultimos tempos da vida de Bocage; elle tomou em 1801 o partido de Elmano contra José Agostinho de Macedo, e cabe-lhe a gloria de ter luctado sempre contra o auctor do poema o *Gama*, revindicando a gloria de Camões. Esta polemica foi toda dialectica, e sem grande alcance de parte a parte; comtudo é um dos factos mais importantes da nossa historia litteraria do principio d'este seculo. As numerosas composições de Pato Moniz ficaram ineditas, sendo apenas conhecido o poema heroi-comico a *Agostinheida*, onde celebra a biographia tradicional e grutesca de José Agostinho de Macedo. Creado no fervor das ideias revolucionarias, Pato Moniz presentiu a liberdade, e nas côrtes de 1822 representou o circulo de Setubal. No anno seguinte começou a restauração absolutista, e Pato Moniz foi preso e degradado para fóra do reino, como se pode vêr nos documentos que seguem abaixo. Em 1814 Pato Moniz pagou á memoria de Bocage o culto que lhe devia publicando as *Verdadeiras Ineditas*, colligidas dos Manuscriptos que ficaram em poder da irmã de Bocage, da qual o poeta celebra no soneto da sua doença:

« Seccos —*Bons dias* da hyperbórea mana... (1)

Pato Moniz não temia a bilis diffamatoria de José Agostinho de Macedo, contra quem sustentava Camões e Bocage. Quando outros procuravam no arbitrio da auctoridade defeza contra o látego sujo do auctor dos *Burros*, (2) Pato

---

(1) Soneto 372. Ed. da *Actualidade*.

(2) «Foi V. A. R. servida por Aviso expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino em data de 11 de Fevereiro do presente anno (1815) mandar-me remetter o incluso requerimento de Luiz de Sequeira Oliva e Sousa Cabral, ordenando que informasse com o meu parecer, depois de proceder as averiguações necessarias sobre o contheudo no mesmo Requerimento, em que o supplicante se queixa do P.ᵉ José Agostinho de Macedo,

Moniz atacava-o no *Observador portuguez*, e por seu turno Macedo tambem invocava a protecção da

pelo haver injuriado atrozmente, assim como a honra de sua mulher em trez composições manuscriptas que se tem divulgado n'esta Capital, e de que se designa o supplicado por seu Auctor, intituladas — *A Elegancia dos Periodicos* que o supplicante não apresenta por ser obscenissima, como diz, — *Resposta dos Amaveis assignantes do Telegrapho ao patarata-Oliva*, de que o supplicante junta uma copia: e o poema dos *Burros*, de que sobe inclusa uma copia, que existiu na Secretaria d'esta Intendencia desde quando começou a divulgar-se, e constando que nos versos do dito Poema se satyrisava calumniosamente grande numero de pessoas, fiz indagações a respeito de quem fosse o seu auctor.

Encarreguei d'estas averiguações o juiz do Crime do Bairro do Mocambo, e este Ministro tendo-as feito com o cuidado que é proprio da sua capacidade, deu a informação de que junto a copia inclusa, acompanhando o Processo em que ellas se contem. D'elle se prova, e está já verificado pelas anteriores indagações feitas n'esta Intendencia, e contheudas nos seis termos de declaração, que ponho na presença de V. A. R. ser o sobredito Padre José Agostinho de Macedo o auctor do mencionado Poema; das outras composições, porém, não pode obter-se com a mesma o conhecimento do seu Auctor, posto que possa sem temeridade ajuizar-se pelo exame dos depoimentos das testemunhas combinadas entre si, que he o mesmo supplicado.

O que o supplicante concluindo este Requerimento no fim d'elle pede a V. A. R. he que o calumniador seja processado, a fim de obter o supplicante publica reparação da sua honra e de sua mulher, e se V. A. R. julgar que isto deve ter logar, tratando-se no dito poema de policia. (1) Um dos titulos que fazem recommendavel perante a historia o nome de Pato Moniz é

satyrisar não só o supplicante, porem ao mesmo tempo mais ou menos descobertamente muitas outras pessoas, talvez deva ser o juizo proprio para esta discussão o da Ouvidoria do Padroado Real, visto que a accusação se dirige somente contra o supplicado, e que está sendo Pregador Regio, penso gosa em consequencia do privilegio de ser demandado n'aquelle juizo de seu fôro privativo, e ali então com audiencia do supplicado, e observados os termos legaes á vista das disposições da Ord. do liv. 5.º tit. 84, que impõe pena arbitraria aos que fazem e divulgam satyras e libellos infamatorios, em cuja classe certamente se comprehende o referido Poema, se julgará em que gráo de responsabilidade deva ser considerado o supplicado por este facto.

V. A. R. ordenará o que for servido. Lisboa, 18 de Maio de 1815. (*)

(1) «O P.e José Agostinho de Macedo, e o Redactor da *Gazeta*, Joaquim José Pedro Lopes, exposeram a V. M. na Representação inclusa, que elles tinham sido doestados e diffamados por *Nuno Alvares Pereira Pato Moniz* em alguns escriptos do Artigo = Critica = impressos com o nome do supplicado no jornal que se publica periodicamente intitulado o *Observador portuguez* — do que juntaram á sua representação os n.ºs 7, 8 e 9, e posteriormente apresentaram n'esta Intendencia os que sobem juntos ao Requerimento que me entregaram reforçando os motivos da sua queixa, e pedindo que em satisfação das referidas injurias seja preso o dito Moniz ou o Editor no caso de que este não apparecesse; que sejam prohibidos e mandados recolher os numeros do Periodico em

(*) Livro xv, fl. 194, *Contas para o Governo.*

o ter sido uma das victimas sacrificadas pela liberdade que gosamos. Reproduzimos aqui a prova do seu martyrio:

que as mesmas injurias se contem, e finalmente que na Gazeta veja o publico o castigo do Auctor e a prohibição dos indicados numeros do Periodico, para se evitarem com tal exemplo de justiça semelhantes abusos da imprensa em um paiz onde esta se acha regulada pelas sabias leis.

V. M. mandando remetter-me a dita representação, Foi servido ordenar que eu informe com o meu parecer, ouvindo o supplicado.

Encarreguei em consequencia o Juiz do Crime do Bairro do Limoeiro, de o ouvir o dito supplicado, e a resposta por elle é a que sobe junta á Informação da copia inclusa, que o sobredito Ministro me remetteu, ajuizando n'ella que por não significarem as palavras de que os supplicantes se queixam mais do que ideias pueris, e estando alem d'isso competentemente licenciados os numeros do Periodico em que ellas se acham estampadas, não podiam chamar-se legalmente injurias.

Que o supplicado escrevesse os artigos de que os supplicantes deduzem o fundamento das suas queixas, prova-se plenamente pelos proprios Periodicos, em que escreveu o seu nome e elle o confessa na Resposta que deu; e que taes artigos contenham ultrajes, injurias e dicterios consideravelmente picantes e allusivos de um modo muito ostensivo ás pessoas dos supplicantes é o de que não pode duvidar-se á face dos ditos artigos: O mesmo supplicado o reconhece na sua resposta, e toda a defeza que produz consiste em ter tambem sido atacado pelos supplicantes nas composições litterarias que elles egualmente tem publicado pela imprensa inculcando assim ter

«Illmo Exmo Sr.—Tendo em consequencia da real ordem que V. Ex.ª se dignou communicar-me por Aviso de 17 do corrente, recommendado ao

sido aggredido, e não ter em vista outra cousa mais do que retorquir do mesmo modo as aggressões soffridas.

He uma verdade de que tambem não poderá duvidar quem ler as publicações litterarias dos supplicantes juntas pelo supplicado á sua resposta, ter elle sido não menos vivamente doestado em muitos logares pelo proprio nome, e não poderá igualmente deixar de reconhecer-se com magoa, que a imprensa abra de tal sorte o campo a semelhantes duelos, contrarios ás regras da censura terminantemente dadas por V. Mag.^{e} na saudavel Lei de 30 de Julho de 1795. Entretanto umas e outras publicações tem sido feitas com licença da Mesa Censoria do Desembargo do Paço, que lhes tem concedido a impressão, precedendo a competente censura, e darem-se as providencias repressivas e de castigo que os Supplicantes pedem sem ser ouvido o Tribunal que facultou as licenças, e ao qual taes materias estão encarregadas pelas Leis de V. Mag.^{e}, seria em menoscabo do mesmo Tribunal.

Parece-me portanto, ou seja para se defferir aos Supplicantes no que pertendem, ou para se ordenar a suppressão dos taes Periodicos em que estes contendores parecem dispostos a injuriarem-se mutuamente, convirá que o negocio de que se trata seja considerado no referido Tribunal e que a Meza, á vista do que por uma e outra parte se allega e prova com os impressos em que a accusação de uns e a defeza de outros se estabelece, haja de deferir ou consultar como achar conveniente. V. Mag.^{e}, ordenará o que for servido. Lisboa, 22 de Maio de 1819. (*)

(*) Livro XVIII, fl. 88, *Contas para o Governo*.

carcereiro da cadêa da cidade, que tomasse a seu cuidado as providencias ordenadas quanto ao preso *Nuno Alvares Pereira Pato Moniz* abonando o que preciso fosse, para que não perigasse a vida d'aquelle preso; recebo do mesmo carcereiro o Officio da copia inclusa, em que refere o que está disposto a semelhante respeito. O que julgo conveniente communicar a V.ª Ex.ª para ser presente a S. M. que ordenará o mais que for servido. Deus guarde a V.ª Ex.ª Lisboa, 20 de Novembro de 1823.—Illmo Exmo Sr. Conde de Suserra.—O Intendente geral da Policia da Corte e Reino, Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro.» (1) Na Relação dos suspeitos de Liberaes, em 1823, Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, traz a nota de ter sido deportado para a Villa do Lavradio, assignando perante o juiz da Mouta termo de se conformar com o governo e não frequentar associações. (2) Em 10 de Dezembro de 1823 acha-se a seguinte nota: «Foi novamente removido ao Limoeiro, onde se acha, e sendo conduzido a bordo de um Navio para o levar a Cabo Verde, não foi recebido em rasão de não se poder abordar o dito navio.» (1) Em outra occasião seguiu este destino e pouco sobreviveu, porque se julga que já em 1826 fallecera na Ilha do Fogo.

---

(1) *Contas para as Secretarias*, Liv. xx fl. 118.
(2) *Ibid.*, fl. 8, *v.*

Um outro amigo de Bocage, e poeta elmanista, João Vicente Pimentel Maldonado, tambem esteve preso pela restauração absolutista de 1823; era amigo intimo de Pato Moniz, e são bastante estimados os seus *Apologos*. Nasceu em 22 de Janeiro de 1773, e frequentou a Universidade de Coimbra quando as ideias francezas eram mais perseguidas em Portugal, e em 1796, terminou a sua formatura em leis. No meio dos enthusiasmos que então despertava a Catalani no Theatro de Sam Carlos, Maldonado mostrou-se poeta e celebrou-a em duas Odes; a liberdade inspirou-lhe a melhor parte dos seus cantos, alguns d'elles publicados no *Portuguez Constitucional*, de que era redactor o seu amigo Pato Moniz, em 1820. Maldonado era citado por Bocage como um dos amigos que o acompanhou nos seus ultimos tempos, celebrando-o com o nome poetico de *Ismeno*. Como o antigo amigo de Bocage, André da Ponte do Quental, tambem deputado ás côrtes de 1820, veiu encontrar-se no seio da representação nacional, com Maldonado e Pato Moniz, que tanto haviam aspirado pela liberdade. Como se recordariam com saudade d'esse unico amigo, que era o vinculo da sua intimidade, Bocage, que muito antes d'elles soffrera pela liberdade. Bocage era morto desde 21 de Dezembro de 1805. Ainda na sua morte coincide uma circunstancia que o approxima de Camões; o cantor dos *Lusiadas* morre antes da invasão dos exercitos de Filippe II, e Bocage, antes da invasão franceza; era em volta de Camões que se agrupavam os partidarios da independencia nacional, e foram os principaes amigos de Bocage os que soffreram pelo admiravel movimento nacional de 1820.

---

(1) *Ibid.*, fl. 131.

FIM.

SCHEMA SYNOPTICO DOS PRINCIPAES FACTOS DA VIDA DE BOCAGE

Anno	Factos	Fundamento	Discussão
1765	Nasce Bocage em Setubal, a 15 de Septembro, de José Luiz Soares Barbosa e de D. Marianna Joaquina Xavier Lestof du Bocage.	Livro 8.º dos Baptismos da Freguezia de S. Sebastião de Setubal, fl. 176 v. Assento de 29 do mesmo mez e anno.	V. supra: Pag. 11.
1779	Assenta praça de Cadete, no Regimento 7 de Infanteria de Setubal, e vem para os estudos de Lisboa aos 14 annos.	Soneto 148.	Pag. 15, 17.
1786	Por Decreto de 31 de Janeiro de 1786 é despachado Guarda-Marinha da Armada do Estado da India, partindo no mez seguinte na Náo Nossa Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena.	Archivo do Ministerio da Marinha, Livro das Mercês de Ultramar, fl. 5.	Pag. 32.
»	Apórta no Rio de Janeiro, onde estava por Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, onde con-	Canção 5.—Ode 9.—Epistola 2.	Pag. 40.

Anno	Factos	Fundamento	Discussão
	trahiu a amizade que continuou depois em Lisboa. — Encontra-se com Lord Belikford, que o retrata em uma das suas Cartas. —Chegou a Gôa em 29 de Outubro de 1786.	Livro das Monções, fl. 294.	Pag. 44, 51.
1789	Por Portaria do Governador e Capitão General de 25 de Fevereiro de 1789 é despachado Tenente de Infanteria da 5.ª Companhia do Regimento de Damão com o fundamento de serviços. Parte a 8 de Março de 1789 na Fragata Sant'Anna, chegando a 6 de Abril.	Archivo Universal, vol. IV, n.º 20: Livro II dos Registos da Secretaria do Governo geral de Gôa, fl. 533.	Pag. 67, 68.
»	Em 8 de Abril deserta de Damão com o Alferes Manoel José Dionysio pela Porta do Campo; parte para a China, talvez por Bombaim ou Surate.	Carta do Governador de Damão, Antonio Leite de Sousa, de 21 de Abril de 1789, e do Livro de Damão de 1786 a 1790.	Pag. 69, 70.
	Divaga no Cantão, e em Macáo re-	Archivo universal, vol. IV,	

Anno	Factos	Fundamento	Dis-cussão
	colhe-se em casa do Negociante de Gôa Joaquim Pereira de Almeida; recebe a protecção de D. Maria Saldanha de Noronha e Menezes; o Governador interino de Macáo o Desembargador Lazaro da Silva Ferreira auxilia-o para regressar a Lisboa.	n.° 20. Elegia á morte do Principe D. José. — Soneto 136. — Ode 9. — Ode 6.	Pag. 71, 74.
1790	Em Agosto chega a Lisboa, partindo logo para Setubal.	Elegia á morte de D. José Thomaz de Menezes, succedida em Septembro.	Pag. 79, 80.
1791	Publica as *Rimas*, 1.° volume; os *Queixumes do Pastor Elmano*, e *Idyllios maritimos*; convive com José Agostinho de Macedo e corrige-lhe a versão da *Thebaida* de Stacio. Entra para a Nova Arcadia.	Satyra Pena de Talião.	Pag. 83, 87, 91.
1793	Rompe com a Nova Arcadia, e ataca os seus membros Amaral	Sonetos 184, 180, 190, 191, 193.	Pag. 94, a 119.

Anno	Factos	Fundamento	Discussão
	França, Quintanilha, Abbade de Almoster, Caldas Barbosa.		
1797	No dia 10 de Agosto é preso por ordem do Intendente geral da Policia, Manique, a bordo da Corveta *Aviso,* que partia no Comboio para a Bahia. Foi mettido no segredo do Limoeiro, e teve por Juiz do processo Ignacio José de Moraes e Brito; foi mudado a 7 de Novembro para a Inquisição.	Registo geral da Correspondencia do Intendente Livro xi, fl. 37. Contas para as Secretarias, Livro v, fl. 166 v. Registo geral da Correspondencia, Livro xi, fl. 109.	Pag. 165, 167, 169, 173 a 196.
1798	Mettido no Mosteiro de S. Bento, em 17 de Fevereiro de 1798. A 22 de Março transferem-no para o Mosteiro das Necessidades.	Dietario do Mosteiro de S. Bento (1798) fl. 8.	Pag. 198, 199 a 204.
1801	O naturalista brazileiro P.e José Marianno da Conceição Veloso estabelece-lhe um ordenado de 24$000 reis, pelas traducções	Epistola 25.—Satyra Pena de Talião.—Epistola 15.	Pag. 211,

Anno	Factos	Fundamento	Discussão
	de varios poemas didacticos. Por causa do prologo do poema das *Plantas* rompe com Macedo. Escreve bastantes *Elogios dramaticos.*		Pag. 216.
1802	É accusado ao Santo Officio, em 23 de Novembro, pelo crime de Pedreiro livre, por Maria Theodora Severiana Lobo Ferreira.	Processo da Inquisição de Lisboa, n.º 16,125. Torre do Tombo.	Pag. 239.
1804	Publica o terceiro tomo das *Rimas.*		
1805	Começa a declarar-se a sua doença, uma aneurisma nas carotidas. Publica os Improvisos «na sua mui perigosa enfermidade;» e os Novos Improvisos. Reconcilia-se com Macedo, e Curvo Semedo. Expira a 21 de Dezembro.	Soneto 394. Ode 23.	Pag. 248 a 256.

SOCIOS DA NOVA ARCADIA

§ I. — Neo-Arcades (1790 a 1805)

1 Joaquim Severino Ferraz de Campos, *Alcino Lisbonense.*

2 Domingos Caldas Barbosa, *Lereno Selinuntino.*

3 Dr. José Thomaz da Silva Quintanilha, *Eurindo Nonacriense.*

4. Antonio Bersane Leite, *Tionio.*

5 Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa, *Corydon Neptunino.*

6 João Baptista de Lara, *Albano Ulyssiponense.*

7 Belchior Curvo Semedo, *Belmiro Transtagano.*

8 Luiz Corrêa do Amaral França, *Melizeu Cylenio.*

9 Ignacio Joaquim da Costa Quintella, *Jacindo Ulyssiponense.*

10 Francisco Joaquim Bingre, *Francelio Vouguense.*

11 João de Sousa Pacheco Leitão, *Leucacio Ulyssiponense.*

12 Jeronymo Martins da Costa, *Cassidro Ulyssiponense.*

13 ? *Marisbeu Ultramarino.*

14 José Agostinho de Macedo, *Elmiro Tagideu.*

15 Manuel Maria Barbosa du Bocage, *Elmano Sadino.*

16 Thomaz Antonio dos Santos Silva, *Thomino Sadino.*

17 Anacleto da Silva Moraes.

18 José Bersane Leite, *Josino.*

19 ? *Menalio Ulyssipònense.*

20 ? *Jonio Scalabitano.*

§ II.—Elmanistas (1805 a 1832)

21 Sebastião Xavier Botelho, *Salicio (Clario?)*
22 Dr. José Vicente Ferreira Cardoso, *Vincenio.*
23 João Vicente Pimentel Maldonado, *Ismeno.*
24 D. Marianna Pimentel Maldonado, *Armania.*
25 Miguel Antonio de Barros, *Melibeu.*
26 João Baptista Gomes, *Jonia.*
27 Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, *Oleno.*
28 D. Gastão Fausto da Camara, *Amphriso Tagitano.*
29 Francisco de Paula Cardoso de Almeida e Vasconcellos, *Olivo.*
30 Pedro José Constancio, *Pierio.*
31 André da Ponte de Quental e Camara.
32 José Maria da Costa e Silva, *Almeno.*
33 Antonio José de Lima Leitão, *Almiro Lacobricense.*
34 Vicente Pedro Nolasco da Cunha..
35 D. Antonio da Visitação Freire, *Ontanio.*
36 Felisberto Ignacio Januario Cordeiro, *Falmeno.*
37 José Nicoláo Massuelos Pinto, *Jonio.*
38 José Rodrigues Pimentel Maia, *Menalca.*
39 José Victorino Barreto Feio.
40 Antonio Feliciano de Castilho, *Mémnide Egynense.*
41 João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, *Jonio Duriense.*

POESIAS INEDITAS DE BOCAGE

Emquanto preparavamos a presente edição, fomos surprehendidos com o achado de um caderno contendo poesias ineditas de Bocage, sobretudo de um genero de que apenas se conhecia a Epistola da *Pavorosa illusão da eternidade*; era natural que tendo-se o poeta inspirado do deismo dos encyclopedistas, houvesse escripto sob essa dissolução metaphysica que se passava no seu espirito; o motivo de não apparecerem mais composições d'este genero explicavamol-o pela apprehensão dos seus papeis pelo Intendente da Policia em 1797. De facto o caderno que temos presente foi compilado por curioso que alcançou algumas d'essas peças prohibidas e que as agrupou com outras de varios auctores tambem satyricas. Reproduzindo aqui as quatro composições ineditas de Bocage, não só enriquecemos a nossa edição, como tornamos mais accentuado o perfil d'esse genio indisciplinado, que tanto representa em Portugal a corrente das *ideias francezas*. Para que fique authenticada a proveniencia d'essas poesias, aqui reproduzimos as cartas que as acompanharam:

Ill.^{mos} Snrs.

Indo hontem a casa d'um meu parente negociante, na occasião em que elle mandava revolver um montão de papel, vi, por acaso, entre este um manuscripto antigo, no qual peguei por curiosidade: eram poesias todas assignadas por Bocage.

Folheei o dito manuscripto e encontrei n'elle muitas poesias que ainda não foram publicadas, tal como 124 quadras de Bocage — «Ao seu amigo Anelio» — e outras que já foram publicadas, mas que fazem mais ou menos differença. O manuscripto, infelizmente, faltam-lhe folhas, e em algumas partes os caracteres das letras estão quasi apagados, em razão das folhas estarem todas muito sujas.

Se V. S.^{as} quizerem o manuscripto para publicarem as «Glosas», «Dialogos», etc., que ainda não foram publicados, avisem-me que eu mando-lh'o promptamente.

Ponte do Lima, 22 de
maio de 1876.

De V. S.^{a}
att.^{o} v.^{dor} e obrig.^{mo}

D. J. da Silva Machado Junior.

Ill.mos Snrs.

Recebi a carta de V. S.as e hoje lhes remetto o manuscripto de que lhes fallei. Tem elle poesias que ainda não foram publicadas, creio eu, e outras onde ha differenças, algumas pouco notaveis. Por exemplo: A glosa que tem por mote: «Defender os patrios lares», etc., é inteiramente diversa da publicada por essa redacção, e n'alguns sonetos, etc., tambem ha mais ou menos dissemelhança. Segundo pude saber houve uma época em que, não sei por que motivos, uns parentes de D. Francisco de S. Luiz que residiam n'esta villa, venderam a peso muitos livros pertencentes a este escriptor, que já n'esse tempo era fallecido. Como V. S.as talvez saibam o Cardeal Saraiva era d'esta villa; seria o manuscripto d'elle? Apesar de ser cousa já hoje impossivel de averiguar, tenho algumas razões que me levam a crêr que era.

O livro devia ser muito maior; mas o completo desprezo em que tem andado, levaram-no ao grau lastimoso em que está.

Sem mais.

Ponte do Lima, 30 de
junho de 1876.

De V. S.a
att.o v.dor e obrig.mo

Domingos José da Silva Machado Junior.

Carta a Urania

Queres, formosa Urania, que ostentando
Nos meus discursos de Lucrecio novo,
Com temerarias razões ante os teus olhos
Toque a Religião, lhe arranque a venda?
Queres que exponha em quadro perigoso
Sacras mentiras de que abunda a terra?
Que munido de audaz Philosophia
Te ensine a desprezar o horror da morte
E os sonhados phantasmas da outra vida?
Não prezumas já mais, que embriagado
Da illusão dos sentidos, e profano
Blasfemador da fé que me ensinaram,
Com libertina voz, e por despeito
De meus erros, idolatra eu aspire
A destruir a Lei que m'os condemna.
Fazendo escrupuloso e denso exame
Do mais denso e terrivel dos Mysterios,
Vou demandar em passo respeitoso
Ao centro do sacrario do Deos-homem,
Que morto no patibulo recebe
Incenso, adoração da illustre Europa.
Horrida sombra de perpetua noute
Sim faz com que pareça inaccessivel
A meus olhos afoitos o adorado,

O tremendo logar; mas tu, sizuda,
Tu próvida razão que lá me guias
Co'a tocha rutilante me precedes,
Minha mente confusa esclarecendo.
Os Ministros do Templo, que procuro
De austeras cataduras me apresentam
Primeiramente um Deos tão rigoroso,
Um Deos tal, que devera aborrecel-o;
Um Deos que nos criou para a desgraça,
Que nos deu coração propenso ao crime,
Só para ter o jus de castigar-nos:
Que nos fez similhantes a si proprio,
Para mais cabalmente envilecer-nos,
E para sermos victimas infaustas
De tormentos sem fim por ordem sua.
Mal que o homem formou á sua imagem
Eis Deos arrependido e desgostoso,
Como se d'ante-mão perito obreiro
Não devesse notar, e vêr na ideia
Quaesquer imperfeições do seu composto,
E sabio prevenil-as e emendal-as!
Depois com furia atroz, assolladora
O Numen vingativo estraga, arranca
Do aterrado universo os alicerces.
Rompendo o bôjo as nuvens carregadas
Desfecha de uma vez geral diluvio
Sobre os impios, sacrilegos humanos,
Que o mundo com seus crimes enchovalham;

Mas quererá talvez criar debaixo
De um céo risonho e puro entes amaveis,
Corações virtuosos, dignas provas
Da sua alta, immortal sabedoria:
Não; lá vaga na terra um novo enxame
De rebeldes, de iniquos, de perversos,
Escravos das paixões, soltos nos vicios,
Raça ainda pior do que a primeira.
Que furias, que flagellos, que vinganças,
Que raios vibrará contra estes monstros
A pavorosa mão do Omnipotente?
Sepultará no cáos os elementos?
Oh ternura! oh mysterio! oh maravilha!
Afoga os paes, e pelos filhos morre!
Ha um povo inconstante, ignobil, nescio,
Das vãs superstições cultor insano,
Por visinhas nações forçado ao jugo,
De vergonhosos ferros opprimido,
E ludibrio infeliz dos outros povos.
Eis que o Filho de Deos, eis que Deos mesmo
Se faz concidadão d'este vil povo,
De uma hebrêa encarnando nas entranhas.
Subordinado á Mãe, soffre a seus olhos
Os damnos, os incommodos da infancia:
Por longo tempo obreiro desprezivel
Co'o cepilho na mão, seus bellos dias
Perde em baixo exercicio; emfim tres annos
Prega á gente Iduméa, até que morre,

Em affrontoso e barbaro supplicio.
Ao menos o seu sangue, o puro sangue
De um Deos que s'offereceu por nós á morte
Não merecia assás, não tinha um preço
Raro, summo e capaz de reparar-nos
Dos golpes que os Infernos invejosos
Dirigem contra nós!.. Que! Deos por todos,
Por todos quiz morrer, veiu a remir-nos
E é, sua morte, oh céos! infructuosa?
Que! louva-se, engrandece-se a bondade,
A clemencia de um Deos tão vão, tão futil?
Quando subindo ao céo de novo accende
A colera apagada e nos submerge
Outra vez n'esses lugubres abysmos
De eterna duração, de eternos males!
Quando pelo rigor com que nos trata
Perdem todo o valor seus beneficios!
Quando havendo por nós vertido sangue,
Expiado com elles nossos crimes
Castiga em nós os de que Réos não somos!
Cego no seu furor inexoravel
Sobre os ultimos netos pune e vinga
O delirio fatal do pae primeiro!
Julga por este crime os infinitos,
Os miseraveis Povos que elle mesmo
Collocou entre as sombras da mentira!
Elle vindo dos céos, segundo a crença
Para o mundo salvar e illuminal-o!

America infeliz, sertões immensos,
Gente ás portas do sol por Deos creada,
Hyperboreas nações a quem o engano
Em somno profundissimo conserva,
Condemnadas sereis por ignorardes,
Que lá n'outro hemispherio, e n'outro tempo,
Sobre um dos montes d'Iduméa o Filho
De um pobre carpinteiro em cruz foi morto.
Não reconheço n'esta indigna imagem
O Deos, a quem meus cultos são devidos;
E se tal, qual m'o fingem, o adorasse
Teria para mim que o deshonrava.
Ouve do alto dos céos, oh Deos que imploro,
Ouve uma voz sincera e lastimosa:
Minha incredulidade ah, não te offenda;
Tu vês meu coração; pintam-te os homens
Um tyranno; eu te chamo o Pae de todos;
Não sou, não sou christão porque te adoro
Mais dignamente. Oh Céos, que objecto é este,
Que assombra os olhos meus! Eu vejo, eu vejo
O Christo glorioso: eis a par d'elle
A portentosa cruz sobre uma nuvem,
Tu jazes a seus pés soffrega Morte;
Das portas infernaes sáe em triumpho;
Seu reinado os oraculos predizem;
Sobre o sangue dos martyres assenta
Seu throno, são os passos dos seus santos,
Outros tantos milagres, bens maiores

Do que os mesmos desejos lhes promette.
Os exemplos que dá são adoraveis,
É divina a moral; elle consóla
Occultamente os corações que illustra.
Na mór tribulação lhe offerece abrigo,
E se funda o seu dogma na impostura
É feliz quem por elle é enganado.

Entre os dois quadros, indecisa Urania,
Que aos olhos te apresento, a ti compete
Deslindar a verdade occulta em sombras;
A ti, cujo talento agudo e claro
Só pela tua belleza é excedido.
Não te esqueças porém, que a mão do eterno
Gravou dentro em teu peito a lei primeira,
Digo a lei natural: crê que a brandura,
A graça, a perfeição de que és ornada
Não podem ser objecto do seu odio;
Crê que lá na presença do seu throno,
Em todo o tempo, em todos os logares
O coração do justo é precioso;
Crê, que um Bonzo, um Derviz modesto e pio
Encontram mais agrado nos seus olhos
Que um Jansenista acerrimo, implacavel,
Que um Pontifice injusto, ambicioso.
Usarmos pois com Deos nas nossas preces
D'este ou d'aquelle titulo que importa?
Recebe imparcial todos os cultos,

Nenhum honra lhe dá: não, não carece
De obsequios de mortaes; só injustiças
O offendem, se é possivel offendel-o;
Por acções de virtude elle nos julga,
Não pelos sacrificios que fazemos.

(Bocage. Ms. inedito, p. 29 a 35.)

EPISTOLA I

De Bocage ao seu amigo Anelio

1 Se tu na pomposa lyra
Te lembras meu tosco abrigo,
Eu tambem no meu retiro
Não me esqueço d'um amigo.
2 Ouve, Anelio, a minha lyra
Despida de auctoridades,
Cantar da razão singela
Talvez extranhas verdades.
3 Frio susto não adeje
Em torno de ti, Camena,
Que se alguns te criminarem
A razão não te condemna.
4 Este dom que só distingue
O homem n'este desterro
Porque é dom que Deus lhe deu
Não pode abonar o erro.
5 Se a razão, que do céo veiu
Enganasse o triste humano,
Não era a razão auctora,
Era um Deos auctor do damno.

6 Logo pois quando vos dita
Despida de prejuizos
Verdades tão innegaveis,
Tão evidentes juizos;
7 Se n'um ente limitado
Não cabe uma acção immensa,
Como póde a culpa humana
Tornar-se infinita offensa?
8 Se o goso que um Deos disfructa
Não póde ser perturbado,
Quaes serão as consequencias
Que traz comsigo o peccado?
9 Se as leis sociaes offende,
Evite-as a sociedade;
Não tenham ligeiras culpas
Castigos de eternidade.
10 Se o mal que produz a culpa
Ao homem só prejudica,
Quando commette o peccado
Punida a culpa não fica?
11 Quando mesmo um Deos devesse
Com dura mão castigar-nos,
Na intensidade da pena
Não poderia expiar-nos?
12 Pois que o homem n'um momento
Commette infinita offensa,
N'um momento um Deos não póde
Ao homem dar pena immensa?

13 Mas se acaso a sua gloria
O mortal póde murchar
Este Deos foi imprudente,
Infeliz em nos criar.
14 Os dias em que os mortaes
Commetterem mais peccados,
Para o mesmo Auctor dos dias
Serão dias desgraçados.
15 Da fortuna as inconstancias
Por este modo sugeito,
É escravo da fortuna
Quem a fortuna tem feito.
16 Por constante alternativa
Terá os bens, os pezares
D'aquellas mãos, que o incenso
Lhe queimam sobre os altares.
17 Deos grande, por que motivo
A creação emprehendeste?
Que os homens te offenderiam,
A caso não conheceste?
18 Porque razão a virtude
Borrifaste de amargura?
E pelo contrario ao vicio
Uniste tanta doçura?
19 Os attractivos que déste
Á tocante fermosura,
Não fôra melhor ligal-os
A essa virtude pura?

20 Em vez de tantas reformas
Que tens dado ao grande plano,
Não vos seria mais facíl
Tirar a mascara ao engano?
21 Esses espinhos que juncam
A vereda da virtude,
Não era melhor plantal-os
No trilho do vicio rude?
22 Permitti em desafogo
Se diga do meu desgosto
Que ao mais formidavel risco
Um Deos bom nos tem exposto.
23 Qual pescador caviloso,
Disfarçando anzol farpado,
Colhe ás mãos peixe imprevisto
Que á isca vae descuidado.
24 Tal um Deos embelezando
Esse vicio desastroso...
Mas que digo! Anelio, um Deos
Que he bom, que he santo e piedoso...
25 Mas quem póde, Anelio caro,
Meditar sem extranheza
No poder das paixões fortes,
Do coração na fraqueza?
26 Theologia inconsequente
Que me respondes agora?...
Quanto mais combino ideias
Mais teu systema peóra.

27 Tu só tens subtilisado
Mil cousas extravagantes,
Que um só golpe d'attenção
As conhece vacilantes.
28 Se eu não devo decidir-me
Avaliando as razões,
É melhor ser insensato
Que fazer combinações.
29 S'a Providencia previa
Dos homens o precipicio
Como lhe não deu, podendo,
Mais forças que ao torpe vicio?
30 E se acaso as suas forças
São ás do vicio eguaes,
Creados em puro estado
Porque pecam os mortaes?
31 Foi-lhes dada a liberdade
Para poder merecer,
Mas elles d'ella abusando
Lhes vem tão funesta ser.
32 É isto porque o mortal
Ao seu alvedrio entregue
Arbitro das suas acções
A virtude ou vicio segue?
33 Pois um presente escolhido
Que por um Deos nos foi dado,
Para fazer-nos felizes
Torna o homem desgraçado.

34 Cercado de mil enigmas
Dar-nos-hia este presente,
Seu util uso occultando
Ao miserrimo vivente?
35 De que me serve o segredo
De arranjar um firmamento
Se ainda tendo a materia
Não sei dar-lhe o movimento?
36 Que me aproveita ser livre
Se occulto motivo forte
Sempre, oh Céos! me determina
A obrar d'esta ou outra sorte?
37 Oh tyranna faculdade
Inimiga dos humanos
Se és mãe d'algumas virtudes
És fonte de immensos damnos!
38 Apezar que apologias
De genios mil tem aos centos
Sendo a culpa triumfante
São outros meus sentimentos.
39 Não previa acaso um Deos
Que de ti abusariam
Os homens que formar ia
E que o mal seguir haviam?
40 Como pois amando o homem,
Sendo em poder infinito,
Um dom lhe deu tão funesto
Que faria o seu delicto?

41 Se mais que todos os entes
Um Deos nos creou perfeitos
Porque a geração humana
É tão cheia de defeitos?
42 Muitas verdades inuteis
Sabemos com evidencia;
Sendo-nos tão duvidosas
As de maior consequencia.
43 Se um mal é de um mal origem,
Se é espirito o que pensa,
Se acaso tem a virtude
N'outra vida recompensa;
44 Se um só culto a Deos agrada,
Se a minha alma é immortal,
Se é justo que abranja o filho
Do pae a culpa fatal;
45 Se um todo de partes frageis
Sujeito à fortes paixões
É infallivel, é justo
Sempre em suas decisões;
46 Todas estas e mil outras
Ao bem nosso essenciaes,
Inda são, Deos providente,
Problemas para os mortaes.
47 Porque nascemos despidos
Das verdades interessantes,
Porque seguimos o vicio
Somos fracos, inconstantes?

48 Como de um Deos de bondade
De virtude preciosa,
Emmanou a criatura
Desgraçada e criminosa?
49 Seria a Deos menos possivel
Fazer do nada a materia,
E que enormes globos vôem
Pela região etherea?
50 Tantas mechanicas leis
Prescrever a cada peça,
E que sendo rude o barro
As leis fiel obedeça!
51 D'esse espirito e materia
Colligar as faculdades,
Fazendo que mutuas s'influam
Tão oppostas entidades?
52 Porém, a criar o homem
Não lhe seria possivel
Menos sujeito á desgraça,
Á virtude mais sensivel?
53 Dar á verdade mais força,
Ao homem maior razão,
E nutrir-lhe para o vicio
Incorrupto o coração?
54 Como, oh Céos! um Deos que é bom
E tão immenso em poder,
Não póde, amando este homem,
A sua ventura fazer?

55 Ou tu, verdade, ou tu, vicio
Não sois mais que vãs ficções
De atroz politica inventos
Para enfrear as paixões;
56 Ou este Deos que eu conheço
Por humana auctoridade
Rindo ao som dos nossos males
Gemer deixa a humanidade;
57 Ou talvez, que sendo eterna
Dos homens a geração
Não possa inverter a ordem
Mudar nossa condição.
58 Mas se tudo, Anelio, fosse
Obra só da natureza...
Porém não falte a razão
Nos espaços da incerteza.
59 Concluo só, que a substancia
Que é infinito em poder
Se ama os entes que gerara
Todo o bem lhe hade fazer.
60 Mas já sereno silencio
Vae a noite luctuosa
Brandamente gotejando
Sobre a Lyra priguiçosa.
61 De sonhos travessos prenhe
O surdo Morfêo m'espreita
E com seu halito morno
Os meus sentidos sugeita.

62 Fica em paz, Anelio caro,
Que os meus olhos carregados
Se dão ao languido somno
De abrir e fechar cançados.

(Ms. inedito, p. 37 a 48.)

EPISTOLA II

De Bocage a seu amigo Anelio

1 Emquanto nas cavas rochas
Chovem os niveos orvalhos,
E os zephyros contentes
Folheiam n'estes carvalhos;
2 E a azul-ferrete andorinha
Traz do rio no biquinho
Humido, viscoso barro
Com que formalisa o ninho;
3 Agora que Phebo sólta
As redeas auricomadas,
Aos seus soberbos Ethontes
Pelas ethereas moradas,
4 E dos olhos dos viventes
Voam subtis dormideiras
Deixando acordar as vidas
Que suspendiam ligeiras;
5 Emquanto humidos peliços
Vestem sinceros pastores,
E vão abrindo os apriscos
Aos rebanhos mugidores;

6 E dos espessos esgalhos
Do verde-negro cipreste
Pia o triste solitario
Que da côr da noute veste;
7 Outra vez, meu caro Anelio,
Eu tomo esta pobre lyra
E oscillando-lhe as cordas
Te digo o que a musa inspira.
8 D'esse aligero Cupido
Os vis, boidos farpões
Não te canta a minha musa,
Nem as terriveis paixões.
9 Embora da triste Dido
A miserrima desgraça
O fogoso enthusiasmo
De um Virgilio satisfaça.
10 Cante as formosas Helenas
Guerreiros, Achilles fortes
E de Troia bloqueada
Os fogos, o sangue, as mortes;
11 Que a minha pobre Camena
Posto que rude, mas pura
Só do poço de Democrito
Colher verdades procura.
12 Ouve-as pois, meu caro Anelio
Que já a rasão me inflamma,
E por aridos caminhos
A novas questões me chama.

13 De um Deos que é auctor de tudo
Tudo perfeito creou;
Quem trouxe o peccado ao mundo?
Quem a criatura manchou?
14 Se foi Lucifer soberbo,
Além de um Deos o criar,
Como podia este vicio
No seio da gloria entrar?
15 Como permittiu um Deos
Grassasse a culpa no céo?
Como na gloria engolfado
O Anjo a tenção lhe deu?
16 Ha tão fracos attractivos
Acaso no summo bem,
Que os Anjos na sua posse
A nutrir a culpa vem?
17 Com que poder, com que forças
Um maligno ser podia
Corromper a melhor obra
Que das mãos de Deos saía?
18 Ou as forças que empregára
Nasciam do seu poder,
E então deve independente
D'um Deos esta causa ser.
19 Ou para manchar o homem
Um Deos bom lh'o concedera,
Querendo ver imperfeita
A creação que fizera.

20 Uma só desconfiança
Murcha do prazer metade,
De não peccarmos na gloria
Quem assegurar-nos hade?
21 Se dos Anjos a pureza
Póde o vicio bafejar,
Hade o barro, que é mais fraco
A seu halito escapar?
22 Esta devorante harpia
Que do seio verminoso
Cuspiu a fatal serpente
Creou-a o todo Poderoso?
23 Se em consequencia da culpa
D'esse primeiro mortal
A geração dos humanos
Ficou tão sugeita ao mal;
24 Como em seculos successivos
Um Deos bom nos tem deixado
Gemer no seio da culpa
Sem nos curar do peccado?
25 Que Filho da Medicina
Conhecendo a enfermidade,
Sendo bom, tendo o remedio
A cura retardar hade?
26 Se tanto bem nos traziam
Os segredos revelados,
Como em espaços tão longes
Um Deos os teve occultados?

27 Se a revelação continha
Mysterios tão interessantes
Porque d'ella as nações todas
Não foram participantes?
28 Sendo pae da raça humana
Que veiu remir os peccados,
Porque uns foram predilectos,
Outros, porém, reprovados?
29 Porque emfim, reproduzido,
Em todo o mundo o Messias
Não vem obrando milagres,
Convencer as herezias?
30 Porque d'outra linguagem
Com os homens não usara,
Que em todos os tempos fosse
Tocante, distincta e clara?
31 Se nos effeitos e causas
Tanto reina a proporção,
Como de uma cousa santa
É corrupta a creação?
32 N'essa fabrica divina
E na massa dos possiveis,
Só jazia o triste barro
E as almas tão corruptiveis?
33 Peza sempre para o centro
A pedra, por lei prescripta,
E tão cega obediencia
Nem premio, nem pena excita?

34 Mas o homem, que por força
Segue a lei que o clima abraça,
Apezar que a lei respeite
Só lucra a sua desgraça!
35 Ao Alcorão obedecem
Os turcos mui piamente,
Tambem da razão se apartam,
Tem fé, como nós, ardente;
36 Tem jejuns mui rigorosos,
Mui vivas macerações,
Nas mesquitas mais respeito,
Mais fervor nas devoções.
37 Por um que chamam Deos grande
D'alguns prazeres se esquecem,
Por defender sua lei
Ao martyrio se offerecem.
38 Dizem-lhe só ser divino
O livro que reverenceiam,
Com milagres lh'o confirmam,
Para que só n'elle creiam.
39 Se da razão usar querem
Para analysar-lhe a essencia
A tantos absurdos chamam
Mysterios d'Alta Excellencia.
40 Seus interpretes lhe affirmam
Serem seus dogmas sagrados,
Que por Deos ao seu Propheta
Foram todos revelados.

41 Hade n'elles ser um crime
Julgar que a razão illude;
Mas em nós pelo contrario
Será brilhante virtude?
42 Nos christãos a fé mais pura
Hade ao summo bem leval-os,
E nos tristes mussulmanos
Hade a mesma condemnal-os?
43 Se é n'elles feio delicto
A razão não abraçarem,
E ridiculos inventos
Por dogmas acreditarem;
44 Não será em nós absurdo
Antes conforme a razão
Crêr que é Deos, real, immenso
Certas especies de pão?
45 As quaes sem differença vejo
Serem as mesmas na côr,
Na fórma, figura e tacto,
Egualmente no sabor.
46 E quando d'estas especies
Ao mesmo tempo mil comem,
Direi, que um só Deos e que todos
Um só Deos real consommem?
47 Direi que do homem vindo
Ao coração fraco unir-se
O deixe triste e corrupto
Egualmente ao despedir-se?

48 Direi mais... mas aonde, Anelio,
Quer levar-me esta rasão?
Parece que em tudo opposta
Á nossa religião.
49 Um dom que das mães me veiu
De um Sêr que meu bem deseja,
Eu não sei porque motivo
Repugna ás provas da egreja;
50 Provas que só tem por fonte
Fraca, humana tradição,
O natural amor proprio,
Principios de educação.
51 Mas se em eguaes circumstancias
Estão estes mussulmanos,
Porque devem rejeitar
Suas provas como enganos?
52 Se n'ellas crê um bom Turco
Com uma santa intenção,
Se ama um Deos, se estima os homens,
Dentro do seu coração;
53 Se das alheias desgraças
Está sempre a consternar-se,
Se os miseraveis soccorre,
Sem d'isto vangloriar-se;
54 Se a soberba desconhece
Tendo a vaidade por mal,
Se quando a fortuna o ajuda
Julga o pobre seu egual;

55 Um Deos que arguia o povo
Que com os beiços o honrava,
Porquanto seu coração
Muito longe d'elle estava;
56 Condemnar ha de este Turco
Que um Deos sincero adorava
Por não ouvir uma egreja
Que elle falsa repulsava?
57 Só porque um extremo culto
Elle seguira differente,
Ha de um Deos piedoso e justo
Condemnal-o eternamente?
58 Nasce o homem sem escolha,
Dão-lhe a beber o veneno;
Se abraça o mal por virtude
Em que offende o céo sereno?
59 Seus livros, povo e paiz,
Seus mestres e a educação,
Tudo por força lhe apaga
A fraca lei da rasão.
60 A quem devo perguntal-o,
Justo céo, tu me responde!
É a virtude que sigo?
Quem a verdade me esconde?
61 Se por fraqueza a não vejo
Porque fraco me creaste?
Se a verdade me era util,
Porque m'a difficultaste?

62 Mas o céo fica em silencio
E minha alma afflicta gira,
Por entre mornas ideias
Onde a confusão respira.
63 Porém já meigo descanço
Bafejando a minha lyra
Lhe persuade a callar,
A seria mudez lhe inspira.
64 Já sinto a picante fome
Quem em torno de mim adeja,
Já na parda porcelana
O leite gostoso alveja.
65 Permitte que eu saboreie
Esta innocente bebida,
Onde a sôpa abeberada
Mudamente me convida.
66 Os céos queiram mil prazeres
Goze a tua alma innocente,
E que Anelio não se esqueça
De um Lidio que vive ausente.

(Ms. inedito, p. 49 a 62)

Variante da Glosa, do tomo iii, p. 110, das Obras de Bocage. (ed. da «Actualidade»)

Defender os patrios lares,
Dar a vida pelo rei,
É dos lusos valorosos
Caracter, costume e lei.

(Viscondessa de Balsemão.)

Novas scenas d'alta gloria
Já na mente, de heroes pinto;
A virtude é vosso instincto,
É vosso fado a victoria.
Mandando aos annaes da Historia
Gentilezas a milhares,
Rompestes por virgens mares,
Domastes barbara terra,
Soubestes em santa guerra
Defender os patrios lares.

Antigo, immenso clarão
Vos cinge de edade a edade,
Tendes n'alma a heroicidade,
Tendes o raio na mão.
Da justiça e da rasão
Os direitos protegei;

Imitae ou excedei
O que vendo a patria oppressa
Ia, escravo da promessa,
Dar a vida pelo rei. (1)

Cruentos leões hispanos
Contra nós em vão rugistes,
A nossos golpes cahistes
Quaes os leões africanos.
Onde vindes, onde insanos?
Esperaes ser mais ditosos
Que os avós ambiciosos?
Que o fementido agareno?
Este sagrado terreno
É dos lusos valorosos.

Se, trahindo-nos o fado,
Aos feros impulsos vossos
Fôr algum dos muros nossos
Co'a baixa terra igualado,
Do triumpho imaginado
A chimera esvaecei;
Mais altos muros temei,
Mais possantes, mais seguros;
Sabeis quaes são esses muros?
Caracter, costume e lei. (2)

(1) Egas Moniz.

(2) Esta variante foi pela primeira vez publicada no jornal litterario a *Harpa*, n.º 6, da 2.ª serie.

INDEX

PAG.

Bocage, sua vida e epoca litteraria.............. 5
§ I. Periodo de infancia, e vida militar......... 9
§ II. Periodo de expatriação, no Brazil, India e China.................................. 34
§ III. Periodo de luctas litterarias, e prisão...... 78
§ IV. Periodo de desalento e morte............. 209
Schema synoptico dos principaes factos da vida de Bocage..................................... 267
Socios da nova Arcadia......................... 273
Poesias ineditas de Bocage..................... 275

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.

This book is due on the last date stamped below, or on the date to which renewed. Renewals only:
Tel. No. 642-3405
Renewals may be made 4 days prior to date due.
Renewed books are subject to immediate recall.

Due end of SPRING Quarter
subject to recall after — APR 20 '72 6 8

1'72 -7 PM 2 1

REC'D LD

REC. CIR. APR 15 '77

MAR 1 0 1977 6 9

REC. CIR. JAN 9 1980

U. C. BERKELEY LIBRARIES

C042592412